

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO.

REDACTOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

SUMMARIO

O MOMENTO	M. L.	97
SEIS SECULOS DE CALUM- NIAS.	João Leda.	99
RECORDAÇÕES DE DONA QUI- TERIA	João Ribeiro	103
ADEUS AO RIO	Antonio Salles	109
OS VARREDORES.	Oswaldo Orico	114
AMBOS OS DOIS, AMBOS DE DOIS	José Patricio de Assis.	115
SOFFRIMENTOS VOLUMTA- RIOS.	Julio Cesar da Silva	119
RELIGIAO E LOUCURA.	Amando Caiuby	131
A MEDICINOPHOBIA DE MO- LIERE	Mucio da Paixão	137

BIBLIOGRAPHIA.— RESENHA DO MEZ — DEBATES
E PESQUIZAS — CURIOSIDADES — AS
CARICATURAS DO MEZ

— S. PAULO —
MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA DOS GUSMÕES, 70 — CAIXA, 2-B



REVISTA DO BRASIL - RUA DOS GUSMÕES, 70 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: - ANNO 20\$000 EXTRANJEIRO - 25\$000 NUMERO AVULSO - 1\$800
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario: Dr. JULIO CESAR DA SILVA

Teleph.

Cidade,

6278

Regina Hotel

Endereço Telegraphico: "REGINA,,

Largo de S. Ephigenia, 8 - SÃO PAULO

Ce nouvel hôtel offre indiscutablement à M.M. les voyageurs un excellent confort. Sa situation est de premier ordre; les chambres sont grandes et bien éclairées, dotées de tout le confort désirable; de leurs fenêtres on découvre de superbes panoramas. L'hôtel possède plus de 60 salles de bain, des ascenseurs, le téléphone direct à tous les étages, l'eau courante froide et chaude dans toutes les chambres, ainsi que le chauffage central en hiver. Le personnel est spécialement choisi et la cuisine est dirigée par un chef des plus habiles. Prix raisonnables, à la portée de tout le monde. L'hôtel est dirigé par ses propriétaires, M.M.

Angelo Gabrilli & Filhos

Livros a Prestações

Procurando facilitar a todo o mundo a aquisição de uma boa bibliotheca,

Monteiro Lobato & Comp.

acabam de abrir, com o maior successo, uma secção de vendas a prestações. Desejando V. S. effectuar tão vantajoso contracto, peça informações, dirigindo sua correspondencia para

CAIXA POSTAL, 2-B - S. PAULO

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

S. Paulo

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

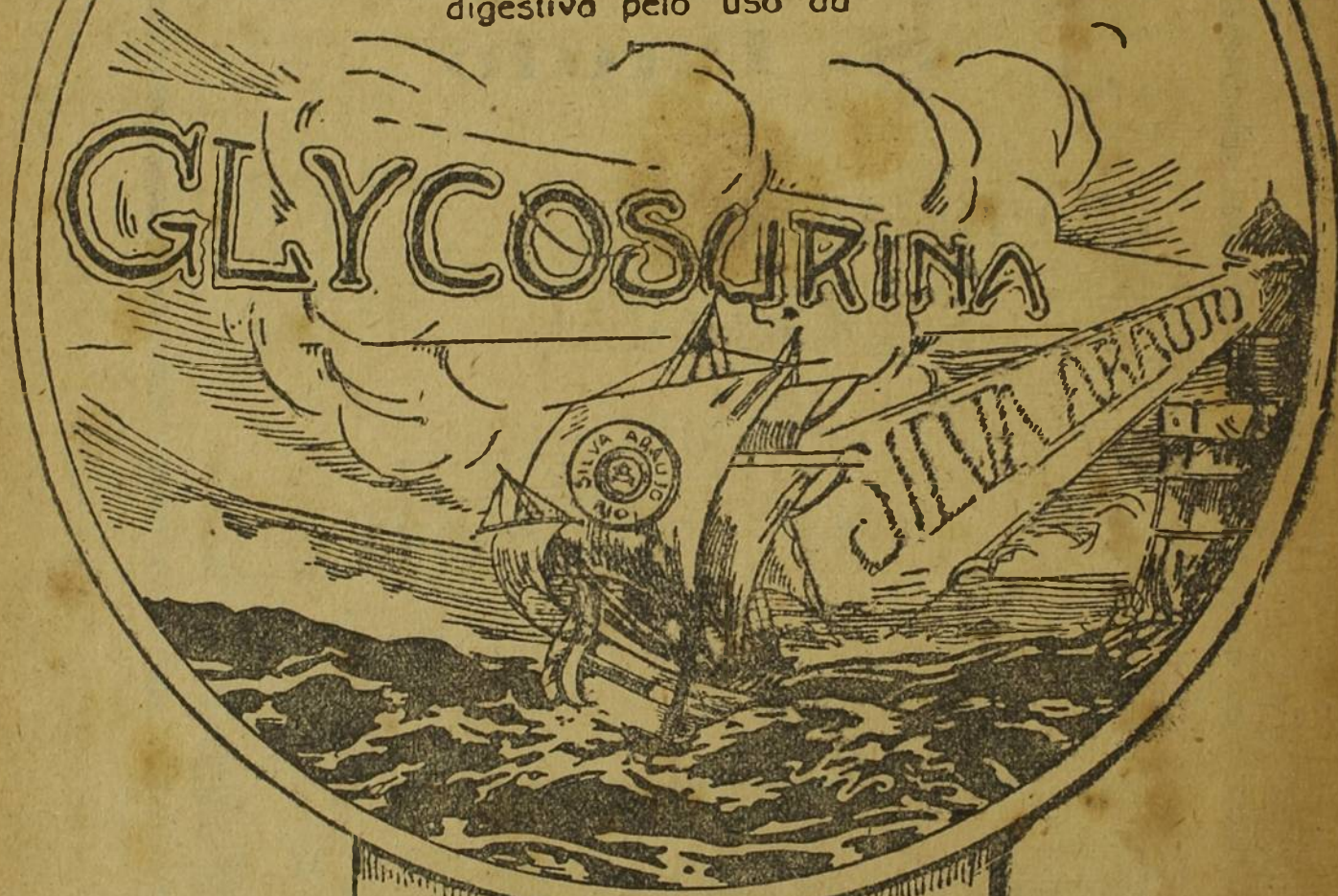
E LONDRES

Papel, materiaes para
construcção, aço e
ferro, anilinas e
outros productos chimicos.

DIABÉTICOS

é preciso combater a perda
de açúcar, tonificar o or-
ganismo, regularizar as funções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



herolco medicamento composto de
plantas indigenas brazileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

COMPREM TODOS OS MEZES

O MUNDO LITERARIO

Magnifica e victoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores : PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO
Secretario : AGRIPPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros. Só publica inéditos. Traz a resenha do movimento literario nos paizes europeus e nos estados da União. Cada exemplar de 130 paginas : 2\$000, e 2\$500 no interior.

EDITORA A Grande Livraria LEITE RIBEIRO RIO DE JANEIRO

LOTERIA DE S. PAULO

Para S. Pedro ■ Quinta-feira, 28 de Junho

200:000\$000

dividido em tres grandes premios, sendo um
de 100:000\$000 e dois de 50:000\$000.

Bilhete inteiro	9\$000
Fracções	\$900

Os bilhetes já estão á venda em toda a parte.

O maior Sucesso Esportivo

“DICCIONARIO DO FUTEBOL”

Por GUY-GAY

diz “O ESTADO DE S. PAULO : “Cremos que não existe outro melhor trabalho no genero em lingua portugueza : está destinado a ser o companheiro indispensavel de todos os futebolistas”.

ILLUSTRADO COM 23 SCHEMAS — 2\$000 PORTE FARNCO

Editores MONTEIRO LOBATU & C. — Rua dos Gusmões, 70 — São Paulo

LIVRARIA
Loureiro
R. do COLLEGIO 12-BA

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

III

MONTEIRO LOBATO — <i>Onda Verde</i> , 2. ^a edição	4\$000
<i>A menina do narizinho arrebitado</i> , album, 2. ^a edição	3\$500
<i>O Marquez de Rabicó</i> , album 1. ^a edição	2\$000
<i>Negrinha</i> , contos, edição popular	1\$500
ALBERTO SEABRA — <i>Hygiene e tratamento homeopathico das</i> <i>doenças domesticas</i> , encadernado	8\$000
<i>Phenomenos psychicos</i> , estudos	3\$000
ALOYSIO DE CASTRO — <i>Palavras de um dia e de outro</i> , allocuções	4\$000
RIBEIRO COUTO — <i>O crime do estudante Baptista</i> , contos	4\$000
RAOUL POLLILO — <i>A dança do fogo</i> , romance	5\$000
MENOTTI DEL PICCHIA — <i>O Homem e a Morte</i> , romance	4\$000
LEOPOLDO PEREIRA — <i>S. Paulo nos tempos coloniaes</i> , tradu- cção da obra de Saint-Hilaire	4\$000
CHRYSANTHÈME — <i>Gritos femininos</i> , contos	4\$000
MUCIO DA PAIXÃO — <i>Typos, curiosidades, exquisitices dos ho-</i> <i>mens celebres</i>	3\$000
SERAPHIM FRANÇA — <i>Cantos da linda terra dos pinheiros</i> , versos	3\$000
PEDRO SATURNINO — <i>Grupiaras</i> , versos	3\$000
LEONARDO PINTO — <i>Conjunções</i> , edição escolar	2\$500
LUCILO VAREJÃO — <i>De que morreu João Feital</i> , romance	4\$000
LIMA BARRETO — <i>Vida e Morte de Gonzaga de Sá</i> , do grande escriptor ha pouco fallecido	2\$000

Rua dos Gusmões, 70
CAIXA 2-B - S. PAULO

REVISTA

DO

BRASIL

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

REDACTOR

SECRETARIO:

JULIO CESAR DA SILVA

O MOMENTO

E falamos na Irlanda! E tanto chorámos, em prosa e verso, os males da Polonia!... No entanto, dentro de casa, no extremo sul, desde os inícios da Republica até agora temos a Irlanda e a Polonia. O despotismo feroz de Julio de Castilhos não soffreu solução de continuidade. Mal a morte arrebatou o organizador da mais ferrenha dictadura dos nossos tempos, Borges de Medeiros tomou as manivelas da machina de compressão e, sob capa de apostolo, manteve o arroxio cruel.

O despotismo cansa e arrasta ao desespero. Sobreveio a revolução e inda está na memoria de todos a chacina tremenda e o cortejo do horrores que foi a guerra civil. Aquelles heroes tiveram tudo contra si, até a manopla durissima de Floriano e quedaram vencidos.

A força bruta vence o corpo. A idéa, porem, é inattingivel. E a idéa de liberdade ficou nas almas dos rio-grandenses dignos desse nome como a luminosa estrella de guia.

O despotismo desespera. Os heroes, restauradas as forças, voltam hoje á campanha. Recomeça a lucta. Vida de escravos? Antes a morte heroica no campo, a morte

de Gumerindo, a morte de Saldanha. E lá estão os descendentes actuaes dos heroes degollados no tempo de Castilhos, desarmados, desajudados de tudo e de todos, brandindo as lanças contra as hostes borgistas, sob a indifferença doentia deste paiz sem nervos.

O egolatra ruge dentro do palacio. Que audacia inaudita, a daquelles Azambujas, Nettos, Mercios, Tavares, Portinhos, Mendonças, cabeças renascentes das hydras de iguaes nomes que Castilhos esmagou! Menos-prezarem o seu papado! Duvidarem da sua infallibilidade. Ousarem contrapor-lhe Assis Brasil! Aspirarem á liberdade! Desadorarem a grilheta aos pés!

Borges! Uma phrase o define.

Certo intendente, que conferenciava com elle, ousou dizer-lhe: “— Eu penso que...” O sóba cortou-lhe a palavra: “— Você pensa que pensa, mas quem pensa no Rio Grande sou eu...”

Para o Francia “pensar” é dar voltas ao arroxó. Em tudo quanto em vinte annos de dictadura esse homem escreveu ou assignou não lucila um só pensamento de largo descortino ou elevação. Illude-se como ninguém inda se illudiu. Pensa que pensa, ignorante de que só pensam os cerebros superiores. O futuro o definirá: o rebenque que pensava que pensava. Que soberbo mote para glosas comicas se a era da degolla reiniciada não gelasse com jactos do melhor sangue sulino a veia satyrica!

E continuamos a commemorar o dia de Tiradentes, symbolo nacional da revolta contra o despotismo. E esquecemos que nas cochilas do sul os revolucionarios nada mais fazem do que repetir o gesto de Tiradentes. Resurgisse o martyr e era lá que estaria elle hoje, com o pescoço não mais exposto á corda de Dona Maria e sim ao facão tradicional com que Castilhos e Borges “pensam”, seccionando carotidas.

Pobre Irlanda! Como nos commoveu o sacrificio de Mac-Swiney! Como nos commoverá o futuro jejum de qualquer novo prefeito!

M. L.



SEIS SECULOS DE CALUMNIAS

EXCELLENTE monção deparou-se ao sentimentalismo nacional, para afogar em tropos retumbantes a memoria insigne de Alighieri, sobre a qual pezam, vae por seis seculos, com manifesta irreverencia, atrocissimas calumnias.

De nossa parte, a despeito do voto do sr. Max Nordau, que nos recusa legitimidade aos fóros latinos, engrossamos, do norte ao sul, quanto pôde a nossa resistencia laryngea, o côro vibrátil que celebrou a fama do altissimo Poeta: rhetorica litteraria, rhetorica parlamentar, rhetorica escolar, toda a sorte de rhetorica enfim, com que um povo copiosamente loquaz sóe magnificar os varões egregios.

Coisa singular é que a tradição, correndo de par com a historia autentica de certos personagens, vingue sobre esta prevalecer e radicar-se na consciencia dos povos tão fundamente, que os proprios depoimentos coevos chegam a desmerecer, arguidos de inveridicidade, na construcção das biographias.

Um caso typico o do pindarisado Catão. Este bom romano varou os seculos, jungido á canga dos maximos predicaos moraes, e plantou-se no espirito das gerações como o symbolo da honra, o modelo da integridade e da rectidão, o exemplo do character estreme de mendaculos. Não ha bacôco por ahi além, que, em angustias oratorias ou jornalisticas, buscando exaltar um cidadão probo, não se lembre de exhumar o famoso estoico para uma comparação a ponto. Todavia, nada mais justificavel que o explodir da colera de um homem de bem, aguarentado com semelhante paralelo. A concepção da honra em Catão excluia, com philosophia canalha, a inviolabilidade do thoro, como legitimava a usura em complicadas tranquiernas. Se lhe repugnavam os processos indecorosos, mercê dos quaes se elevava um homem ás dignidades da republica, não lhe affrontava os brios o quinhoar um patricio nas caricias da esposa, cedendo-lh'a a praso indeterminado, sem condições, e recebendo-a por morte do usufructuario, porventura sem investigação de algum possivel damno na propriedade restituída...

Sem embargo, continua o originalissimo Catão a grangear fartos louvores e a repolir seu nimbo de alchime, justamente demittido do seio honesto da historia, mas acalentado materialmente pela tradição, de onde careteia quiçá para nossa bisbilhotice indiscreta.

Assim Dante.

Poeta da Humanidade lhe chamam e rechamam em todas as linguas do mundo. De Symbolo da Justiça Eterna tambem o denominam com arroubo lyrico, como outrosim lhe averbam a "Divina Comedia" de poema ideal de clareza, transparencia, diaphaneidade.

Estes aleives que se repetem insistentemente no rodar de seiscentos annos, trahiriam a intenção de esfarrapar a gloria do bardo florentino, se ella não se fundamentasse num poema, que fincou as balizas entre dois mundos, erguendo-se ao pé das lindes como um monumento de vertiginosa altura, onde o sol poisa primeiro antes de outorgar á humanidade o beneficio da sua luz.

Ignoramos de todo em todo se ás almas que se aposentam no Paraizo, onde provavelmente se acha o Dante a rentear platonicamente a Beatriz, o Senhor concede a graça de uma restea de consciencia, que lhes permita o memorarem, de longe em longe, o bem ou o mal que cá em baixo fizeram. Em todas as cousas cabe a hypothese, já o dissera Renan. A admittir-se o razoavel desta, não se pudera imaginar quantas vezes, em cento e vinte lustros decorridos, haverá Dante lamentado a impotencia de dispartir solidos e britannicos murros a esses irrogadores de calumnias, que, peteando pela gorja, lhe empanam e mareiam a memoria augusta.

Poeta da Humanidade, elle, que assoprava tempestades politicas e se comprazia em espreitar do latibulo afastado, onde prudentemente punha em seguro a integridade do craneo e das tibias, aquellas luctas ferozes em que guelfos e gibelinos se estracinham raivando imprecações!

Juiz piedoso, Alighieri, que, logrando por hypothese a graça divina, descera á sombria estancia dos tormentos e dos remorsos, e lá, de orelha fita ás esgrimaças do arteiro Virgilio, sem processo regular, sem interrogatorio em regra, sem praso aos réos para arrazoarem a defesa, começa a invectivar, a apostrophar, a fulminar sentenças, recrudescendo em furor principalmente contra os adversarios politicos, como se quizera deixar antecedenças aos proceres deste Brasil do seculo vinte!

Contenham os nervos os intolerantes amoucos de Dante e armem-se de heroismo para ouvir esta blâsphemia: se é verdade que os governantes da bella Florença lhe macularam as tradições de brio e pundonor, não é menos certo que o sublime menestrel as emboldriou com actos de insensatez, que só o partidario exaltado inspira. Nós lh'o perdoamos a elle, não por amor da "Divina Comedia", em cuja cerrada floresta de symbolos nosso entendimento não logra penetrar, mas por amor da lingua, que nos elle herdou e que os seraphins certamente fallam no empyreo, quando praz ao Eterno a audição de melodias divinas...

A clareza, a ambarina transparencia da "Divina Comedia", essa, o proprio Carducci desistiu de penetral-a. O eximio poeta houve medo, pelos modos, de liquefazer os miolos, e sensatamente levantou mão da empresa, declarando com honrada sinceridade "essersi smarrita la chiave del poema". Nada obstante, os emeritos decifradores de enigmas proseguem impavidos a tarefa de allumiar o abysmo. Não cessa de immergir alli a legião innumeravel dos commentadores e interpretes, os quaes, após sonâmbularem algum tempo nos circulos infernaes, surgem á luz, algo amarelllos das emanções do sulphur, expendendo com aprumo comico os seus juizos de sabios charadistas.

Para este, que farejou o cubiculo de Francesca e não sentiu fartum de peccado, o episodio dantesco não é um mero conto estribado na historia, mas uma allegoria, atravez de que se deve ver a condemnação da luxuria. O castigo alli não sidera o casalzinho combustivel, que resvalou ao peccado por via dum beijo em temperatura de cincoenta grãos, mas o proprio peccado que Dante desadorava, apezar da meia duzia de pimpolhos, que lhe dera a fecunda Gemma Donati.

Para aquelle, não ha nos tercetos do Poeta resquicio de allegoria, mas só nefanda carnalidade, que a ignominia do adulterio releva com torpitude ainda maior; e a condemnação de Alighieri, objectivando a um tempo o vicio e o crime, pretende estygmatisar a corrupção que devastava Florença.

Para um terceiro, não ha allegoria nem libello contra o immoralismo florentino, mas simplesmente a doutrinação, a theologia applicada a um systema penal, cuja concepção se pode attribuir indifferentemente a qualquer daquelles Santos Padres, que procuravam esquecer na solidão dos mosteiros as lembranças das mesmas doçuras, que arrastaram Paolo á gehenna.

Quanto a Ugolino, quanto a Bocca, o mesmo dissidio. O nobre conde que não chora, porque as caimbras estomacaeas de um homem faminto represam as lagrimas, nada tem que ver com a turbulenta chronica de Pisa. Pertence, com a respectiva prole, em inédia forçada ha meio millenio, ao dominio obscuro da allegoria. Bocca o segue ahi, esfarripado e conduzido pela redea, como perigosa "bestia dell'Inferno", zurrando a sua desdita, e acaso vaticinando que os scelerados e trahidores do seculo do aeroplano e da telegraphia sem fios seriam tratados com menos rudeza, abichando effigie nas gazetas em vez de grelhas ardentes.

Ora, temos por fé que a aureola de Dante não perderia o fulgor com que ha seculos nos deslumbra, se a despojassemos dos avelorios com que a fabula a exorna. A grandeza moral do Christo não avoluma com as pias invenções milagreiras, que os apostolos lhe entresacharam na historia simples, envolvendo-a na cerração da lenda. Sejamos, pois, sérios e honestos com o Poeta e não o injuriemos com essas grandes expressões de "poeta da humanidade", "symbolo da justiça eterna", "padrão de civismo", "modelo de clareza", e outras aleivosias tonitroantes a que a Historia inflexivel nega sanccão.

A verdade historica certifica deste teor o patriotismo de Alighieri: "Não duvidou chamar contra Florença Henrique de Luxemburgo, nomeado imperador; depois, descido de tamanha raiva, esquivou-se a presenciar o assedio da Patria."

Da integridade do juiz falla desta maneira um critico contemporaneo, Bartoli: "... nella scelta delle persone onde popoló i tre regni, non obbedi sempre ad un concetto di severa giustizia oggetiva. L'episodio di Francesca é ispirato non da sola pietà, ma anche dall'odio per i Malatesta ingenere e per Gianciotto in specie e dal desiderio di porre su un trono di gloria la vittima del feroce guelfo profundando al tempo stesso lui in Cocito."

No concernente á crystallinidade do poema, onde o espirito se conturba e oira entre as nebulosidades da allegoria, do symbolo, da theologia, regalamos o leitor inclinado ás amenidades do logogrypho com este inextricavel escholio de Ruggero della Torre: "L'officio di veltro coglie il peccatore, ma esso é dell'allegoria, mentre l'intenzione, che é l'officio dello scrittore fuori d'ogni allegoria, colpisce il peccato solo. Infatti se l'allegoria nel primo canto ci mete innanzi una lupa, di contro le troviamo un veltro; quando noi diciamo p. es. essere sotto la lupa intesa l'avarizia, diremo che sotto il veltro é intesa la scienza, sua oppositrice."

Neste labyrintho em que loba e galgo, este com a representação conspicua da sciencia e aquella no desempenho das funcções modestas da avareza, enredam a intelligencia sem lhe ganirem a revelação do mysterio, não ha meio de penetrar. Dahi o palparmos toda a densidade da nossa bronquite, quando uma creatura ás vezes de means lettras, ao ler Dante, saca das profundezas do seu sêr um grande suspiro de satisfação intima, e exclama, convencida, que o comprehendeu.

Contudo, coisa singular, convimos que aquellas trevas possuem infinitos encantos. "Dellas emergi com as pupillas deslumbradas", ouvimos dizer ao illustre presidente da nossa Academia de Lettras, num paradoxo encantador. E reflectimos: seria acaso por isso que o anachoreta, poeta pela imaginação,

recolhia ao algar e fechava os olhos para communicar com o mundo maravilhoso, onde elle *via*, num desfile interminavel de pompas celestes, os esplendores da bemaventurança?

A "Divina Comedia" é o que é na sua colossal estrutura, na sua eminencia incontestavel, sem os nevoeiros da allegoria e do symbolo, immenso repositório de imagens, de hyperboles, de lendas, de pensamentos, de maximas moraes profundas, fraguadas pela mais rica e poderosa phantasia de poeta que a humanidade jamais conheceu, e expressadas na lingua mais musical do mundo, lingua de feitiços sem par, que o genio de Alighieri, refinando em carinhos, entreteceu de sons, de côres, de rythmos, para a symphonia triumphal do poema, onde estrugem alegres os metaes cantando a gloria de Beatriz e se lamentam afflictos os violinos, gemendo a desventura de Francesca.

Deixemos em paz, quietos e innocuos em sua impenetrabilidade, os symbolos e allegorias de Dante. Quando o nosso espirito se apascenta no "Cantico dos Canticos", dispensamo-nos bem de saber como os theologos em sua giria interpretam o symbolismo da linguagem da Sulamita. O que vemos alli é a graça, o mimo, a encantadora astucia da muchacha, que pratica a arte subtil de revocar ao prazer os nervos extenuados dum rei frascario, filtrando na glotte melodica lyricos appellos de gatinha, que tem fome de caricias.

Façamos o mesmo com a "Divina Comedia". Mergulhemos naquella torrente sonora sem indagar os mysterios que inspiraram a partitura. Isto será, pelo menos, uma expiação voluntaria do delicto de calumniarmos Dante ha seculos, offendendo-lhe a memoria com epithetos immerecidos.

JOÃO LEDA

(Da Academia Amazonense de Lettras)

Setembro, 21 — 921.





RECORDAÇÕES DE DONA QUITERIA

(Interrupção do editor)

Esses papeis de Dona Quiteria foram por mim occasionalmente numerados e divididos em capitulos com o cuidado paciente e escrupuloso que estavam a reclamar as folhas revoltas do manuscripto.

Creio, porém, que entre o IV e V capitulo desta narrativa se interpõe evidente lacuna. Como sou inimigo de ousadas interpolações nada accresci ás paginas do original.

Parece que na supposta lacuna Dona Quiteria abriu largas ensanchas para maldizer á vontade do Cazuzinha. Conheci esse rapaz que não era feio nem barrigudo. Os epigrammas que fazia deram-lhe a fama de genio.

Toda a gente sabe que os poetas de vinte annos são genios por aquella phrase feita applicada ás mulheres de equal idade. Todos elles teem o "genie du diable".

Era, pois, o Cazuzinha um genio razoavel, e, se quizerem, diabolico. Essa questao concerne a historia literaria.

Desculpem os leitores a digressão que de boa justiça é sempre tempo opportuno.

IV

DEVO começar do principio; entretanto, que posso eu dizer dos primeiros annos da minha vida? Toda ella está escripta na uniformidade dos seres elementares que apenas vivem e nada mais.

Recontaram-me tolices e disparates de que não tenho a menor lembrança e não sei até onde as glosas compromettem o texto. Dizem-me que eu era aggressiva e difficil de agradar; deve de ser a verdade porque ainda hoje o sou, bravia e selvagem.

Mas não tenho a memoria desses desabrimentos tão remotos e ponteagudos, que me faziam ingovernavel e indocil.

As mulheres mansas, todavia, são perigosas; e tenho que a mansuetude é já uma traição á animalidade. O espinho ou o amargor é uma arma de defesa, como é a doçura a primeira vertigem de perdição.

Reparem, eu digo o espinho e não o veneno.

Comtudo, vou relatar um facto diverso, sem consequencia, e que me ficou em farrapos na reminiscencia daquelles tempos.

Lembra-me, e foi o caso que o Cazuzza, um menino tão pequeno como eu, mas vivo e esperto, numa volta de "cabra-céga", e por brinquedo, deu-me um beijo.

Mas não era um beijo, que muitos beijos conhecia-os eu dos labios da mamãe. Era qualquer coisa de infernal, um gesto longo, diabolico a concentrar furias terriveis que lhe vinham dos olhos languidos, quebrados e cheios de vontade de morrer.

Senti que Cazuzinha queria desaparecer em mim.

Desvencilhei-me, rejeitei-o para trás e, com uma rija bofetada, fiz-lhe as ventas espirrarem sangue.

A "cabra-céga" terminou em tragedia.

Minha mãe desde aquella occasião não permittiu mais que eu entrasse em semelhantes brinquedos. Os meninos da vizinhança apavoraram-se e o "Rato Branco", como chamavam ao Quimquim que morava defronte, temendo igual sorte, quando me via passava ao largo.

Foi a primeira debandada dos meus amigos.

Fugia-me a sociedade, mas, em compensação a esse deserto

que me cercava, nasciam dentro em mim personagens varias que dialogavam no mundo melhor e mais intimo em que me ensimesmava. Assim, desabotoaram os meus primeiros fantasmas, companheiros e socios da minha melancholia. Diminuiam os circumstantes, mas crescia-me a alma. Desde então comecei a ouvir a pergunta:

— Estás triste?

A melancholia não é por vezes senão um outro mundo espectral que nos absorve. Eu sentia-me andar fóra de mim mesma nas horas longas de exilio voluntario da alma.

— Estás hoje triste! Sim. E dessa tristeza é que eu vivia, cheia de ausencias que a minha distancia creava e affagava.

A' parte o caso tragico da "cabra-céga" terminada em sangue, não me lembra outro.

E', aliás, coisa facil esquecer ou occultar os defeitos proprios.

Mas sustento que essa é virtude, que nos ensina a ser temidas e respeitadas.

As mulheres são flôres que é preciso sentir, de longe ou perto, mas sempre a qualquer distancia; não são fructos para ser trincados e esbagoados nos dentes do primeiro gargantão.

O Cazuzinha ficou meu inimigo até hoje. E' actualmente "sapo" da Prefeitura e vinga-se dos desaffectedos com multas e mais multas. Ficou feio e ventrudo como os seus peccados. Com a sua barriga que arqueia quatro tonéis, vive a fazer epigrammas licenciosos.

Qualquer dia me lançará em desespero, quando souber que escrevo e contravenho ás licenças por erro profissional.

— "Sáughue é danaro", como se diz no Brás.

V

A outra lembrança dos annos infantis (e esta mais profunda, impressiva e dolorosa), foi a de quando deixamos a casinha branca da Piedade, onde nasci.

Foi como se minguassem e descascassem, por assim dizer, a minha pessoazinha; porque tudo aquillo, a casinha, o arvoredor, a egrejita, os longes azulados estavam em mim. Eram como os meus vestidos, o meu burel, o meu uniforme, a minha pelle. Deixando-os, senti cair o cortice e o alburno, e envergonhei-me da minha nudéz.

Eu disse já que aquella paisagem nativa ainda vive em mim e me acompanhará toda a vida, como uma nevoa envolvente.

Vejo ainda agora o arvoredado que me falava pelo biquinho dos passaros no campo verde que parecia escutal-os e a egrejinha no oiteiro alta e branca quasi lua perenne e suave. Por vezes, ainda sinto no ouvido o fragor e o estrondo do trem expresso que passava de noite fumegante lançando grandes retalhos de luz, sobre a campina adormecida.

Dizem que duas mudanças valem um incendio; esta, despiu-me da meninice. Recolhi para dentro d'alma os destroços das arvores e da campina que me arrebatara o terremoto.

Entretanto, todos estavam alegres com a mudança.

Foi o caso que meu pae até então empobrecido em litigios longos e difficeis, ganhara a demanda e ficara rico, subitamente, da noite para o dia.

O commendador Torresão, meu padrinho, foi o primeiro a dar-nos os parabens e a olhar desvanecidamente para a afilhada.

Só eu, triste e aggressiva, não comprehendia aquella evaporação de todas as coisas que me deram a primeira noção do mundo. Minha mãe entre-sorria e chorava, e apertava-me ao seio.

— E' a felicidade, dizia-me ella. Não podes comprehendel-a.

Deixamos a casinha da Piedade e fomos habitar junto ao mar em Copacabana, num casarão que me pareceu complicado e enorme.

A alegria de meu pae era immensa e ineffavel. Ainda não saíamos da Piedade e todos que passavam, saudavam-no: — Commendador!

E elle não o era. Mas, fez vida grandiosa e fidalga, deu esmolas e alliviou a pobreza de muita gente. Mandou dinheiros grossos para a santa terrinha, berço nativo, a aldeia de Portella, na Beira, onde se adora por um anachronismo ingenuo e poetico o menino Jesus no collo de N. Senhora do O'.

Nada fez por vaidade mas por devoção e alegria. Morreu barão, sem o querer e sem o pedir.

Quando ha pouco tempo, com o desembargador, visitei a Europa, não esqueci a risonha aldeia que pertence ao aro de Vi-seu e que é, depois da Piedade, a mais donosa paisagem que tenho visto.

Quando não, devia elle, como eu, sentir o desamparo do berço nativo, em busca do mar cheio de traições e de insidias!

E que compensação podia dar-nos o dinheiro?

O dinheiro trouxe-nos a entrada subita no *high-life*.

A nata, o escól ou a *elite* (como diz aquelle celebre academico da lingua) é uma estilisação social do dinheiro. Apenas alguns pobres vaidosos a ella se aggregam através das casas de penho-

res, porque se contentam e se engasgam com o cheiro ou talvez por algum proveito catalítico.

Contava com graça meu pae que um dia certo folliculario de elegancias apontava como coisa do bom tom trazer pendurado pelo dedo um pacotinho segundo o vazo mundano do *shopping* tão commum em Londres. Era allusão discreta ao embrulho de café que, com ser barão de Portella, meu pae trazia todas as tardes.

Não sei se a moda pegou. E' provavel.

VI

Nas suas — confissões — Rousseau declara que quando viu o mar teve alguma decepção.

Os espiritos de excessiva imaginação acham-se roubados pela realidade.

Commigo, deu-se o contrario. Eu não tinha imaginação alguma e nem pensava no que era o mar.

Achei-o prodigioso, sobrenatural e divino. Se eu visse o proprio Deus depois do mar, estaria esgotada a minha admiração.

O mar ensinou-me a não limitar as coisas, e levou-me das mesquinhas bellezas á belleza eterna. Senti com o mar nascer-me n'alma a elasticidade e a sêde alongada do infinito.

Não sei se blasphêmo ou estou a criar uma heresia abominavel, mas se eu pensasse em fundar uma religião nova, seria a religião do mar.

Antes, a liberdade dos passarinhos parecia-me sem termo; agora passei a sonhar com a liberdade das estrellas a lançar a sua radiação através de regiões sem fronteiras.

E quem me deu, cá em baixo, a medida dessa escala formidavel do universo, foi o mar.

Horas inteiras, eu apreciava o mar, estudava-o, conhecia-o; na sua voz, rouca da eternidade das suas queixas, eu decifrava o mysterio da vida que não passa de um crystal do oceano.

Li, muito tempo depois, que os seres vieram do sal, e de residuos maritimos. Já eu o sabia pelo instincto das contemplanções remotissimas a que me habituara o oceano. E os nossos rythmos que origem atavica podem ter senão essa eterna mobilidade do velho padre oceano?

Infelizmente, o mar deu-me illimitadas ambições e uma eterna desconformidade com a vida.

— Tu queres mais do que convem e mais do que é possível, diz-me o desembargador Cantidiano. Realmente, a minha vontade teve um mestre insidioso. E dest'arte é que saio do mundo maravilhoso para o materialismo triste e quotidiano.

As transcendencias dissolvem e etherizam a vida pratica, e reconheço que deitam a perder muita gente.

Meu pae prometteu-me quebrar o encanto n'uma longa viagem. O monstro desceria á vulgaridade.

Como quer que seja, as minhas primeiras impressões do mar foram definitivas.

Emfim, era de mister cortar toda essa imprudente fantasia e entrar na realidade. E a primeira grande realidade que me impuzeram foi a escola.

Minha mãe e meu pae preparavam-me todos os dias para essa iniciação.

Todos os dias, apparecia lá em casa um homem sympathico e falador que não se esquecia de lembrar:

— Ponha a menina no collegio da Clarinha que, não é por ser minha mulher, é a professora mais habil d'esses arredores.

Quem assim falava, o marido de Dona Clarinha era "M'sier Tekserá", um velhusco alegre que agitava o cavanhaque como bandeira de reclame ao Collegio de Santa Clara.

Era conhecido esse homem, pelo seu vezo em todas as palestras de falar em Paris, sempre accrescentando:

— Em Paris, "onde eu estive"... Isto dava-lhe realce e poder magnetico, mas ameaçava ficar-lhe como alcunha:

— Em Paris, onde eu estive, as creanças aos sete annos logo entram para a escola.

Minha mãe applaudia esse costume parisiense.

As más linguas, entretanto, cochichavam e diziam que elle nunca estivera em Paris, nem se chamava Tekserá, mas simplesmente Teixeira, Joaquim Teixeira, á portuguesa.

Inventaram que ha tempos, havia embarcado no Rio, mas logo saltara na Bahia e lá se internara em Alagoinhas, onde serviu na estação da estrada de ferro.

Essa balela, certamente nunca lhe chegou aos ouvidos. M'sier Tekserá tel-a-ia desfeito com aquelle "cavagnaque" que tomava todos os angulos até enfrentar-lhe o nariz em para-vento. O cavanhaque, movel e ondulante, era como a sua lingua externa que lhe ajudava a carregar os *rr* e a afilar o *u*.

Como quer que seja, era uma pessoa consideravel e de grande prestigio entre as nossas relações de sociedade.

Entrei, pois, para o collegio de Dona Clarinha, o instituto de maior nomeada.

Não era, talvez, o ideal, mas como dizia M'sier Tekserá:

— Copacabana não é precisamente Paris, onde eu estive...

(A continuar)

JOÃO RIBEIRO



ADEUS AO RIO

*GRã cidade, não sei se um dia ainda
Eu te verei! Talvez não mais te veja...
Nobre cidade generosa e linda,
Adeus! que adeus, presumo, eterno seja.*

*Faz muitos annos já que, peregrino
Humilde, eu fui pedir-te um agasalho,
Levado pela força do destino
Que me enxotou do meu nativo galho.*

*Cingido nos teus braços de montanhas,
Pela tua belleza deslumbrado,
Senti em tuas liquidas entranhas
Teu coração abrir-se-me, apiedado.*

*E's tão grande, porém, tão magêstosa,
Que eu temi em teus dedalos perder-me,
E, contemplando a cuspide alterosa
Dos teus montes, julgei-me igual a um verme.*

*Mas, boa, alegre, hospitaleira e bella,
Tu me estendeste a mão ao labio ardente,
E na brandura e no perfume della
Hauri força e coragem, de repente.*

*Oh, formosa gigante cujo seio
De granito dir-se-á, mas, em verdade
E' um peito humano, generoso e cheio
Do puro e doce leite da bondade!*

*O Pão de Assucar, pedra austera e muda,
E' um collo que palpita noite e dia
Aos afagos do vento que o desnuda
Da gase azul das aguas da bahia.*

*E o olhar que deleitado e sem cansaço
Vai montes a galgar, de encosta a encosta,
Descobre a Gávea, a se elevar no espaço
Como uma mesa para os deuses posta.*

*O Corcovado altissimo e nevoento,
Como um Sinai, onde com o céu se fala,
Domina tudo, e, para o firmamento
Se ergue adornado de festões de gala.*

*E assim, grandioso e audaz, parece á gente
Um pensamento ver alto e bonito,
Que Deus, para o fixar eternamente
Esculpiu em estrophes de granito.*

*E, para além vultosa e accidentada,
Toda broslada de subtis vapores,
Mansão do sonho, idyllica morada,
Propicia aos pensamentos e aos amores,*

*Deusa que jaz em velludoso thoro
E cujo manto o vento infla e machuca,
A sacudil-a em impeto sonoro,
Dorme a divina e cérula Tijuca.*

*E a embalar os seus sonhos, docemente,
A arfar, a modular trovas de espuma,
Como uma harpa sem cordas, mas gemente,
Que em sua voz todos os sons resuma,*

*Immensa e bella, nova e primitiva,
Ao mesmo tempo mysteriosa e clara,
Como eterna surpresa, que se aviva
A todo o instante, vê-se a Guanabara.*

*Filha do mar, que a chora, além com magua,
Ella se estende pelos campos fóra,
E do seu corpo nú, submerso n'agua,
Um hombro, um seio, o ventre, um joelho aflora.*

*São esses membros da Nereida as ilhas
Que aqui e ali repontam, prolongando
A grã cidade, de que são as filhas
Disseminadas em risonho bando.*

*Pequenas umas, glabras e desertas,
Outras repletas de mansões e gentes,
De bastos vellos de arvores cobertas
Ou contendo officinas estridentes;*

*Vassallas da metropole rainha
As ilhas são como um pequeno imperio,
Que a alma gentil da doce Moreninha
Povôa de poesia e de mysterio.*

*Montanhas, mattas, praias, aguas, ilhas,
Sob o esplendor vernal de um céu jocundo
Dão-te a gloria immortal, que não partilhas
Da mais bella cidade em todo o mundo.*

*E's pulchra, és generosa; e, não contente
De tão preciosos dons, cidade augusta,
Enthesouras no cérebro fulgente
Uma imaginação clara e robusta.*

*E's como um roble magico, que o cibo
Do pensamento e inspirações dilectas
Da sciencia e do sonho offerta á tribo
Dos sabios, dos artistas e dos poetas.*

*A agua pura que jorra dos teus flancos
E que, melhor que todas nos sacia,
Sonoramente a fluir pelos barrancos,
Guarda em si o segredo da harmonia.*

*E é por bebel-a que a mulher carioca
Tem essa voz tão musical que, quando
Contra os dentes de perolâs se choca,
Lembra crystaes finissimos vibrando.*

*E com as palmeiras plasticas, ao vento
Arfando, ella aprendeu esse donaire
Do seu corpo de estatua em movimento
Ou de phalena que entre flores paire.*

*Oh, nymphas que nadaes na Guanabara
E andaes nas brenhas do Sylvestre núas,
Sois voz que vos cobris de seda cara,
E, encantadoras, vos mostraes nas ruas.*

*As verdes alamedas da cidade
Sois vós que vos cobris de seda cara,
Pois vosso olhar é todo claridade
E a vossa voz é toda melodia.*

*Neste vasto scenario de belleza
E' a carioca a esthetica figura
Que se allia ao esplendor da natureza
E della propria é a expressão mais pura.*

*A louçania da vernal paizagem,
A frescura das folhas e das flores
Fez d'Ella a fina e excelsa personagem
Em que se fundem todos os primores.*

*Oh! cidade de Estacio! Como Athenas
Possúes e dás vida e belleza a tudo.
Gravar deviam, não delphins apenas,
Mas Apollo e Aphrodite em teu escudo.*

*Quem já viveu, como eu vivi, por annos
Longos o encanto dos teus bens fruindo,
Máo grado as decepções e desenganos,
Só pensa em ti com gaudio e enlevo infindo.*

*Ingrato eu fora se te não rendesse
Um culto: meu espirito poliste.
E o coração do poeta encheste desse
Dulçor que torna o exilio menos triste.*

*Na tua gente eu achei sempre o affecto,
A graça, a gentileza, e a bizarria;
Em casa me senti sob o teu tecto,
E em teu olhar calor materno havia.*

*Deram-te os numes, abundantemente,
Preclaros dons de pensamento e d'alma;
Tens o clarão, que inflamma nossa mente
E a ternura, que as lagrimas acalma.*

*Homem e artista, brasileiro e poeta,
Ao te deixar o meu adeus te trago,
Com a saudade a pungir-me como a setta
Que crava o flanco ao teu divino orago.*

*Adeus! A tua imagem, grã cidade,
Guardo-a no escriptorio dos affectos meus.
Ninguém te amou com mais intensidade
Do que este poeta forasteiro... Adeus!*

ANTONIO SALLES

OS VARREDORES

*S*OB a fina melancolia
Que a noite, em silencio, semeia
Pela rua longa e fria,
Como um bocado de areia;

Nas horas calmas e veladas
Em que o tempo se diverte,
Sobresaltando em pancadas
A cidade languida e inerte;

Andam vassouras rumorosas
Quebrando triste e honestamente,
O rythmo cansado e doente
Daquellas horas silenciosas...

São creaturas empoeiradas,
Que, num compasso tardio,
Fazem o asseio das calçadas,
Quasi tiritando de frio.

Lentamente desaparece
O pó do asphalto, lentamente,
E ninguém sabe o que acontece
E ninguém, de certo, o presente.

Quando a manhã compõe a trama
Da vida que vem no outro dia,
Ninguém se recorda do drama
Que houve naquella noite fria...

Só a invisível memoria
Recorda assim, quasi em segredo,
A vida anonyma e sem gloria
Dos varredores da calçada,
Que levaram, com a madrugada,
Todas as folhas seccas do arvoredos...

("Corôa dos humildes")

OSWALDO ORICO



AMBOS OS DOIS, AMBOS DE DOIS

MAU grado a opinião de alguns mestres, *ambos os dois* e *ambos de dois* são expressões vernaculas, autorizadas por inumeros classicos portugueses.

Não me surpreende o riso do academico, ao pronunciares *ambos os dois!*...

Bem dizia o Rabelais: *Rire est le propre de l'homme*.

Na antiga linguagem popular usavam-se ainda as expressões *ambos e dois* e *ambos a dois*.

Diz o emerito e saudoso filologo português Julio Moreira: "E' frequente o emprego da combinação *ambos dous* e *ambos os dous* (em espanhol *ambos dos*) como no exemplo seguinte, extraído do *Monge de Cister*, de Herculano, vol. I, p. 99 da 6.a edição: "O certo é que *ambos os dous* monges caminhavam juntos." Mas na linguagem popular ha ainda *ambos e dous*, *ambos a dous* e *ambos de dous*". (Estudos da Língua Portuguesa, 1907, vol. I, pag. 6.)

Escreve o erudito professor da Universidade de Lisboa, José Joaquim Nunes: "O numeral *dois* costuma muitas vezes ser reforçado na linguagem hodierna pelo pronome indefinido *ambos*, que o precede, ora acompanhado do artigo *os*, ora só (*ambos os dois*, *ambos dois*), a antiga, porém, que é seguida pela popular de hoje usava, em vez do artigo, as particulas *e* e *de* (*ambos e dois*, *ambos de dois*), das quaes a segunda foi aqui introduzida por influencia da palavra seguinte *dois*, processo este que, representando um caso de fonetica sintatica, constitue uma especie de *prolepse* fonetica ou antecipação de um fonema seguinte." (*Gramatica Historica Portuguesa*, 1919, pag. 210).

Vejamos alguns exemplos de *ambos os dois*:

"... que *ambas as duas sóem ellas ás vezes vir...*" (Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*, pag. 200.)

"Este nome comum sempre entre os melhores classicos se applicou a *ambos os dous generos*." (Francisco José Freire, *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*, pag. 10.)

"Ambas as fórmulas são gramaticais? São-no *ambas as duas*". (Ruy Barbosa, *Réplica*, n. 40.)

"Prestariamos ás letras serviço efficacissimo cujos resultados viriam unir-se aos esforços incessantes e, dir-se-á, quotidianos de um Candido de Figueiredo, além, de um Mario Barreto, aquem mar, espargindo, *ambos os dois*, num trabalho beneditino, uteis ensinamentos..." (Laudelino Freire, *Revista da Lingua Portuguesa*, vol. I, pag. 162).

"Largos tempos sosteve-se
Rijo o combate, entre *ambos os dous* Galos..."

(Filinto Elisio, *Obras Completas*, vol. VI, pag. 296).

Exemplos de *ambos de dois*:

"*Ambos de dois* foram vencidos. *Ambos de dois* reciprocamente se amam. Desprezaram-se *ambos de dois*." (Rafael Bluteau, *Vocab.*, tom I, pag. 328).

"...o qual fizeram em uma Hostia consagrada, que acabado o juramento commungaram *ambos de dois*". (Fr. Bernardo de Brito, *Elogios Historicos dos Reis de Portugal*, pag. 73).

"Nós viemos praticando
Ambos de dous."

(Antonio Prestes, *Autos*, pag. 153.)

"Vós outros tambem cantai
Por vosso uso acostumado
Como lá cantai co'o gado:
Ambos de dous começai".

(Gil Vicente, *Obras Completas*, tom. I, pag. 74).

"Como afinam os criticos pelo mesmo diapasão, a resposta a um importa a mesma cousa que ter respondido a *ambos de dous*" (Melo Carvalho, *Revista de Lingua Portuguesa*, vol. XII, pag. 129).

Oiçamos o douto romanista lusitano, dr. José Leite de Vasconcelos: "Podemos, sobretudo na linguagem familiar, reforçar aquelle com este, e dizer *ambos os dois*; na linguagem popular usa-se tambem *ambos de dois*, *ambos e dois*, *ambos de dois*". (Lições de Filologia Portuguesa, 1911, pag. 302.)

O saudoso professor baiano, Ernesto Carneiro Ribeiro, embora contrario á vernaculidade das citadas locuções, reconhece o seu frequente emprego na portuguesa linguagem: "As expressões pleonasticas *ambos os dois*, *ambos e dois*, *ambos de dois*, muito em voga entre os antigos, são ainda hoje a trechos empregadas por alguns escritores de nota. (*Serões Grammaticais*, 3.^a edição aumentada e cuidadosamente revista pelo autor, 1919, pag. 336.)

Em conclusão, meu bondoso amigo: *ambos os dois* e *ambos de dois* são expressões vernaculas.

CONSTATAR

(Carta)

Não é só ahi nesse cantinho mineiro que se usa e abusa do vocabulo *constatar* escusado e repugnante galicismo.

Ahi, acolá, aqui, em toda a parte se encontra o *constatar* desfeando o formoso idioma de nossos avoengos.

Os engenheiros *constatam* os traçados de estradas de ferro; os medicos *constatam* a gravidade das molestias; os advogados *constatam* a existencia de boas provas nos processos de seus constituintes; os boticarios *constatam* o crime de seus colegas, trocando e elidindo drogas na confeição de remedios, com prejuizo, ás vezes, da vida do pobre e humilde freguês; os

dentistas *constatam* a existencia de algumas vintenas de caries na boca de seus clientes, extraíndo-lhes os dentes e os derradeiros tostões, pacientemente economizados; os funcionarios publicos *constatam* as irregularidades praticadas por outros parasitas dos cofres do Estado; enfim, o povo, calado, pobre, doente e humilde, *constata*, tristemente, a anarquizada situação do país, despercebido de governadores patriotas, inteligentes, honestos, trabalhadores.

Em nossa casinha, entre minha familia e meus excelentes amigos (cerca de mil autores escolhidos), *reconheço* (outros diriam *constato*) que os brasileiros ignorantes, tolos e pedantes, deslembrando apreciaveis lições de sabios mestres é inumeros exemplos de eruditos escritores, preferem os inelegantes estrangeirismos aos vocabulos genuinamente portugueses.

Constatar é charro galicismo, meu caro amigo.

E como duvidaste dos meus fracos argumentos de outro dia, ahi vão as sentenças dos juizes:

a) — “O *constatar* de que usam os francelhos é dos mais repugnantes e dissonantes galicismos que enxovalham a nossa lingua.

E além de tão mal sonante, é escusado, porque temos um chuveiro de verbos para exprimir a ação que significa em francês, por exemplo: *reconhecer*; *verificar*, *certificar*; *provar* e seus compostos: *documentar*; *atestar*; *depôr*, e muitos outros.

Ora quem possui tal riqueza, e vai mendigar fóra de casa, merece que lhe pendurem ao peito a chapa dos pobres do asilo.” (Silva Tulio, *Estudinhos de Lingua Patria*, 1893, pag. 39.)

b) — “CONSTATAR (*constater*) Por *certificar*, *documentar*, *estabelecer*, *fazer constar*, *provar*, *verificar*, é galicismo que dispensa a variedade de termos que temos para substitui-lo.” (J. Norberto de Soisa Silva, *Galicismos*, 1877, pag. 262.)

c) — CONSTATAR: Repugnantissimo galicismo, desnecessario; porque temos — *verificar*, *certificar*, *documentar*, *autenticar* (segundo o sentido do discurso).” (Dr. Castro Lopes, *Neologismos Indispensaveis e Barbarismos Dispensaveis*, 2.^a edição correta e aumentada, 909, pag. 210).

d) — “CONSTATAR — Tradução literal e servil do fr. *constater*. Diga-se *certificar*, *verificar*, *apurar*.” (Carlos Góis, *Dicionario de Galicismos*, 1920, pag. 54.)

e) — CONSTATAR: Repugnantissimo galicismo, desnecessario; sr. Candido de Figueiredo. Repugnantissimo, qualifica o nosso Castro Lopes. Sobre desnecessario, tendo em português uns poucos de sucedaneos vantajosos, crassamente francês e dissonante, contra ele reclamam juntas a vernaculidade e a eufonia. (Ruy, 184). Figueiredo ainda acrescenta que todo escritor asseiado rejeita sem hesitação este galicismo. Em seu lugar temos vocabulos expressivos — *certificar*, *mostrar*, *provar*, *demonstrar*, *comprovar*. Não encontrou gasalhado nos nossos bons dicionarios, senão no de Figueiredo para ser recambiado.” (Laudelino Freire, *Revista da Lingua Portuguesa*, vol. III, pag. 211).

Vistos os autos, prezado amigo, o réu *constatar* não póde ser absolvido e não deve residir em nosso país.

Cumpre-nos recambial-o á França, sua linda patria.

Constatar é coisa que se não deve dizer, nem escrever.

GRUDE

O teu sapateiro tem razão, meu bom amigo.

Grude é vocabulo feminino; dizem-no eruditos dicionaristas, como Adolfo Coelho, Morais, Santos Valente, etc.

De igual parecer era o saudoso filólogo mineiro, Aureliano Pimentel. E' certo que muita gente diz e escreve *o grude*.

E registrando os factos da lingua, escreveu Gonçalves Viana, em seu excelente *Vocabulario Ortografico e Remissivo da Lingua Portuguesa*, 1912: "*GRUDE*, f. e m."

O ilustrado professor baiano, dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, ensina: "Ha em nossa lingua certos nomes a que dão indifferentemente os escritores ora um genero, ora outro. Tais são *helice*, *grude*, *enfase*, etc. (*Scrões Gramaticais*, pag. 272.)

E mais adiante: "Aos vocabulos *helice*, *grude*, *personagem* dão ora um, ora outro genero." (*Ibid.*, pag. 295.)

O insigne professor da Universidade de Lisboa e erudito filólogo lusitano, José Joaquim Nunes, estudando a *flexão do nome*, faz a seguinte observação: "Ajunte-se tambem *gume* e *grude*, que costuma ser masculino no povo, feminino na lingua literaria." (*Gramatica Historica Portuguesa*, Lisboa, 1919, pag. 220.)

Logo, o teu sapateiro, preferindo a *grude*, está com os mestres da lingua, bondoso amigo.

E que o emprego da *grude* lhe dê bom proveito é o meu desejo.

JOSE' PATRICIO DE ASSIS.

Belo Horizonte, janeiro de 1922.





SOFFRIMENTOS VOLUNTARIOS

E ENTRARA o reporter, um mocinho enfezado, de ar vivo e movimentos muito lestos. Servindo-se da copa do chapé como de uma escrevaninha, ali collocara umas tiras de papel e ia tomando apontamentos á pressa, em gestos bruscos, levando de vez em quando o lapis á ponta da lingua, em tics nervosos que o epileptisavam. Todos os olhares se voltaram para elle, muito attentos, cheios dessa attenção sem curiosidade que têm os olhos ociosos que buscam alvo.

Homens graves, trajados de preto, receiosos do apertão, defendiam as cartolas luzidias erguendo-as acima dos hombros ou abandonando-se com ellas em movimentos preguiçosos.

Já não havia espaço onde pôr as corôas; ora em pilhas, ora encostadas á parede, enchiam o salão, armado em camara ardente, a bibliotheca, o gabinete, o corredor, os aposentos interiores, transbordando para fóra ao longo da escada de marmore que dava para o jardim.

Na rua, de extremo a extremo, estavam enfileirados os automoveis, os caleches, e uma ou outra viatura de feitio antiquado.

O reporter dirigiu-se a uma senhora que passava empunhando um frasco de agua de colonia.

— V. Exa. é da familia?

— Sim, fez ella parando e compondo o rosto com um ar de tristeza desconsolada.

— Poderá informar-me se deixou viuva e filhos?

— Deixou viuva, d. Joaquina Alves do Castro Delgado, minha prima. Não tiveram filhos.

— A que hora morreu?

— A's duas da madrugada. Foi uma coisa assim, de surpresa. Ainda á noite recebeu visitas, conversou animadamente, jantou com appetite. Tinha uma velha lesão no coração, com que nunca se preocupou porque não o fazia soffrer.

— Foram casados muitos annos?

— Agora para o Natal iam completar quarenta annos de casados. O senhor é representante de algum jornal?

— Sim, minha senhora, do "Diario da Tarde".

— Se precisar de mais informações a respeito do fallecido, consulte a "Genealogia Paulista", que lá encontrará a sua biographia completa.

— Residia em S. Paulo?

— Logo que se aposentou mudou-se para aqui.

— E o nome todo do fallecido, minha senhora?

— Dr. José Augusto de Castro Delgado Netto.

— Obrigado...

E o reporter, muito lépido, abrindo caminho com os cotovelos e com uns "com licenças" em cicios assoviados, passou a examinar as fitas roxas das corôas cujos dizeres dourados ia copiando apressadamente.

Houve um rumor de passos, e toda gente se encaminhou para a camara mortuaria. Os que não puderam entrar, ficaram no corredor, alteando o pescoço. Era o caixão que ia sahir.

D'ahi a minutos, ao trote de quatro cavallos emplumachados, com um séquito de uma centena de viaturas, era levado para o Cemiterio da Consolação o illustre morto.

* * *

Os tempos mudaram muito. Hoje, as moças solteiras já podem tagarellar, entre amigos intimos de ambos os sexos, e, o que mais é, entre pessoas de provecta idade, sem nenhum escrupulo com aquelles e nenhum respeito a estes, dos seus namoros e amores, das suas preferencias sentimentaes e das suas leviandades de salão, sem peias e sem pejo. Cara a cara com seus namorados, quer sejam definitivos ou aventureiros de um dia, discorrem com desgarre, olhos nos olhos, senão mãos nas mãos, como se entre mulheres estivessem.

Ha meio seculo ou menos talvez, nem se pensava taes coisas fossem possiveis. O homem era sempre um bicho perigoso, embora tivesse as apparencias de um animalejo inoffensivo ou fosse inoffensivo de facto. Delle se afastavam as moças com prudencia ou delle só se approximavam se os papás o consentiam, e isso mesmo

mediante mil cautelas e a fiscalisação vigilante, bugalho em alvo, de toda a familia a postos.

Se na capital eram esses os cuidados com que viviam as moças enfaixadas, imagine-se o que ia pelos logarejos do interior, onde nem se ensinava as moças a ler para que não aprendessem coisas...

Quando o dr. Delgado, nomeado juiz municipal, appareceu em Jaguary, tornou-se o assumpto forçado de todas as palestras, e os commentarios em torno á sua pessoa só começaram a arrefecer depois de muito tempo, quando já elle se familiarisara com toda gente e se fizera creatura normal.

Em Jaguary sabia-se que o futuro juiz era um moço viajado, que conhecia todas as capitaes europeas e privara com grandes figurões. Só em parte tinham fundamento essas vozes. Estivera, de facto, em Coimbra, onde fizera o seu curso de humanidades no Licêu. O mais, pura phantasia. O pae, que empobrecera, não podendo mais mantel-o em Coimbra para onde o enviara a fazer o seu curso de Direito, escrevera-lhe uma longa carta em que lhe contava dos seus máos negocios e da impossibilidade de continuar a auxilial-o nos estudos. Convidava-o pois a voltar para S. Paulo, a trocar a carreira das letras pela do commercio, menos brilhante, sem duvida, mas rica de fructos quando ha vontade de trabalhar e o proposito de impor á praça um nome honrado.

"Todos os caminhos conduzem a Roma", garatujou sentenciosamente o pae no final da missiva. O velho portuguez dos Açores queria dizer, na sua, que de qualquer fórma se faz dinheiro. O furtica do Licêu coimbrão entrou até ao fundo o pensamento paterno. Não houve grande Africa nisso porque a maior fôra decifrar-lhe os gregotins, o que conseguiu, affeito como estava a matar charadas.

Voltou para S. Paulo e metteu-se caixeiro no armazem do pae.

O trabalho ao balcão, a escripturação e mil e outros affazeres não o desviaram da resolução de seguir os estudos. Levando por deante a sua ambição sem recorrer ao mealheiro paterno, onde eram escassas as economias, cuidava elle que ia á sua vontade, quando tambem ia á vontade do pae, sem o saber. O pobre velho queria-o bacharel; não o dizia, porem, embora esse fosse o seu animo, receioso de commeter ao filho o peso de tanto esforço.

Roubando minutos ao decanso e ao repouso, lá ficava elle ás voltas com os livros, e tanto fez, tanto se esforçou, que, ao cabo, logrou conquistar o seu titulo de doutor.

Dispunha o velho commerciante de boas relações na cidade e graças a ellas poude facilmente arranjar a nomeação do filho.

O dr. Delgado partiu para Jaguary. Muitos livros, muitas andainas de fato novo levava nas malas e muita ambição no fôro intimo. O titulo de doutor, a posição de magistrado e as roupas de

fino crte eram garantias sobejas de exito; s estas, na realidade, bastavam, mas ainda havia, a reforal-as, a sua belleza varonil, uma belleza solida, de bom quilate, de que elle aparentemente não fazia praça mas que presava como o mais precioso dos bens com que o dotara a Providencia.

O seu pensamento fixo era fazer carreira pelo casamento. Bons partidos não lhe faltariam seguramente, e se alguma difficuldade se lhe antolhasse seria a da escolha. Contava como certo que as moças ricas o rodeariam, cubiosas, como os peixes que andam  lambujem da pedra...

Em Jaguary, em meio áquella população enfezada, encardida e de ar doentio, a sua belleza sadia e a sua elegancia aprumada se impunham com um destaque de escandalo.

Toda aquella gente tinha mãos dentes ou não os tinha de todo, o que era mais commum.

D. Marocas, a esposa do capitão Alves, que provou a ventura de ser a primeira a falar com elle no dia da chegada, contando s amigas a impressão que o novo juiz lhe causara, fez esta observação, que pareceu a todos muito bem apanhada:

— A bocca do dr. Delgado  tão exquisita! E' uma bocca cheia de dentes...

Esta observação espalhou-se rapidamente e toda gente a achou exactissima.

As jaguaryenses nunca tinham posto os olhos em rapaz de tanto tomo.

Se acaso o encontravam, porém, o recato obrigava-as a baixar os olhos e correspondiam-lhe ao cumprimento sem o encarar. Quanto a achal-o bonito, podiam dizel-o, que ninguem lhes ia  mo por isso, comtanto que o não dissessem com excessivo calor, antes com um certo desdem, não só porque era de bom gosto como para que não se suppuzesse que de envolta com a affirmaco deixavam transparecer alguma preferencia. De resto, entre as moças casadouras, tudo quanto dissessem respeito a homem era tomado  ma parte.

Uma houve, entretanto, a Nhanzinha, mais audaciosa, ou se quizerem, mais ingenua, que se arriscou a affirmar que o dr. Delgado era o moço mais formoso que até então vira, e não contente disso, pormenorizou os escantos que lhe notara, fez comparações, exaltou-se. Calou-se em seguida, vexada, ao advertir que toda gente recuara alguns passos e a olhava com desconfiança, aborrecida de ouvir tanta inconveniencia.

D. Marocas não teve mão em si que lhe não observasse com azedume:

— Como você está sahida, Nhanzinha!

— Que sapequice! ciciaram algumas.

Outras não tiveram voz para commentar. Estavam pallidas de susto.

As solteironas, que constituíam a maior parte da população feminina da villa, sahiram indignadas da casa de d. Marocas, protestando que lá não poriam mais os pés enquanto d. Marocas se obstinasse em receber de portas a dentro uma creatura tão immoral... Dir-se-ia que tinham dado ouvidos a obscenidades, e que as suas respectivas castidades, cultivadas com tanto esmero, acabavam de receber a peor das affrontas.

Desde então a villa em peso desandou a rumorejar em torno da reputação da pobre moça.

* * *

O capitão Alves, chefe politico, tinha uma filha unica, a Quininha, a rapariga mais interessante daquellas redondezas. Rica, prendada, quasi bonita. Até dentes tinha quasi todos, concertados a ouro; de modo que, quando ria, mostrava ter mais ouro na bocca que dentes propriamente. Isto fez dizer a uma senhora, que viveu sempre ás testilhas com d. Marocas, mãe da rica herdeira:

— Quininha já leva o dote na bocca...

Os adversarios do capitão Alves, que eram muitos, acharam immensa graça á mulher, e riram, riram que já não podiam ter as ilhargas e foram contar o caso á soalheira. Os outros riram á socapa.

Quininha já completara os seus vinte e quatro annos, e não se casara ainda por mingua de homens que a merecessem.

Demais, os homens dignos de Jaguary, o pharmaceutico, o medico e mais dous ou tres pequenos lavradores, eram casados. Os solteiros, um rebotalho.

Quininha parecia ir-se resignando ao seu destino de ficar solteirona. Consolava-se lendo as "Horas Marianas" e mais um ou outro livro casto que lhe vinha ás mãos, recommendado pelo seu confessor, o padre Britto.

Quando os seus olhos se encontraram pela primeira vez com os do dr. Delgado, seu peitinho chato e estreito, entalado no alto collete de barbatanas, offegou. Sem embargo, perguntando-lhe a mãe como achara o novo juiz, fez um "Ein?" desentendido, em tom fanhoso, e depois, dando de hombros:

— Assim, assim...

Quininha ainda anasalou o adverbio, pronunciando-o "ansim", para cunhar mais fortemente o seu desdem.

D. Marocas, que farejou no moço um bom partido para a sua filha, entrou a enumerar-lhe as qualidades, a gabar-lhe a boniteza e, sobretudo, o bello futuro.

— Não deixe escapar o dr. Delgado, minha filha, que homens como esse não apparecem por cá.

— E que tem isso?

— Tem muito. Você quer ficar para tia?

— Ser tia não é vergonha nenhuma, mamãe.

— Bem sei. Mas olhe que ter sua casa, seu marido, seus filhos, é sempre melhor que viver só. Nós estamos velhos, já estamos com o pé p'ra cova... Pense bem, Quininha.

Quando d. Marocas falou em filhos, a moça teve um gesto de susto e um leve rubor lhe tingiu o rostinho anemico. Depois, encarando a mãe resolutamente:

— Não gosto do dr. Delgado, mamãe!

Era uma violencia que fazia ao seu coração.

Nessa noite Quininha não dormiu. A visão do moço lá estava deante dos seus olhos, e era como se estivesse a vel-o, tal o seu poder de evocação. Revia-o inteiro, alto e forte, com seus olhos grandes e pestanudos, com seus cabellos ondedos e tumultuosos, seu riso largo em que os dentes brilhavam, um pouco tal como era na realidade e um pouco collaborado pela sua imaginação. E abraçada ternamente ao travesseiro, confessou aos entremeios da fronha as mil coisas confusas que lhe iam dentro n'alma.

No dia seguinte, pela manhã, quando appareceu na sala de jantar para tomar o seu café com leite, vinha mais pallida que de costume e trazia mais fundas as olheiras. D'ahi por deante seu espirito não teve mais socego. Amava-o em silencio, e em silencio, sem que ninguem o suspeitasse, vivia delirando.

Uma tarde o capitão Alves, ao entrar em casa depois da habitual cavaqueira na pharmacia, annunciou:

— O dr. Delgado vem hoje jantar connosco.

Quininha, que estava a fazer crochet a um canto da sala, sentiu um vágado na vista. O novelo rolou para o chão. Seus dedos, entretanto, continuaram a tecer as redinhas.

Houve um reboião na casa. Todas as mucamas e escravos de dentro foram mobilizados para dar um arranjo melhor ás coisas. Na cozinha ia movimentada a faina. Todos falavam ao mesmo tempo; o falsete de d. Marocas esganiçava-se a dar ordens. A azáfama e o barulho duraram até ao momento em que o juiz municipal bateu as palmas no corredor. Houve umas fugidas subitas, estalos de portas que se fechavam, e em seguida silencio...

Quando d. Marocas foi ao quarto da filha a avisal-a de que era preciso ir cumprimentar o dr. Delgado, que já perguntara por ella, encontrou-a deitada com um lenço amarrado ao redor da cabeça.

— Que é isso, filha? Você está doente?

— Uma enxaqueca, mamãe.

— Mas você ainda ha pouco não tinha nada...

— E' verdade. Veiu-me de repente.

— E então? Não vae ver o dr. Delgado?

— Não posso, mamãe. Peça-lhe desculpas por mim, sim? Diga-lhe que estou muito doente, que sinto muito... Faça isso, sim, mamãe?

A velha mordeu os labios de contrariada. No fundo, não deu nenhum credito á enxaqueca.

— Está bem, disse.

E sahiu.

Pelo buraco da fechadura Quininha regalou-se de contemplar o rapaz, que se sentara á cabeceira da mesa, de frente para o seu quarto. Contemplou-o todo o tempo em que elle alli esteve e achou-o mais lindo que nunca.

* * *

Delgado, á sua parte, começou a preoccupar-se com ella, não apenas por ser a moça mais bonita e mais rica da villa, mas principalmente por se lhe ter mostrado tão fugidia.

Ha homens que se interessam de preferencia pelas mulheres que se lhes offerecem, sentindo-se lisonjeados por essa côrte franca, sem temor á censura e ás linguas solheiras; Delgado pertencia a outra classe, e Quininha, tendo-lhe ferido o orgulho com a sua attitude desdenhosa, tomou-lhe conta do coração. Consultado este, convenceu-se de que a amava.

O amor nunca entra o coração tamanho como é. A principio é apenas uma semente; com o tempo e com as condições favoraveis, é que começa a abrolhar e lançar raizes. D'ahi em diante é tenaz como escalracho; não ha arrancal-o sem ir com elle o sangue, a alma e tudo.

A pessoa com quem tinha mais intimidade era o escrivão Cancio. Foi pois ao Cancio que abriu um dia o seu coração, contando-lhe a sua inclinação e as suas esperanças.

O escrivão ouviu aquellas confidencias como se estivesse a ouvir coisas velhas e revelhas.

— Eu já sabia disso, todo mundo já sabia disso.

Iam caminho da Camara onde o juiz dava audiencia. O juiz parou, surprehendido.

— Que é o que sabia, sr. Cancio? Todo mundo sabe que eu amo d. Quininha? Mas eu nunca o disse a ninguem, hom'essa!

— Não importa. Antes do senhor vir para aqui, já corria como certo o seu casamento com a filha do capitão Alves.

— Não me diga, homem! Que coisa extraordinaria! Como se explica isso?

— Correu por aqui que o senhor era bonito, que fizera um curso muito brilhante na Academia, que viajara toda a Europa, que se vestia a primor... Creou-se até uma lenda em torno da sua pessoa. Ora, um homem assim estava destinado fatalmente a casar-se com a principal moça da villa, que é d. Quininha, a mais bonita, a mais rica e a mais prendada. Quando todos ficaram ao corrente das suas qualidades, não houve ninguem que não dissesse: "Está a calhar para d. Quininha".

— Curioso! falou o moço, sorrindo. De modo que d. Quininha só estava á minha espera...

— E' a opinião geral.

— E se eu lhe disser, sr. Cancio, que eu nunca lhe ouvi a voz, que nunca ella me olhou, e que, ainda ha dias, quando fui jantar á casa do capitão Alves, ella nem me appareceu?

— Que tem isso? E' o feitio das moças d'aqui. Sou capaz de jurar que ella vive a suspirar de amores pelo senhor.

— Quer-me parecer que não...

— Ora! não ha nada mais certo.

— Ella disse-o a alguem?

Cancio encarou-o com sobrecenho risonho, escandalisado pela pergunta.

— Oh! não! Acho que nem á propria mãe ella teria animo de confessar que o ama. O senhor não faz idéa como d. Quininha é reservada e pudica. Leva a pudicicia ao exaggero. Conhece a Luizinha? aquella moça loura de olhos azues?

O juiz não se lembrava.

— Pois Luizinha, que é uma excellente moça, bonita e boazinha como o doutor não faz idéa, sympathizada por todos, esteve de casamento tratado com um rapaz, que não sei por onde anda. Não faltava nada para o casamento, e até o enxoval della estava prompto. Para espanto de todos, o casamento desmanchou-se. Depois é que se soube o motivo. D. Laura, que é a peor lingua da villa, disse ao noivo que Luizinha tinha uma ferida na perna, e elle, desgostoso, desapareceu. Veja agora, sr. doutor, até aonde vae a pudicicia de d. Quininha. A coitada da mocinha teve a ingenuidade de dizer, em casa do capitão Alves, que, se se encontrasse com o seu ex-noivo, lhe mostraria a perna para que elle visse que a sua perna não tem ferida nenhuma, nem signaes disso. Foi quanto bastou para que d. Quininha nunca mais a recebesse em casa, só porque falou em perna...

— Que pudores exquisitos!

— Para o senhor ver! Fica então o senhor sabendo com quem trata. Em presença della, todo cuidado com a lingua é pouco.

* * *

O casamento de Quininha com o dr. Delgado ficou marcado para o Natal, data em que os paes da noiva iam commemorar as suas bodas de prata. Ficou combinado reunir as tres festas numa só, Natal, bodas de prata e casamento. Todas as mulheres prendadas da villa foram incumbidas de trabalhar para ao enxoval da noiva, e o capitão Alves mandou vir de S. Paulo tudo quanto era preciso e do melhor cabedal.

Nem para a festa do Divino houve tão anciosa expectativa. O padre Britto approvou o casamento e reforçou a approvação accrescentando que nunca vira duas pessoas tão parellhas em condições.

Durante a cerimonia, quando o padre Britto perguntou á moça se era do seu gosto casar com o dr. José Augusto de Castro Delgado Netto, este aguçou o ouvido com uma certa commoção, porque ia ouvir pela primeira vez a voz da sua amada. Quininha, porém, num tremor que lhe agitou a grinalda e o véo, não pronunciou o "sim" esperado, contentando-se de responder com um gesto de cabeça, quasi imperceptivel. Verdade é que mexeu os labios, mas ninguém lhe ouviu nada.

A festa, que se realisou na "casa grande", residencia da familia Alves, durou até madrugada. O dr. Delgado, sentado á cabeceira da mesa, defronte da esposa, estava vagamente apprehensivo. Amal-o-ia Quininha? Que segurança podia ter disso se nunca lhe ouvira a voz nem lhe conquistara um sorriso?

Quininha alli estava como num pelourinho, e a attenção das gentes ardia-lhe no rosto como um sedenho.

D. Marocas, por seu turno, não se sentia menos inquieta. Não sabia que pensasse da attitude da filha. Quando lhe foi dizer que o dr. Delgado a pedira em casamento, a moça, que estava lendo, nem levantou os olhos do livro, e ciciou apenas com um ar de resignação:

— Faço o que a senhora quizer.

— Não é então do seu gosto, filha?

— Não se importe com o meu gosto, mamãe. Caso-me. Não é o que a senhora e papae querem?

E foi tudo.

O capitão Alves mandara reformar e alfaiar uma das melhores casas de sua propriedade para a offerecer ao joven casal. Ficou um "brinco", como se dizia. Acabada a festa, para lá se dirigiram os dois, acompanhados de todos os convidados.

Quininha foi para o quarto com a mãe; Delgado ficou na sala a conversar com o sogro.

Quando os velhos sahiram, elle dirigiu-se para o quarto nupcial. Estava fechada a porta. Bateu de manso com os nós dos dedos, e chamou, pondo muita ternura no appello:

— Quininha.

A moça não respondeu. Alli permaneceu elle mais algum tempo. Foram minutos que lhe pareceram horas. Por fim, contrariado, foi deitar-se no sofá da sala, vestido como estava.

Occorreu-lhe então que essa situação, emquanto não conseguisse domar o genio obstinado da mulher, podia durar muito tempo, e como não estava disposto a passar mal as noites, a gemer no sofá, com caimbras nas flexuras, arranjou provisoriamente um quarto para si. Fossem repellões da pudicicia ou fossem contensões de capricho, o facto é que essa situação se ia prolongando e promettia não ter fim. Toda noite batia á porta da mulher, e esta teimava em conserval-a fechada.

Afóra as intimidades de alcova, que a esposa lhe não dera ainda, tudo o mais corria normalmente. Quininha já se familiarisara com o marido, já o tratava por você e travava com elle animadas palestras que se alongavam pela noite adiante. A' hora de deitar, Quininha ia ficando casmurra, tinha olhares incertos, com receio do que ia acontecer... Mas, ao cabo, o marido socegou-lhe o espirito; conduzia-a até ao quarto, dava-lhe na testa o beijo de despedida, e retirava-se. Tudo isto sem sombra de azedume, antes com simplicidade, como se entre esposos não houvesse mais deveres que aquelles.

Quininha emmagrecera muito. Soffria. Seu amor era cada vez maior. Na ausencia do marido, passava o tempo contemplando-lhe o retrato, enlevada, a cheirar-lhe as roupas, com os olhos semicerrados, em extase. A's vezes queria-o brutal, desejando que elle a subjugasse pela violencia. A essa propria idéa, assustava-se, porque, caso tal coisa se desse, sabia que teria de abandonal-o para sempre. Emfim, não sabia que quizesse, e invejava as outras mulheres casadas, que não soffriam dessas torturas.

Um dia, depois do jantar, Delgado, fechando entre as suas a mão da mulher, falou-lhe com seriedade:

— Quininha, você não é feliz. Casou-se commigo porque não teve animo de desobedecer aos seus paes.

A moça fez um movimento como se fosse falar, mas as palavras não lhe acudiram. Apertou então a mão do marido a geito de protesto e olhou-o enternecida, tentando exprimir com o olhar o que não conseguia com os labios, de modo a convencel-o de que era feliz e que lhe queria muito.

— Você não me ama, proseguiu elle, que affectou não entendel-a. Creio que me quer bem, mas isto não basta a fazel-a feliz. O que eu não quero, Quininha, é que ninguem saiba que somos infelizes. Isso me preocupa tanto e me faz soffrer enormemente! Peço-lhe pois que não diga a ninguem, e muito menos a seus paes,

que vivemos separados. Fique isso entre nós como um grande segredo.

Como doeram á Quininha aquellas palavras! Ella contava como certo que o marido, por piedoso, não calcaria nunca o dedo naquella matadura. Uma lagrima quente ennevoou-lhe os olhos, queimando-os, sentiu uma pressão na garganta e desatou a chorar convulsivamente, sacudindo os hombros de soluços.

Delgado apertou-a contra o peito num abraço em que a uma profunda ternura se alliava um doloroso e fundo resentimento. Esses dois sentimentos, de natureza tão opposta, lutaram por se lhe impor. Venceu o ultimo. O moço enxugou-lhe os olhos e o nariz, compoz-lhe os cabellos achatando-os com a palma das mãos.

— Não é preciso chorar, minha querida. Não voltarei mais a este assumpto.

Quininha por fim falou, aos arrancos:

— O que eu tenho medo é que você acabe por odiar-me.

— Oh! isso nunca! que loucura! Embora você continue a evitar o meu contacto, demonstrando por essa fórma o invencível nojo que tem de mim, o meu amor será sempre o mesmo, amor infeliz, é verdade, mas sincero e inabalavel.

No rostinho da moça havia uma amarga censura.

— Nojo! Oh, Augusto!

— Nojo, aversão, incompatibilidade, antipathia de epiderme, seja o que for. A palavra não vem ao caso. Mas não toquemos mais nessa ferida que me dóe tanto!

E nunca mais falaram nisso, ella por escrupulo, elle por proposito.

* * *

Ia-se escoando o tempo sem que a situação mudasse. Uma noite, Delgado, em seu gabinete, absorvido na leitura de um processo, esqueceram-lhe as horas, e quando deu conta era quasi madrugada. Surprehendido com o adeantado da hora, deu a tarefa por terminada, e empunhando a vela, protegendo a chamma com a mão em concha, guiou pelo corredor, pé ante pé, para não despertar a mulher. Ao defrontar o quarto della, notou que a porta ficara aberta.

Foi esquecimento, pensou. E seguiu adeante.

Entrou a cogitar então se seria esquecimento ou proposito... Elle tambem tinha indole de capricho, e aquella situação creada pela mulher, que já durava tantos mezes, acabou por tornal-o azedo. Preferia que fosse esquecimento. Mas não foi. Tratou pois de verificar d'ahi em deante se a mulher conservava fechada a porta. Ao contrario, não a fechou mais, deixando-a ora apenas

cerrada, ora escancarada. Foi elle então que resolveu fechar a sua, e quando entrava para o quarto o seu primeiro cuidado era correr a chave.

A situação mudou. Agora era elle que mantinha o capricho. Quininha notou-o. Ferida em seu amor proprio, sem advertir que o procedimento do marido era uma justa represalia, principiou a evital-o e só a contragosto é que se approximava d'elle.

Do resentimento passaram ao azedume e do azedume ao odio. Desaprenderam o papel que vinham representando para os outros, ostentando uma affectuosa intimidade cujas doçuras desconheciam, e já não recebiam visitas em commum. Por não se encontrarem, cada um recebia as suas e a horas diversas. A sós em casa, nunca se juntavam senão á mesa das refeições e isso mesmo sem trocar palavra.

E assim decorreu um anno e foram decorrendo os annos. O dr. Delgado foi nomeado juiz de direito para outra comarca, onde, para não ir ao arrepio da corrente, fez politica, da baixa, e fez fortuna, da facil, sempre ao lado da esposa e sempre separado della por um odio que durou até a morte.

JULIO CESAR DA SILVA.





RELIGIÃO E LOUCURA

E U entrava com o Emilio na Policia Central quando as campainhas de signal repercutiram. O delegado que era então substituido, troçou:

— Começas bem!... Que o teu plantão não páre nesse crime...

— Longe o agouro!... E' algum desastre de bonde, com certeza...

E num infinito aborrecimento por essa viagem extemporanea, elle tomou o automovel com o legista e escrivão. Gritou ao vêr-me estacado á porta:

— O' Alvaro! Venha connosco! Vamos vêr essa massada... Você ha de ficar afiado com estas encrencas...

O automovel sahiu bufando, numa curva fechada, a toda velocidade, caminho do largo da Sé. Ao passarmos pelo relógio do ponto dos bondes, verifiquei: cinco e meia.

A tarde cahia serena, com um tom dourado a palpitar nas frontarias graves dos altos edificios. O povo, ruidoso e apressado, movimentava-se por entre vehiculos ousados, num ultimo arranco de negocios urgentes ou do jantar burguez de horas certas. A cidade formigava. O automovel ganhava a Praça João Mendes e embicava para a Liberdade. Nós espiavamos as costureirinhas irrequietas que desciam a rua, e essas silhuetas divinas só divisadas quando corremos a toda a brida.

Ao entrarmos em Villa Mariana o sol descambava lá por traz do Cemiterio do Araçá, riscando o céu com uma grande barra alaranjada. Uma poeira de ouro fluctuava no ar, reverberava nos parallelepipedos, doirava os vehiculos, os transeuntes, as casas, tudo. Entravamos por um becco solitario dos ultimos quarteirões de Indianopolis. Uma ou outra amoreira debruçada na rua por cima dos pedaços de muro.

O automovel parou deante de uma chacara. A grade de madeira, recoberta de héras e curriólas, fechava um jardim maltratado, com touceiras de ximango entre azaléas rubras e victoriosas. A casinha branca nos fundos, em formato de "chalet", tinha um grande pedaço de cal esborcinado, como chaga na brancura do frontespicio. Desolação nas arvores altas, esgalhadas, de largos ramos seccos do parque. Nem um signal de vida. Tristeza em tudo.

A ambulancia chegava. Um soldado appareceu correndo lá dos fundos do quintal:

— Entra doutor! E' aqui...

— Não tem cachorro?

Eu pensava com os meus botões: nem cachorro, nem gente. E que diabo haverá neste silencio? Algum furto sem importancia...

O soldado, esbaforido, virou nos pés, encaminhando-se para a porta lateral da casa, sumiu por ella. Seguimol-o. Moradia de operarios, limpa, em ordem, folhinhas e retratos pequenos pelas paredes. Elle estacou deante de uma porta entre-fechada e como um peso que jogasse de cima d'alma, descarregou:

— Aqui!...

O Emilio empurrou-a com o pé. Um mar de sangue, um corpo nú sem cabeça, no meio.

— Nossa Senhora!... exclamei, recuando.

O pessoal da policia precipitou-se para o aposento. Era uma sala ampla, de duas janellas, cortinas a quebrarem a luz da tarde agonisante, moveis cahidos, cadeiras sem pernas atiradas pelos cantos. Paredes nuas, cheias de buracos na calça, e pendurados nos pregos — pedaços de molduras de quadros espatifados no chão. Nos destroços da mobilia, esparramados pelo assoalho, estavam farrapos da roupa do cadaver. Uma ultima réstea de sól penetrava como um punhal pelas cortinas e banhava em cheio o corpo nú. De costas, a mão direita fechada sobre o peito, a esquerda aberta no braço distendido como uma bandeira de signal, o sangue ainda escorria do pescoço decepado, com um grande buraco de bordos brancos da laringe seccionada. Fiapos de nervos pallidos, pedaços esbranquiçados de vertebraes surgiam do cordame negro das veias repuxadas, em que o sangue coagulava em filetes, ao lado da carótida escancarada. Borrões arroxeados das jugulares obstruidas por coágulos enormes. Musculos dilacerados e desinseridos violentamente. Parece que a arma não pudera decapital-o de vez, e mãos truculentas acabaram de arrancar-lhe a cabeça. Adeante, debaixo da janella, junto do bambolim das cortinas alvas, a cabeça hedionda, de grandes olhos verdes a saltarem das orbitas arregaladas, cabellos fulvos, arrepiados e compridos, tinha um objecto preto fincado na bocca exigua, como um charuto disforme. Vestigios de lucta tremenda, finalizada por aquella decapitação. Todos examinavam silenciosamente o quadro macabro. O legista caminhou, pegou uma falripa grisalha da cabeça e segurando esse objecto que se fincava na bocca como um batóque, puxou-o com força. Ringindo nos dentes sahio o extranho charuto: era uma pedra de amolar. A cabeça rolou então de lado, escorrendo restos de sangue da bocca aberta, de dentes arrebetados.

— Quem será o criminoso?? indagou o legista, no concentrado silencio dos assistentes.

O soldado explicou pressuroso:

— Eu ia passando, ouvi berreiro de uma mocinha, entrei, espiei pela janella, dei aviso á policia, o criminoso está no quintal...

— Vamos vel-o!... ordenou o Emilio.

Descemos ao pomar abandonado. A tarde morria. As sombras das arvores alongavam-se como um véo de lucto pelo jardim silencioso. Atraz da casa, debaixo de uma pereira cuja cópa era um feixe de varas desfolhadas, um homem e uma mulher ajoelhados. Avançamos para elles. Rezavam, de olhos fixos no poente, mãos fechadas batendo contritamente no peito. Era um rapaz de trinta annos, magro, macilento, corpo forte, allicerçado em pernas nervosas, barba e cabellos hirsutos, a roupa esfrangalhada e suja de sangue. A mulher, ao lado, petrificada na oração fervorosa, era velha, de cara encarquilhada e olhos vitreos, cabellos ralos e curtos, um braço nú a escapar das vestes rasgadas e pastosas de sangue.

O Emilio bateu a mão no hombro do assassino, enquanto a ordenança se achegava da velha:

— Está preso!...

O rapaz assim despertado, virou-se para o delegado, os labios ainda balbuciando a oração, os olhos escancarados num pasmo. O Emilio, pallido, interrogou-o:

— Porque matou o velho?

O moço arregalou mais os olhos, levantou-se, pegou o braço da velha e fez-a levantar-se tambem. Silencio. Renovo da energica pergunta:

— Porque matou?!...

— A mãe sabe... respondeu o rapaz, abstracto, olhos esgazeados, como accordando de um somno profundo. O Emilio sacudiu então a elha, ordenou-lhe asperamente:

— Responda! Porque?!

Ella, apatetada, benzeu-se toda e recolheu aquelle olhar que parecia perscrutar d'outro lado da vida. Virou-se para o Emilio e num relampago de intelligencia, explicou:

— Demonio... A biblia manda tirar o espirito máu do corpo...

Nisto surgiu correndo, desgrehada, com soluços estrangulados, uma loura mocinha que se arrepellava:

— Ah, mamãe!... Que desgraça!...

Viramo-nos, enquanto o soldado explicava que foi essa quem lhe gritara por soccorro. Reparei. Parecia uma visão. Loura, de um louro fulvo, branca como petala de magnolia, linhas suaves num corpo adolescente, apparecendo assim aos ultimos lampejos dessa tarde cálida, era vivo contraste de tudo que alli nos rodeava. E achegava-se do Emilio, exclamando:

— Perdoe, doutor!... Elles estão loucos... mas um acesso de choro suffocou-a.

A velha voltou-se para ella, humanisada:

— Chega, Luiza!... Que é isso? Custou muito, mas o demonio sahiu... Agradeça a Deus... e revirando os olhos para o céu, despregou-se outra vez da terra em fervorosa oração.

— Mas o que houve??... indagou o Emilio, em voz tremula, approximando-se da mocinha.

— Espiritismo, doutor!... Mania religiosa!... Meu pae andava doente do figado, sem esperanças de cura. Minha mãe — que nunca largou a biblia, deu de assistir com o filho, ás sessões do Pae Samuel. Queria descobrir um remedio. Elles não andavam bem da cabeça desde a grippe passada. Complicou com o espiritismo. Vim visital-os ha quinze dias. Minha mãe contou-me então que a biblia ensinava o remedio ao meu pae. O espiritismo confirmava. O remedio foi esse... e desmanchou-se num choro convulso de fazer dó.

O Emilio apiedou-se, mandou que o soldado a levasse para a casa visinha afim de não assistir a remoção do cadaver.

E todos nós, ao lado dos criminosos, voltamos ao local da trucidação dantesca.

O carro do cadaver chegára. O cocheiro agarrára o corpo pelos hombros, a ordenança — pelas pernas, enquanto o medico legista jogava uma toalha de banho sobre sua nudez ecchymosada e hedionda. Marcharam para a rua. O enfermeiro acompanhava o prestito macabro, sopesando pelos cabellos a cabeça medonha, de olhos saltados nas orbitas e bocca arreganhada e sangrenta.

Mulheres da vizinhança, espicaçadas pela curiosidade, engarupando filhinhos nas ancas, quando dêram com o pescoço esfiapado, e atrás, com a cabeça a miral-as como um protesto, tiveram guinchos agudos acompanhados de fanicos e tombos. Debandaram. Enquanto isso, o Emilio, com geito, ia despregando a lingua dos assassinos. E da grande confusão de textos bíblicos, de imprecações e supplicas aos céos, de invocações espiritas e phrases cabalísticas, fomos nós reconstruindo a tremenda tragedia daquella sala silenciosa. A velha ordenava, entre rezas, enquanto o filho representava a lucta titanica alli travada. Dessa algaravia de religião e fanatismo deduzimos o grão de loucura dos agentes. Começou com a fraqueza subsequente á grippe epidemica de São Paulo. Convelescentes, alterados do juizo, a velha — que já era fanatica, deu de frequentar sessões espiritas, em companhia do filho, afim de descobrir um remedio para o figado engorgitado do marido. E o sobrenatural empolgou-os, com os phenomenos da materialização e desmaterialização. Elles viram desaparecer deante dos olhos, na sala transbordante de luz dessas sessões, os vasos e estatuetas que estavam sobre a meza, livros e objectos que se achavam fechados nas estantes. E iam cahir noutros commodos ou vinham alli apparecer, deante de todos, no meio dos assistentes boquiabertos. Homens extranhos attendiam ás invocações, materializavam-se de um momento para outro, brotados do vácuo. O medium, esverdeado, de barbas espessas e cabellos negros, gordo e baixo, todo palpitante, agarrado ás mãos de dois sujeitos resolutos, que seguravam outros, de modo a formar uma grande rôda de espectadores hirtos e ressabiados, começava a urrar:

— Meu pae! Protegei-nos! Mostra que os espiritos que nos attendem, são bons e pacíficos! Dae uma prova real da sua presença! Fazei com que um objecto da casa de fulano, seja transportado para cá. Obrigado, meu pae!... Ahi, não! Não derrube ahi! No meio...

E o invocador, mais verde ainda, suando, em fungos, olhos arregalados, esperneava, agarrado pelas mãos, sempre de nariz ao vento. E toda a assistência farejava o ar. Nisto, bumba! Um estouro e o objecto, — uma caixinha de ferramentas chirurgicas, um livro etc., despencava no meio do pessoal de fontes latejantes e frio arripiado na espinha. Depois, o medium cahia com um desmaio, os crentes, de joelhos, rezavam um agradecimento, e lá começava outra vez:

— Meu pae! Mostra-nos a sua força!... Fazei com que esse espirito bom que nos assiste, appareça agora e compartilhe connosco desta felicidade!... Sim, meu pae?! Obrigado!... Aqui, aqui!...

E zás, brotava um homenzarrão, de sobrecasaca cinzenta, calções, meias compridas e sapatinhos de polimento, gravata a 1830 em collarinho alto, farta cabelleira de poeta, que cumprimentava, puxava uma cadeira e dizia:

— Eu sou Schakespeare!...

A admiração, a satisfação dos crentes, a felicidade da assembléa era tanta, que o pessoal ficava gelado, sem pinga de sangue, respiração parada, coração parado, intelligencia parada. E tudo se petrificava ante tão gentil visita. Era um gosto aquillo!... E despediam-se os espectros, e apertavam as mãos de todos, como a cousa mais natural da vida, satisfeitos do mundo e de toda essa gente. Chegaram a ser photographados. De carne e osso. A velha, tão commovida, esquecia-se de pedir o remedio ao figado periclitante. Por fim deu de interpretar a biblia pelo espiritismo, dogmatisando ao filho as verdades supremas. Elle, crescido em suas saias, suggestionava-se com a convicção e clarividencia maternas. Acostumado a obedecer-lhe, tornou-se em automato em suas mãos. Um dia em que a mãe lhe explicava os divinos versiculos, na hora da ceia, e comparava a innocencia com esse leite que na tigella ia ser ingerido, mostrando-lhe que as suas almas eram brancas assim,

ao passo que a de seu pae — não lhe conhecia bem a côr, — uma mosca veio do alto, rodopiando, cahir na tigella. A mãe estacou perplexa:

— Será que o espirito de teu pae é como essa mosca? Negro como um peccado? Ou o figado é que lhe pretéja a vida...

— Negro é o demonio... confirmou o filho. Na alma branca do meu pae, ha demonio...

— Não! O demonio mora no figado e delle são para todo o corpo... E' isso. A mosca sujou todo o leite...

E quizeram convencer-o do que deveria expurgar esse lucifer que lhe corroia as entranhas. Elle bufo. Começou então a lucta. A religião, o fanatismo encorajavam os salvadores. E o dia todo a mãe e filho rodearam o coitado, querendo que expulsasse o espirito máo, que bebesse tal tisana, jejuasse, fizesse isto e aquillo. Elle exasperava-se, promovia barulho. Mais heroicos, porém, se tornavam na salvação. Um inferno aquelle lar. A ultima sessão espirita determinou agora a violencia do salvamento. Desde cedo mãe e filho se puzeram a benzer-o. Com relampagos no olhar, num minuto de inconsciencia, ella agarrou o marido e com uma colher pretendeu arrancar-lhe ordem de segurar o pae afim de realizarem a satanica expurgação. Gritou trechos da biblia, phrases cabalisticas, commandou o ataque. O velho defendia-se heroicamente. O seu instincto de conservação bradava-lhe do subconsciente que resistisse a todo o transe. Resistiu. Intrincheirou-se num canto, agarrou uma cadeira e arrumou-a para cima do filho — que se desviava desses golpes, negaceando-o, dando-lhe bôtes terriveis ao pescoço. O velho arremessava contra o aggressor tudo o que alcançava. A mobilia ia aos poucos espatifar-se na parede, produzindo os raspões e buracos na calça. A lucta perdurava. A mulher exitava-os. Já nada mais restava intacto. Quando a sala ficou atapetada de calhaus e lascas, e o velho perdia as forças nessa defesa de horas interminaveis, o rapaz logrou alcançal-o num bôte de tigre feróz. Rolaram por terra, até que a mocidade venceu, e cavalgou o pae. A mulher tirou então do seio uma faca de sapateiro e essa pedra de amolar. Com um versiculo do genesis, entregou-lhe o aço, alvoroçada:

— O demonio está agora na bocca! Olha! Vejo-o bem! Corte-lhe a cabeça... Corte...

O filho deu a primeira facada. Em corcovos leoninos e pae pretendeu descavalgal-o. A mulher acorrou-se e firmou sua cabeça entre os joelhos, agarrando-a fortemente pelas falripas grisalhas. E novos golpes foi o rapaz desferindo-lhe no pescoço. A cabeça não se despregava. O demonio continuava a excitar a velha — espiando-a da bocca espumejante, o corpo ainda tinha extremeções violentos. Um som estertórico escapava-lhe da garganta. O rapaz prendendo-lhe os braços sob os joelhos, firmou a pedra sobre o peito do velho e poz-se calmamente a amolar a faca. E entre as rezas e gritos da mãe, foi elle, já de forças exauridas, cortando pouco a pouco o pescoço paterno, musculo a musculo, enquanto o sangue esguichava aos borbotões e a agonia ia immobilizando aquelle membros que tão desesperadamente se debatiam. A mãe, com cara transfigurada de furia, debruçada sobre os olhos arregalados e vitreos do marido, entre os exorcismos aconselhava:

— Amole a faca!... O demonio não sahiu...

E enfiava-lhe o dedo alongado e curvo na garganta cheia de espuma sanguinea.

A operação prolongava-se. Afinal, como as vertebraes cervicaes resistissem, a velha deu fortes puchões na cabeça, conseguindo assim finalizar a decapitação.

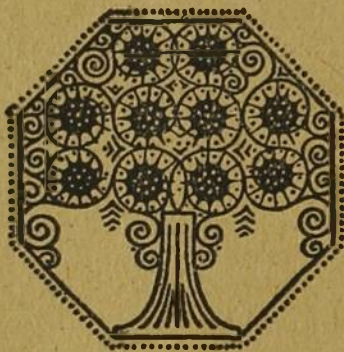
O demonio escapou-lhe á suas vistas. Num estremeção de susto ou alegria, a cabeça cahiu-lhe das mãos. O rapaz saltou sobre ella e, para que o espirito máo não lhe voltasse á bocca, fincou-lhe, num golpe seguro, a pedra de amolar por entre os dentes. O cadaver jazia quasi depido num mar de sangue. A mulher limpou-o dos ultimos trapos. Precisava ficar de pelle alva, branco como o leite. Agradeciam, depois, aos céos, a titânica victoria.

.....

O Emilio mandou-os para o hospicio do Juquery. Eu senti uma dor exquisita nos nervos. Tinha sede. Faltava-me o ar quando entrei no automovel.

AMANDO CAIUBY.

(Das "*Noites de Plantão*")





A MEDICINOPHOBIA DE MOLIÈRE

Ao eminente actor Chaby Pinheiro,

que na sua primorosa criação do typo de Sganarello, d'“O Medico á Força”, e através dos versos de Castilho, foi o primeiro que me proporcionou o elevado prazer de admirar uma das mais interessantes produções do genio de Molière, — dedico estas paginas desprezenciosas.

PROEMIO

MUITAS pessoas que se julgam entendidas nas cousas da literatura dramatica, ouviram dizer e repetem, que Molière em varias de suas esplendidas comedias, fez rir á custa dos medicos do seu tempo, sem saber porém onde e quando se exercitou a satyra molieresca; e como as peças do grande poeta comico são mal conhecidas das nossas platéas, vale a pena recordar por que fórma se despizou elle da sciencia dos discipulos de Esculapio, seus contemporaneos.

Quanto a leitura, não parecé grande o numero dos que manuseam os escriptores francezes do seculo XVII, quando os nossos classicos andam por ahi ao desamparo e esquecidos dos leitores. Basta dizer que, tendo Molière escripto 33 peças, dessas

sómente umas cinco ou seis foram representadas nos palcos brasileiros, e a maioria dellas em francez. Castilho traduzia "*O Avaro*", "*O Medico á Força*", "*O Doente de Scisma*", "*As Sabichonas*" e "*O Tartufo*", das quaes sómente as duas primeiras têm sido representadas no Brasil; Arthur Azevedo traduziu "*A Escola dos Maridos*", que nunca foi aqui levada á scena e o "*Sganarello*", que foi representada pela empresa Dias Braga; no nosso theatro colonial foi representada a comedia "*As Astucias de Scapin*", provavelmente traduzida pelo capitão Manuel de Souza; no theatro de Manuel Luiz, a Casa de Opera do seculo XVIII, foi levada á scena uma traducção do "*Mariage Forcé*" com o titulo de "*Casamento a Pau*". (1)

A epigrammatica de Molière contra os doutores, é bom que se note, não representava nenhum desforço ou despique de homem "não preparado" contra os sabedores das graves cousas da sciencia e das letras, mas apenas a satisfação de uma exigencia da sua veia de poeta molecularmente comico.

A satyra estava no bico da penna de Molière, e sempre que um ridiculo qualquer ficava ao alcance de sua musa irreverente e demolidora, derramava elle em copiosos e lindos versos toda a sua graça esfusiente e sadia.

Molière era homem illustrado e culto. Durante cinco annos, cursou as aulas do Collegio Clermont, que é hoje o afamado Lyceu Luiz—o—Grande, no seu tempo dirigido pelos jesuitas, que elle mais tarde havia de symbolisar nesse admiravel typo de Tartufo, e ahi concluiu o seu curso de humanidades, sahindo excellente humanista. Depois disso, cursou a aula de philosophia do famoso Gassendi, homem de grande reputação, que passava por espirito universalista, innovador e emancipado, historiador, physico, astrónomo, geometra, hellenista, primeiro discipulo de Bacon, que teve a França, e amigo de Galileu.

(1) Essa comedia foi pela primeira vez representada no Rio de Janeiro, pela troupe do theatro de Manuel Luiz, a 21 de abril de 1792, dia em que foi enforcado e esquartejado o Tiradentes, em espectaculo de gala, encomendado pelos representantes da tyrannia, para festejar tão "extraordinario acontecimento..."

Para essa representação foi construido especialmente um tablado, num terreno baldio que havia nas proximidades da Capella da Lapa dos Mascates (Rua do Ouvidor entre as ruas Direita e do Mercado).

Annunciando o espectaculo sahiu de dia, percorrendo as ruas, por entre as chufas da turba servil e abjecta, um bando que fazia o seu pregão ao surdo rufar dos tambores. Desse bando faziam parte as tres figuras classicas da velha farça de entremez: o gracioso e dois barbas, sendo o primeiro vestido de Arlequim e os outros mettidos em largos camisolões burlescamente sarapintados, tendo ambos á cabeça longo chapéo afunilado.

Nas aulas de Gassendi teve Molière por condiscipulos Cyrano de Bergerac, François Bernier, Hernault, Chapelle, Armando principe de Conti, Henrique de Saboia, filho do duque de Némours, Henrique de Lorena, filho do principe d'Elbeuf, e ha quem affirme que estudou direito em Orléans, onde se diplomou como advogado.

Coração sincero e leal, espirito firme e são, franco como o seu estylo, grande pelo pensamento, superior por indole ás misérias da vaidade literaria, Molière, no incisivo dizer de Charles Louandre, defendeu sobretudo a causa do bom senso e da verdade, e foi ao mesmo tempo grande pintor, grande satyrico e grande moralista; no "*Tartufo*" atacou a hypocrisia da piedade; nas "*Preciosas Ridiculas*" a hypocrisia da linguagem; nas "*Mulheres Sabias*", a hypocrisia do sentimento; em Pancracio e Marphurius a hypocrisia do saber.

Como Luiz XIV e Colbert, combateu pelas grandes reformas, lutou ao lado de Descartes contra a barbaria escolastica, ao lado de Bacon contra a sciencia que se satisfazia com palavras, e, ridicularisando a Faculdade de Medicina, mostrou-lhe que ella, por sua vez, como a philosophia, devia procurar o "*Novum Organum*", isto é, as regras do methodo analytico, experimental e inductivo que tão brilhantemente havia Bacon preconisado no seu tratado.

Luiz XIV sustentou Molière contra a Faculdade, as intrigas das viellas, a colera dos "Marquezes", os anathemas dos jesuitas e jensinistas, porque o poeta os havia fustigado com um latego de verdades.

I

EM "DON JUAN" OU "LE FESTIN DE PIERRE"

A primeira peça em que Molière chasqueou dos letrados, foi a farça "*Les Jalousies du Barbouillé*", representada na provincia, quando andava elle em excursões. Nessa farça apresenta o typo do "*Doutor*", enfatuado, pedante, ridiculo, exhibindo erudição a proposito de tudo, citando phrases latinas deante de gente rustica, dando etymologias calinescas a varias palavras; mas esse Doutor não era o medico, era uma copia de "*Il Dottore*", personagem obrigado da comedia italiana, como Arlecchino, Fracastello, Pulcinella ou Pantaleone.

Na propria França acreditavam muitos que "*O Amor Medico*" fôra o primeiro acto de hostilidade de Molière, a sua declaração de guerra á Faculdade; mas essa supposição não é verda-

deira, pois que o primeiro ataque aos medicos Molière o desfechou na sua comedia "*Don Juan*", acto III, scena primeira.

"*Don Juan ou le Festin de Pierre*", comedia em 5 actos, foi pela primeira vez representada em Paris, a 15 de fevereiro de 1665. No final do segundo acto o espadachim La Ramé vem avisar a Don Juan, de que doze cavalleiros o procuram com disposições hostis; Don Juan sae-se da difficuldade resolvendo trocar os seus trajes com os de Sganarello, que deante da perigosa perspectiva, diz:

SGANARELLO. — Senhor, certamente gracejaes; expor-me a ser morto com os vossos trajes, e...

DON JUAN. — Vamos, depressa, é uma grande honra que te dou, e bem feliz é o criado que tem a gloria de morrer por seu amo.

SGANARELLO. — Agradeço-vos tamanha honra, (aparte) ó céo! visto que se trata de morrer, concede-me a graça de não ser tomado por um outro!

No acto seguinte apparece Sganarello vestido de medico (no seculo XVII os medicos andavam de beca), e dialoga com Don Juan:

SGANARELLO. — Por minha fé, senhor, confessae que eu tive razão; eis-nos aqui maravilhosamente disfarçados. Vossa primeira intenção não era conveniente, e isto nos occulta muito melhor do que o que querieis fazer.

DON JUAN. — E' verdade que ficaste muito bem assim; não sei onde foste descobrir esse ridiculo balandrau.

SGANARELLO. — E' o traje de um velho medico, que o deixou empenhado no lugar onde o busquei, e custou-me dinheiro para adquiril-o. Sabeis que esta vestimenta já me proporcionou considerações? Fui saudado por diversas pessoas que encontrei e algumas até me consultaram.

DON JUAN. — Como?

SGANARELLO. — Cinco ou seis camponios viram-me passar, e me detiveram para pedir os meus conselhos sobre diversas molestias.

DON JUAN. — Respondeste que não entendias disso?

SGANARELLO. — Eu? absolutamente, não. Quiz sustentar as honras do meu vestuario; raciocinei sobre os seus males e receitei para cada um,

DON JUAN. — Que remedios receitaste?

SGANARELLO. — Fiz meus calculos e receitei ao acaso. Seria divertido que esses doentes ficassem curados e me viessem agradecer.

DON JUAN. — E porque não? Porque razão não havias de ter os mesmos privilegios que têm todos os outros medicos? Elles não tomam mais parte do que tu tomaste, na cura dos seus doentes; toda a sua arte é simples fingimento; nada mais fazem do que receber a gloria dos felizes successos. Tu podes aproveitar como elles da felicidade dos doentes, e attribuir aos teus remedios tudo o que pôde vir dos favores do acaso ou das forças na natureza.

SGANARELLO. — Como, senhor? Sois tambem impio em medicina?

DON JUAN. — E' um dos maiores erros que podem ser permitidos ao homem.

SGANARELLO. — Que? Então não acreditaes no sene, na cassia, nem no vinho emetico?

DON JUAN. — E porque queres tu que eu acredite?

SGANARELLO. — Tendes, senhor, a alma bem descrente. Entretanto, sabeis que ha já algum tempo, o vinho emetico occupa a attenção do publico; seus milagres têm convertido os mais incredulos espiritos, e não ha ainda trez semanas tive occasião de observar seus maravilhosos effeitos.

DON JUAN. — Que foi?

SGANARELLO. — Havia um homem que agonisava durante seis dias, não se sabia mais que receitar, pois que toda a medicação indicada já havia sido infructiferamente empregada, quando se lembraram de lhe ministrar o vinho emetico.

DON JUAN. — E o doente escapou?

SGANARELLO. — Não; morreu!

DON JUAN. — O effeito foi admiravel!

SGANARELLO. — E' então! Havia seis dias que o doente agonisava, e o remedio o fez morrer promptamente. Quereis cousa mais efficaz?

DON JUAN. — Tens razão.

SGANARELLO. — Mas, deixemos lá a medicina, em que não acreditaes, tratemos de outras cousas, porque estes trajes me dão espirito e me sinto com disposições de discutir convosco...

II

EM "L'AMOUR MÉDECIN"

Houve quem affirmasse que Molière compoz "*O Amor Medico*" para se desforrar de insultos que a mulher de um medico pratico teria dirigido á sua mulher; esse facto, porém, foi contestado pelos mais autorisados commentadores, que descobriram em motivos menos pessoaes a causa das zombarias do poeta, e que se encontram muito naturalmente nos ridiculos dos que no seu tempo praticavam a arte de curar, e tambem na impotencia muito frequentemente declarada dessa arte.

Realmente, accrescenta Charles Louandre, no seculo XVII a medicina, fiel ainda ás tradições da Media Edade, não repousava em nenhuma observação positiva. Por esse tempo, invocava-se Hippocrates, mas por pretensa erudição; na pratica ninguem absolutamente lucrava com a sciencia desse grande homem; citavam-no sem o comprehender.

Attribuiam-se ao acaso, a tal ou qual tizana, propriedades maravilhosas. Cada qual possuia a sua panacéa universal, que curava todos os males, e os espiritos positivos podiam com tanto mais razão se mostrar scepticos, quanto se apregoava deante delles a maior confiança, e frequentemente essa confiança era cruelmente desmentida pelos factos.

Compromettidos já pela sua ignorancia, os medicos ainda mais se compromettiam por seu formalismo e pela aparelhagem de um vão cerimonial, e Molière nada mais fazia do que servir-se de seus ridiculos, como testemunham estes versos:

Affecter un air pédantesque,
cracher du grec et du latin,
longue perruque, habit grotesque,
de la fourrure et du satin,
tout cela reuni fait presque
ce qu'on appelle un médecin.

Molière, que perseguia impiedosamente os pedantes de todas as classes e de todos os matizes, os charlatães de saber como os charlatães de virtude, Macroton como Tartufo, — Molière, com o seu genio observador, nada mais tinha a fazer senão escolher os typos para formar a sua vasta galeria.

Recordava-se do que se havia passado junto do leito de morte de Mazzarino, quando, na conferencia havida em Vincennes, entre

Guenaut, Desfougerais, Brayer e Valot, cada qual era de uma opinião; queria um que o cardeal estivesse doente do fígado, outro dos intestinos, o terceiro do baço, e o ultimo dos pulmões!...

Foi ás mãos de Valot, como se sabe, que falleceu Henriquetta de Inglaterra, por haver tomado uma dóse de opio ministrada com impericia. Esse caso deu logar a este epigramma:

Le croirez-vous, race future,
que la fille du grand Henri
eut, en mourant, même aventure
que feu son père et son mari!
Tous trois sont morts par assassin,
Ravaillac, Cromwell, médecin:
Henri, d'un coup de baionette,
Charles finit sur un billot,
et maintenant meurt Henriette
par l'ignorance de Volat.

O publico assistia, com um sorriso nos labios, aos debates a proposito do vinho emetico e dos memoriaes publicados pelas Faculdades de Ruão e de Marselha contra os boticarios dessas duas cidades.

O assumpto, verdadeiramente de comedia, estava em fóco: Molière não fez mais que aproveitall-o para a scena. Basin, que com engenhosa sagacidade penetra nos mais intimos pormenores da vida agitada de Molière, escreveu:

“Tem-se procurado um motivo pueril para esta violenta declaração de guerra contra a medicina e os medicos. Acreditamos, porém, que não estaria longe da verdade quem dêsse a esse facto uma causa afflictiva.

“Esse homeni que motejava tanto das prescripções e dos remedios, sentia-se doente; com uma dóse commun de fraqueza, pediu elle a todos os tratamentos uma cura talvez impossivel; pertinaz e impetuoso como era, preferia negar de uma maneira absoluta o poder da sciencia, impedir qualquer accesso junto delle, e empregar o que lhe restava de saude passando a vida segundo o seu gosto e a sua paixão.

“Havia pois no facto, relativamente á medicina, qualquer cousa de parecido com a revolta do peccador incorrigivel contra o céo, uma verdadeira fanfarrice de incredulidade; porém elle a sustenta com tamanha constancia e bom humor, que não se pode subtrahir a uma compassiva admiração, vendo-se uma zombaria, que nasce do desespero, não se deter senão deante da morte.”

Ha uma conjectura bem verosimil, diz um dos seus biographos, sobre os ataques de Molière contra os medicos, ataques que ficaram para sempre celebres: os quatro esculapios do "*Amor Medico*" eram os quatro primeiros medicos da corte de Luix XIV — Desfougerais, Esprit, Guenaut e Dacquin.

Desejando disfarçar seus nomes, ao mettel-os em scena, pediu Molière ao seu amigo Boileau lhe arranjasse em grego nomes correspondentes que traduzissem o character de cada um desses medicos. A Desfougerais tratou pelo nome de Desfonandrès, que significa matador de homens; a Esprit, que era gago, por Bahis, que significa falador impertinente; a Guenaut por Macroton, porque falava muito alto e lentamente; emfim, a Dacquin por Thomès, que significa sangrador, porque muito gostava de dar sangrias...

Segundo o testemunho dos contemporaneos, esses quatro personagens eram merecedores de todos os sarcasmos de Molière.

Falando de Desfougerais, disse Guy Patin: "Não creio que haja sobre a terra charlatão mais arrojado e pervertido do que este infeliz chimico, de ambos os lados coxo como Vulcano, e que faz mais victimas com o seu antimonio do que salvam com seus remedios tres profissionaes honestos.

Penso que, si este homem acreditasse que havia no mundo um charlatão maior do que elle, trataria de o envenenar. No seu bolsinho havia sempre pós branco, vermelho, amarello; curava todas as molestias e se intromettia com tudo."

Dacquin não foi melhor tratado por Guy Patin, que lhe chamava sordido, raça de judeu, grande charlatão. E' um medico da côrte (*cour*) que é verdadeiramente curto (*court*) de sciencia, trocadilhou; e accrescentou: porém rico de astucias chimicas e pharmaceuticas.

Molière com "*A Escola das Mulheres*" provocou a inimizade dos hypocritas; com a sua critica amotinou contra si as "preciosas" e os "marquezes"; pelos primeiros actos do "*Tartufo*" e do "*Don Juan*", attrahiu o odio dos carolas, dos hypocritas e até de pessoas sinceramente piedosas; com "*O Amor Medico*" se malquistou com a Faculdade (de Medicina).

Não lhe bastava a muita amizade de Luiz XIV para defendel-o contra todas as alvoroçadas pandilhas que lhe sahiram ao encalço, mas teve a seu lado, não sómente os favores do rei, como tambem os do publico. Por occasião do "*Amor Medico*", foi o proprio monarca o primeiro a rir de seus medicos; e a multidão por sua vez acudiu ao theatro para rir dos medicos da côrte, como dizia Guy Patin.

Ha scenas curiosas do "*Amor Medico*". Vejamol-as:

Na scena III do segundo acto, entram os medicos, sentam-se, tosseem e fala um delles:

DESFONANDRÈS. — Paris é extraordinariamente grande; é preciso fazer-se longas caminhadas e a clientella pouco dá.

THOMÈS. — Confesso que tenho para isso uma excellente mula, e causa pena saber-se as viagens que faço todos os dias.

DESFONANDRÈS. — Tenho um cavallo admiravel, é um animal que não cansa.

THOMÈS. — Quereis saber o trajecto que a minha mula fez hoje? Primeiramente fui ao Arsenal, do Arsenal fui ao fim do Faubourg Saint-Germain, de Faubourg Saint Germain ao pé du Marais, de ao pé du Marais á Porte Saint-Honorè, da Porte Saint-Honoré ao Faubourg Saint Jacques, do Faubourg Saint Jacques á Porte de Richelieu, da Porte de Richelieu até aqui e daqui devo ir ainda á Praça Royale.

DESFONANDRÈS. — Meu cavallo fez todo esse itinerario hoje e ainda por cima fui a Ruel ver um doente.

THOMÈS — E a proposito: que partido tomaes na contenda dos dois medicos Theophrasto e Artemio? Sim, porque é uma questão que interessa a toda a nossa classe.

DESFONANDRÈS. — Eu tomo o partido de Artemio.

THOMÈS. — E eu tambem. Não é que sua opinião tenha matado o doente, como se viu, e que a de Theophrasto tenha sido a melhor, certamente; mas emfim houve injustiça nas circumstancias, e não deve elle ter outra opinião senão a já manifestada. Que dizeis?

DESFONANDRÈS — Sem duvida. E' preciso guardar sempre as formalidades, succeda o que succeder.

THOMÈS. — Por mim, sou diabolicamente severo, a menos que esteja entre amigos; um dia estando os tres juntos com outro medico estranho, para uma conferencia, interrompi toda a questão e não quiz tolerar o que se opinava sem que as cousas entrassem na ordem. As pessoas da casa faziam o que podiam e a molestia se adeantava; não quiz desistir de minha opinião e o doente falleceu heroicamente durante a controversia.

DESFONANDRÈS — E' muito bem feito ensinar os outros a viver, e ganhar experiencia.

THOMÈS — Um homem morto é apenas um homem morto, sem outras consequências, mas uma formalidade que se dispensa traz um notavel prejuizo a toda a corporação medica.

Entra SGANARELLO

SGANARELLO — Senhores, a oppressão de minha filha augmenta; peço-vos de me dizerdes com rapidez o que tendes resolvido

THOMÈS. — (a Desfonandrès). Vamos, senhor.

DESFONANDRÈS. — Não, senhor, falai, fazei o favor.

THOMÈS. — Gracejais?

DESFONANDRÈS. — Não serei o primeiro a falar.

THOMÈS. — Senhor.

DESFONANDRÈS. — Senhor!

SGANARELLO. — Por favor, meus senhores, deixemos de ceremonias, e lembremo-nos de que o tempo vae passando.

THOMÈS. — A molestia de vossa filha... (*falam todos quatro a um tempo*).

DESFONANDRÈS. — A opinião de todos esses senhores...

MACROTON. — De... pois... de... termos... consulta... do... devida... mente...

BAHIS. — Para discutir...

SGANARELLO. — Oh! meus senhores, falai cada um por sua vez, fazei o favor.

THOMÈS. — Senhor, temos raciocinado sobre a molestia de vossa filha, e a minha opinião é que ella procede de um grande calor do sangue; assim concluo que é preciso applicar uma sangria, o mais cedo possivel.

DESFONANDRÈS. — Quanto a mim direi que a sua molestia é uma decomposição de humores causada por uma grande repleção; assim concluo que se deve dar o vinho emetico.

THOMÈS. — Sustento que o emetico a matará.

DESFONANDRÈS. — E eu affirmo que a sangria lhe será mortal.

THOMÈS. — Fazeis muito bem em tomar ares de sumidade.

DESFONANDRÈS. — Sim, é commigo. E eu vos desafio em qualquer genero de erudição.

THOMÈS. — Lembrai-vos do misero que matastes ha poucos dias.

DESFONANDRÈS. — E não vos esqueçais da pobre mulher que mandastes para a cova em tres dias.

THOMÈS. — (a Sganarello) Já vos dei a minha opinião.

DESFONANDRÈS. — (a Sganarello). Já vos disse o que pensava.

THOMÈS. — Si não a mandaes sangrar immediatamente, a vossa filha é uma mulher morta. (sae).

DESFONANDRÈS. — Si a mandardes sangrar, ella viverá apenas um quarto de hora. (sáe).

Ficam em scena Sganarello, Macroton e Bahis

SGANARELLO. — Em qual dos dois devo acreditar? E que resolução hei de tomar deante de opiniões tão oppostas? Senhores, eu vos supplico de me tranquillisardes o espirito, e me dizerdes, com franqueza, o que vos parece mais acertado para alliviar a minha filha.

MACROTON. — Meu... ca...ro... se...nhor... em... ta...es... ca...sos... é... in...dis...pen...savel... pro... ceder... com... cir...cums...pecção... e... na...da... fa... zer... aé...reamente... pois... os erros... comet...tidos... se...gun...do... nosso... mes...tre... Hyppocra...tes... são... de... peri...gosas... con...sequen...cias...

BAHIS. — (gaguejando). E' verdade. Torna-se preciso muito cuidado com o que se faz, porque isto não é brincadeira de creança, e quando ha enganos e não se tem a satisfação de se reparar a falta, de restabelecer o que se estragou: *experimentum periculosum*. E' preciso meditar maduramente, pesar as cousas com segurança, encarar o temperamento das pessoas, examinar as causas da molestia, e vêr que remedios devem ser ministrados.

SGANARELLO. — (aparte). Um caminha como o kagado e o outro com muita velocidade.

MACROTON. — Voltando ao caso, senhor, acho que a vossa filha tem uma molestia chronica, e que pode morrer si não a socorrermos, porquanto os symptomas que apresenta indicam um vapor fuliginoso e corrosivo que espicaça as membranas do cerebro. Ora, esse vapor, *atmos*, como chamamos em grego, é causado por humores putridos, tenazes e conglutinados, que se aninham no baixo ventre.

BAHIS. — E como esses humores foram engendrados numa longa successão de tempo, ahi soffrem reccoção e adquirem essa malignidade que fumega para a região cerebral.

MACROTON. — Para tirar, destacar, arrancar, expulsar, evacuar esses humores, seria preciso um purgante energico; mas preliminarmente vejo, a proposito, que não ha nenhum inconveniente em usar a doente um desses pequenos remedios anodinos, isto é, um clyster emoliente e deterativo, de julepo e de xarope refrigerante que se juntará á tizana.

BAHIS. — Depois voltaremos para o purgativo e a sangria, caso seja preciso.

MACROTON. — Não é que toda essa medicação impeça vossa filha de morrer, mas ao menos tereis feito alguma cousa, e ficareis com a consolação de que ella falleceu com todos os sacramentos.

BAHIS. — E' melhor morrer segundo todas as regras, do que escapar contra as regras.

MACROTON. — Acabamos de vos dar sinceramente a nossa opinião.

BAHIS. — Falamos como se o fizessemos a um irmão.

SGANARELLO. — (arremedando Macroton). Accei-te me-us hu-mil-des cum-pri-men-tos. (a Bahis, gaguejando). Estou infinitamente agra-de-ci-do do tra-ba-lho que te-ve. (Os medicos saem).

Na primeira scena do terceiro acto dialogam os medicos Filerin, Thomès, e Desfonandrès.

FILERIN. — Não vos envergonhaes, meus senhores, de revelar tão pouca prudencia para pessoas da vossa idade, questionando como jovens estouvados? Não sabeis quantos prejuizos essas rixas nos tem causado no mundo? Não basta que os sabios vejam as contrariedades e as dissensões que se notam entre os nossos autores e os nossos antigos mestres, sem que os nossos debates e nossas disputas revelem ao publico a impostura da nossa arte? Palavra que não comprehendo patavina dessa iniqua politica de alguns dos nossos collegas e é preciso confessar que todas essas perlengas ha muito nos desacreditam de uma maneira incrível. Não falo por meu interesse, porque, graças a Deus, já regularisei os meus negocios. Quer chova, quer faça sól ou caia neve, os que morreram — estão mortos, e eu tenho com que passar com os vivos. Mas, emfim, todas essas disputas não têm valor para a medicina, pois que desde seculos o céu nos concede a sua graça. Deixemos os homens com as suas rusgas extravagantes e aproveitemo-nos de suas tolices da melhor maneira que pudermos. Não somos os unicos, como sabeis, que nos prevalecemos da fraqueza humana. Ahi é que está a philosophia da vida, e cada um se esforce

para tomar os homens pelo seu lado fraco, tirando disso algum proveito. Os aduladores, por exemplo, procuram explorar a estima que os homens têm pela lisonja, incensando-os á vontade, é essa uma arte com a qual se tem feito grandes fortunas, como se tem visto. Os alchimistas se aproveitam dos que têm a paixão das riquezas, promettendo montanhas de ouro aos que os ouvem. Os que têm os horoscopos, com as suas enganadoras predicções, lucram da vaidade e da ambição dos espiritos credulos. O maior fraco, porém, dos homens é o amor que elles têm pela vida, e disso nos aproveitamos nós com as nossas pomposas galimalias, procurando tirar todas as vantagens dessa veneração que o medo de morrer lhes dá pelo nosso officio. Conservemo-nos pois no grau de estima em que a fraqueza delles nos collocou, sejamos de accordo junto aos doentes, para que nos attribuem o successo das curas, atirando para cima da natureza a responsabilidade dos erros da nossa arte. Não devemos parvamente destruir as felizes prevenções de uma illusão que dá o pão a tanta gente, pois o dinheiro desses que mettemos debaixo da terra, nos permite de construir em toda a parte as mais bellas vivendas.

THOMÈS. — Tendes razão em tudo quanto dizeis, mas são calores do sangue os quaes ás vezes não se conhece.

FILERIN. — Vamos, meus senhores, abaixo todos os resentimentos, façamos aqui uma conciliação.

DESFONANDRÈS. — De accordo. Dêem o emetico á doente de que se trata, e concordarei em tudo quanto quizerem para o primeiro doente que apparecer.

FILERIN. — Não se pode dizer melhor nem se mostrar mais cordato.

DESFONANDRÈS. — Está acabado.

FILERIN. — Tocaê. Adeus. Ainda uma vez, e sêde prudente.

Depois dessa longa scena apparece Clitandro, disfarçado com as vestes de medico, e propõe a Sganarello curar sua filha Lucinda, de quem elle Clitandro era namorado. Sganarello acredita no estratagemma empregado pelo sagaz Clitandro, que expõe o seu methodo de curar, muito differente dos outros, sem emeticos, sangrias e clysteres. O novo medico declara que reconhece ser o espirito de Lucinda que está doente e não o corpo, e que todo o seu mal resultava de uma imaginação desregrada e de um desejo immoderado de querer casar, e accrescenta que na sua opinião não havia nada mais extravagante nem mais ridiculo do que essa inveja do casamento.

Pensando que se estava prestando a uma farça, Sganarello concorda com todas as artimanhas do arguto Clitandro, e consente nas escripturas de um verdadeiro casamento. Depois disso diz o noivo que levára dançarinos com que se costumava celebrar aquellas festas, enquanto a Comedia, o Baile e a Musica cantam e dançam, Clitandro foge com Lucinda. Finda a scena Sganarello indaga pela filha e pelo medico e vem a saber que elles se haviam retirado para ultimar o casamento ali começado.

E assim acaba a peça entre os esforços que Sganarello faz para ir atraz dos fugitivos, no que é impedido pelos dançarinos, enquanto expectora elle uma praga.

III

EM "LE MÉDECIN MALGRÉ LUI"

Na comedia "*Le Médecin Malgré Lui*", em 3 actos, pela primeira vez representada a 9 de agosto de 1666, não existe nenhuma satyra contra os medicos, mas põe em scena um episodio grotesco em que figura um pseudo medico.

No livro de Anguilbert, intitulado "*Mensa Philosophica*", é feita a narração de uma velha anedota do seculo XII, a qual figura no capitulo XVIII, "*De Mulieribus*". Uma mulher, maltratada por seu marido, foi procurar um castellão que estava doente, e o informou de que seu marido era medico, tendo, porém, um sestro: só conseguia curar os doentes que o espancassem. E foi assim que ella encontrou o meio de restituir ao marido as pancadas que d'elle havia recebido.

Na scena VI do primeiro acto, após haver recebido umas bastonadas, Sganarello consente em passar por medico e nesse character atravessa toda a peça. Molière si não tem positivamente tiradas contra os medicos, pelo menos chasqueia gostosamente contra a medicina, porque Sganarello, farta-se de dizer asneiras e tolices a proposito da profissão medica.

O criado Valerio diz a Sganarello que elle ganhará o que quizer, si consentir em se deixar conduzir aonde elle indicar. Sganarello diz então:

— Ganharei o que quizer?

— Sim.

— Ah! Então sou medico, sem contestação.

Na scena III, do segundo acto, ao entrar em casa de Geronte, Sganarello, vestido de medico, é apresentado e diz :

- Hippocrates disse que... devemos ter o chapéo na cabeça.
- Hippocrates disse isso? indaga Geronte.
- Disse, responde Sganarello.
- Em que capitulo? faz o favor de dizer.
- No capitulo... dos chapéos.
- Desde que Hippocrates o disse, façamol-o.

Na scena seguinte, quando a doente lhe é apresentada, Sganarello diz uma graça, e Geronte commenta :

- Vós lhe provocaes o riso, senhor.
- Tanto melhor, contesta Sganarello, pois quando o medico faz o doente rir-se, é o melhor signal deste mundo.

Lucinda finge de muda e o pae explica ao pseudo medico :

- Ficou muda sem que se saiba a causa, e isso contribue para a transferencia do seu casamento.
- Por que? indaga Sganarello.
- Porque o noivo espera que ella se cure para casar-se.
- E quem é esse tolo que não quer uma mulher muda? Prouvera a Deus que a minha tivesse uma tal doença; não seria eu que a curasse.

— Emfim, senhor, nós vos supplicamos de empregar todos os vossos esforços para allivial-a de seu mal.

— Não tende cuidado. Dizei-me: o mal que ella sente a opprime muito?

- Sim, senhor.
- Tanto melhor. Sente dôres muito fortes?
- Muito fortes.
- Muito bem. Vae ella onde sabeis?...
- Sim.
- Copiosamente?
- Disso não sei.

— Approximando-se da doente, Sganarello pede-lhe o pulso, examina-o e diz :

- Eis aqui um pulso que denuncia que vossa filha é muda.
- Sim, senhor, torna Geronte, é esse o seu mal; vós o descobristes num relance.

— Nós outros, os medicos, diz Sganarello, conhecemos logo as cousas. Um ignorante teria encontrado embaraços, e vos teria dito: é isto, é aquillo; eu porém vou directamente ao fim e vos affirmo que vossa filha é muda.

— Podeis me dizer donde vem isso?

— Nada mais simples; isso resulta de ter ella perdido a fala.

— Muito bem. Mas qual a causa de ter perdido a fala?

— Todos os nossos melhores autores dirão que é o impedimento da acção da sua lingua.

— E qual a vossa opinião sobre esse impedimento?

— Aristoteles, a esse respeito, diz... cousas muito bellas.

Depois de outras pataratas Sganarello continúa:

— Acredito que esse embaraço na acção de sua lingua é causado por certos humores que nós, os sabios, chamamos humores peccantes; peccantes... quer dizer... humores peccantes. Emquanto os vapores formados pelas exalações que se elevam na região das molestias vem... por assim dizer... a... Sabeis o latim?

— Não, responde Geronte.

Sganarello após umas estiradas macarrônicas, prosegue:

— Ora, esses vapores de que vos falei, passando do lado esquerdo onde está o figado para o lado direito onde está o coração, acontece que o pulmão, que nós chamamos em latim *armyan*, tendo communicação com o cerebro, que em grego chamamos *nas-mus*, por meio da veia cava, que em hebreu chamamos *cubile*, encontra em seu trajecto os ditos vapores que enchem o ventriculo da omoplata, e porque os taes vapores... comprehendéis bem o raciocinio? peço-vos attenção, porque esses vapores têm uma certa malignidade, comprehendéis?

— Sim, responde Geronte.

— Uma certa malignidade 'que é causada... attentae bem, por favor.

— Estou attento.

— Que é causada pela acidez dos humores engendrados na concavidade do diaphragma, e acontece que esses vapores... eis ahi o que fez a vossa filha ficar muda.

Geronte, assombrado com tamanha erudição, não se pôde conter e diz:

— Indubitavelmente não se pode raciocinar melhor. Sómente uma cousa me repugnou: foi a collocação do figado e do coração.

Parece-me que vós fizestes uma troca dos seus logares. O coração, sempre ouvi dizer, fica do lado esquerdo e o fígado do direito.

— Sim, responde Sganarello, antigamente era assim, mas nós fizemos em tudo uma mudança radical, e agora, exercemos a medicina por methodo inteiramente novo.

— E' o que eu não sabia, diz Geronte, e vos peço perdão da minha ignorancia.

— Estaes perdoado; não sois obrigado a ser tão profundo quanto nós.

— Seguramente. Mas que aconselhaes que se deva fazer para esta molestia?

— Na minha opinião devemos mandar a doente para a cama, e como remedio devemos dar-lhe um pouco de pão ensopado no vinho.

— Por que, senhor?

— Porque ha no pão com vinho misturados, uma virtude sympathica que faz falar. Não sabeis que se dá isso aos papagaios quando estão aprendendo a falar?

— E' verdade. Que grande homem! Depressa, um pouco de pão e de vinho!

— Logo á tarde voltarei para ver o seu estado.

Na scena final do segundo acto, apparece Leandro, o namorado de Lucinda, o qual pede a Sganarello que o proteja em seus amores; o falso medico fica tocado de uma comica indignação e pergunta a Leandro por quem o toma; o namorado conhecendo o valor do dinheiro, dá uma bolsa cheia de moedas a Sganarello que mudando subitamente de tom, promptifica-se a auxiliar o namorado, e saem ambos para combinar o que hão de fazer, tendo Sganarello esta phrase com que acaba o acto:

— Vamos, meu caro; déste-me do vosso amor uma infundivel prova de ternura, vamos. Perderei toda a minha medicina, ou a doente levará a breca ou será vossa.

Ao descerrar do velario para o terceiro acto estão em scena Sganarello, e Leandro disfarçado em boticario. Este diz:

— Parece-me que não estou mal assim para um boticario, e como o pae não me quer ver, esta mudança do vestuario, esta peruca são bem capazes, estou certo, de me disfarçar aos seus olhos.

— Sem duvida, acode Sganarello.

— Todo o meu desejo era saber umas cinco ou seis palavras de medicina para embellezar o meu discurso e tomar uns ares de summidade.

— Ide, ide, nada disso é necessario, basta a vestimenta. Eu não sei mais do que vós.

— Como!

— Diabos me levem se entendo qualquer cousa de medicina. Sois um homem honrado, e vou fazer-vos uma confidencia, assim como confiastes em mim.

— Pois que! Não sois medico?

— Não; já vos disse. Fizera-me medico contra a minha vontade. Nunca pensei de chegar a ser assim tão sabio; nunca passei dos estudos primarios. Não sei absolutamente para que lhes acudiu essa idéa, mas quando vi que por força queriam que eu fosse medico, resolvi-me a sel-o, a despeito do que possa succeder. Não podeis acreditar como essa burla se propagou, e como toda a gente me toma por medico. Vêm procurar-me de todos os lados, e como as cousas vão se encaminhando, creio que consagrarei toda a vida á medicina. Acho que é a melhor das profissões, pois quer se faça o bem ou faça o mal da mesma forma se é pago. A perversa necessidade não nos cae nunca sobre os hombros. Cortamos segundo nos apraz o panno com que trabalhamos. Um sapateiro fazendo calçado não estragará um pedaço de couro, que não pague o pato, mas nesta profissão não se pode estragar um homem sem que elle nos pague. Os erros e os enganos nunca são nossos, a falta é sempre do que morre. Emfim, a bondade dessa profissão é que entre os que morrem ha uma honradez, uma discreção maior do mundo; nunca se viu nenhum queixar-se do medico que o matou.

— Nesse ponto, diz Leandro, os mortos são a gente mais honrada que se conhece.

Na terceira petição apresentada a Luiz XIV, em 5 de fevereiro de 1669, e que está publicada no prefacio do "*Tartufo*", escreveu Moilère: "Sire. — Um illustre medico de quem tenho a honra de ser cliente, promette-me, e quer obrigar-se por uma escriptura no cartorio, de me fazer viver ainda 30 annos, si em seu favor eu conseguir obter uma graça de vossa magestade. Disse-lhe, deante de sua promessa, que não pedia tanto, e que ficaria satisfeito si elle se compromettesse a não me tirar a vida. Essa graça, Sire, é o canonicato de vossa capella real de Vincennes, vaga pelo fallecimento de..."

Seria ousadia minha pedir ainda essa graça a vossa magestade, no dia da grande ascensão de "*Tartufo*", resuscitado pela vossa bondade? O primeiro favor reconcilia-me com os devotos e o segundo com os medicos. Para mim são sem duvida, muitas graças ao mesmo tempo, mas talvez que não o sejam para vossa ma-

gestade, e por isso espero confiante e respeitoso a resposta desta minha petição.”

O medico para cujo filho Molière solicitava esse canonicato, chamava-se Mauvilain. Foi tratando delle que Luiz XIV disse um dia a Molière:

— Tendes um medico, que vos falta?

— Sire, respondeu o poeta, nós palestramos, elle me receita, eu não tomo os remedios e fico bom.

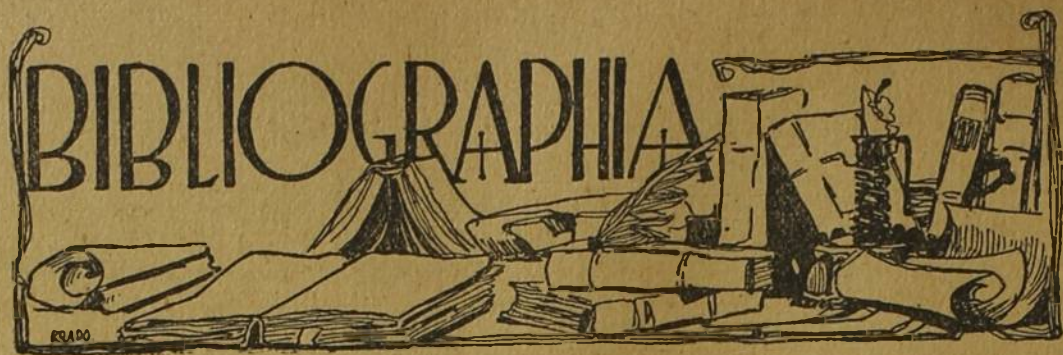
Molière divertiu-se com os medicos do seu tempo porque os tinha na conta de insignes charlatães. Sim, nem todos os discipulos do philosopho de Cós, residentes na Europa, por volta do seculo XVII, possuiam a sabedoria do eminente hollandez Boerhave, por exemplo, que teve em seu consultorio clientes como o papa Benedicto XIII, Pedro o Grande e outros magnatas, clinico tão illustre e tão afamado, que um mandarim lhe mandou certa vez uma carta, lá dos confins da China, tendo apenas este endereço: “Para o snr. Boerhave, medico, na Europa”.

Ambroise Paré, cirurgião celebre, pouco mais velho do que os medicos do tempo de Molière, era sabio e modesto, pois que a cada uma cura por elle obtida, costumava dizer: “Eu o tratei, Deus o curou”.

(*Continúa*)

MUCIO DA PAIXÃO





*O SUAVE CONVIVIO, ensaios criticos, por Andrade Muricy.
Edição do Annuario do Brasil, Rio de Janeiro, 1922.*

Dentre os nossos escriptores que se dedicam á critica ou a fazem apenas de caminho, poucos são os que se collocam num certo ponto de vista elevado para julgar a obra e o artista que a produziu. Ou rastejam, expurgando deslises de linguagem e outras pequenices, ou se elevam muito alto, muito acima da obra sobre que têm de falar. Pertencem á primeira classe os vernaculistas ferrenhos, destituídos de gosto e de visão, e á segunda os eruditos, para os quaes a critica é um mero pretexto de exhibição. O sr. Andrade Muricy collocou-se no melhor ponto, entre uns e outros, nem desce muito baixo nem sobe excessivamente, contentando-se de ficar, como lhe cumpre, na plana da obra e do artista, hombro a hombro com aquella e com este. Os seus conceitos não serão sempre verdadeiros, mas têm sempre um cunho de sinceridade que os valorisa. Possuidor de uma notavel cultura e conhecendo solidamente a nossa literatura, desde os seus primordios, os seus balbucios iniciaes até ás correntes contemporaneas, e dispondo, além disso, de uma linguagem clara, correcta, elegante, ao serviço de um aguçado senso de analyse, vem elle estudando, em trabalhos de valor, homens e livros, escolas e influencias literarias, com probidade e convicção, concorrendo, por essa fórmula, para a vulgarização das nossas obras d'arte.

A sua bagagem critica compõe-se de cinco volumes, todos elles interessantes, e são "Literatura Nacionalista", "Alguns poetas novos", "Emiliano Fernetta", "O suave convivio" e "Anthologia Brasileira de poetas e prosadores contemporaneos", de collaboração com Tasso da Silveira.

*PROBLEMAS SUL-AMERICANOS, por Alberto Seabra.
Monteiro Lobato & Comp., editores. S. Paulo, 1923.*

Uma das questões mais palpitantes que se agitam actualmente, e, para nós, talvez a mais importante, é a que foi lançada por Henry George e Novicow, e que tem o merito de solver uma série embaraçosa de problemas de ordem económica e social. Baseado nas idéas desses dois pensadores, o dr. Alberto Seabra, com aquella eloquencia e convicção que tornam interessantissimos os seus escriptos, explana brilhantemente essas questões, e, o que mais nos importa, sob o aspecto sul-americano.

O problema do imposto unico interessa a todos os povos indifferente-mente; mas para nós, sul-americanos, e sobretudo para nós, brasileiros, esse interesse cresce de vulto; e é isso que, atravez do seu magnifico livro, faz sentir o dr. Alberto Seabra. E' um livro de palpitante actualidade, cuja leitura não póde ser dispensada pelos estudiosos e principalmente por todos aquelles que queiram ter, ácerca dessa materia, uma noção bastante clara e segura.

O TANQUE DE JERUSALEM, por Alceu Chichorro. Edição da Empresa Graphica Paranaense. Curitiba, 1923.

Neste lindo volume a duas cores, com ilustrações do proprio autor, contêm-se contos que se lêem com prazer. São graciosos, leves, anecdoticos, além do merito de serem curtos, porque poucos são os que occupam mais de duas paginas. Não são contos de pretenciosa psychologia, nem propriamente anecdoticos; ficam entre uns e outros; não se afastam muito da verdade, nem mergulham muito fundo na ficção; equilibram-se num justo meio termo, o que os tornará, por certo, acceitos a toda classe de leitores.

HISTORIA DO BRASIL, escripta sem um só verbo em qualquer dos seus tempos, numeros e pessoas, por F. dos Santos Silva. Casa Mayença, S. Paulo, 1922.

O autor deste livro foi professor de Historia do Brasil no Gymnasio de Caraca, Minas, e revela-se um conhecedor da materia. O que é de extranhar é que, podendo ter composto uma obra de historia para leitura dos estudiosos ou para uso das escolas, puzesse hombros a essa tarefa difficilima de escrever um livro sem recorrer a um só verbo, produzindo, desse modo, um livro esteril, sem utilidade para os estudiosos nem para os estudantes, senão para um ou outro curioso de coisas bizarras. Se ainda esse volume, pela sua extranheza, tivesse o merito de despertar a curiosidade dos estudantes, offerecendo-lhes um novo recurso da mnemonica, que vá; mas o esforço que espontaneamente impoz o autor a si de desprezar os verbos, o instrumento mais essencial á exteriorização das idéas, obrigou-a a uma horrorosa gymnastica, de que não tirou nenhum proveito. O resultado foi fazer uma obra falha, obscura, incomprehensivel quasi.

Mas o sr. Santos Silva só teve um proposito: escrever sem verbos. Conseguiu-o galhardamente. Nosso parabem.

MATTO GROSSO, publicação official, por Virgilio Corrêa Filho, Typ. do "Jornal do Commercio", Rio de Janeiro, 1922.

Publicação luxuosa e preciosa esta, constante de cerca de quinhentas paginas, illustrada de lindas gravuras coloridas, e em que se contêm as noticias mais interessantes ácerca do riquissimo e futuroso Estado de Matto Grosso. A quem quizer conhecer este Estado, os melhores e mais seguros elementos de informação encontrará neste volume, onde se reúne a sua historia e onde estão especificados todos os seus recursos, o seu adiantamento actual, lavoura, criação, commercio e tudo mais. Um livro precioso em summa.

HORIZONTE, versos de Oliveira e Silva. Emp. Editora "A Politica". Rio de Janeiro, 1922.

Poeta pantheista e dos de mais largo vôo, sentem-se-lhe os sancos poderosos em cada estrophe e em cada verso. O seu verso, embora curto para a impressão dos olhos, tem, ás vezes, uma immensa amplitude, essa amplitude que as suggestões alargam sem limite.

Ahi vae, tirado ao acaso, este soneto magnifico, intitulado "Socego":

Lembra um crepusculo a cair no oceano,
 Na immensidade deste meu destino,
 Abrangendo com um sentimento humano,
 O arfar do pélago e o esplendor divino.

Imagens multiplicam-se no engano
 Da hora, ao encantamento vespertino;
 Das aguas sinto o ondeio soberano,
 Do páramo, a certeza em que culmino.

Goso na minha immensidade boa,
 Dos marulhós undivagos, o afago,
 Do ether, a paz sublime que perdôa.

E lentamente me diluo, apago,
 Dentro do anoitecer que me abençôa,
 A inquietude da gloria e o sonho vago.

A REPUBLICA LUSITANICA, de Ricardo Severo. Rio de Janeiro, 1923.

Subordinado a este thema, realistou, não ha muito, o sr. Ricardo Severo, no Gremio Republicano Portuguez do Rio de Janeiro, uma notavel conferencia, que foi entusiasticamente applaudida por quantos tiveram a ventura de ouvi-la. Enfeixada numa elegante "plaquette", os que não ouviram poderão agora, pela leitura, gosar as bellezas que contem.

VICTORIA REGIA, poemas de Francisco Galvão. Liv. Editora Schettino, Rio de Janeiro, 1923.

Um bom livro de versos, o que é coisa rara. Ha no Brasil, actualmente, um grupo de poetas, seis ou oito mais ou menos, ou se quizerem, mais alguns, que, parece, fizeram o "trust" da poesia. Elles enfeixaram nas suas mãos quasi toda a producção poetica nacional, e, o que mais é, conquistaram toda a massa de leitores. Fôra desse "trust", os que desejam também produzir têm de lutar com immensa difficuldade, porque os leitores teimam em não querer conhecê-los. Antes de ganhar reputação e leitores, são recebidos com a desconfiança. Não ha coisa mais penosa que fazer carreira nas letras. Muitas vezes o talento, o esforço e a cultura resultam inuteis. Além disso ainda é precisa uma coisa, uma qualquer coisa, que é menos que engenho e que vale mais que o engenho: é collocar-se o escriptor e o poeta no nivel do leitor. Ao sr. Galvão falta esta qualidade. A sua poesia é muito intellectual, muito elevada. No genero, porém, é das melhores.

Vejam esta "Pastoral":

Sob as verdineas, pendulas ramadas,
 As verbenas tenuissimas, medrosas,
 Abrem-se todas; perfidas, cheirosas
 As begonias desmaiam nas estradas;

Parai, córregos tristes! suspirosas
 As vossas aguas, pelas alvoradas,
 Digam do meu amor, quando de rosas
 Lhe engrinaldei as tranças perfumadas.

Arvores de oiro, verdes, singulares,
Contai para o silencio dos espaços
Tudo o que se passou nestes logares,

Ao sustel-a nos braços resolutos
Como o aegipan lascivo, aos meus abraços,
Coroados de rosas e de frutos.

Esta é a composição mais simples do volume. As mais bellas, as mais trabalhadas não hão de carear para o poeta a reputação a que o seu talento tem direito.

MUNDO DA LUA, por Monteiro Lobato. Edição de Monteiro Lobato e Comp., S. Paulo, 1923.

Um novo livro deste escriptor é sempre um acontecimento literario, um acontecimento sensacional. O sr. Monteiro Lobato tem hoje voltada para si a attenção de todo o paiz, e fóra do paiz, todos aquelles que conhecem um pouco a nossa lingua interessam-se por elle e commentam calorosamente essa extranha individualidade.

"Mundo da lua", além disso, é um livro todo inédito. Não são contos, são pequenos trechos de prosa que não passam de uma pagina ou pouco mais. Episodios da vida, scenas da rua, estados d'alma, observações, taes são os "motivos" que trata esse extraordinario artista e a que dá o cunho inconfundivel da sua personalidade. Esse nome, Monteiro Lobato, vale como uma marca de fabrica. O producto firmado com tal marca não se confunde com nenhum outro. O grande publico conhece-o, provou-o e não póde mais dispensal-o, tendo-o adoptado como genero de primeira necessidade.

Não ha quem, no Brasil, sabendo ler e tendo algum gosto pela boa leitura, não conheça este escriptor e não o leia com voluptuosidade.

"Mundo da lua" é um dos mais finos e acabados trabalhos deste artista. A edição é um primor. Nada mais diremos do novo livro para não tirar ao leitor o sabor da novidade.

RIMAS, por Euclides Lobato, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1920.

Os poetas, em geral, abrem o seu livro de versos com a melhor composição, ou pelo menos, com a que julgam a melhor. Este poeta, porém, abera da regra commum, porque o soneto que apresenta na fachada do livro é o mais fraco de todos. E' sobretudo prosaico, sem elevação, sem interesse.

Agora, que vem á balha a questão do parnasianismo, e do futurismo, e que o proprio sr. Amadeu Amaral, em artigo publicado recentemente, na "Gazeta de Noticias", escreveu que o parnasianismo, hoje, gasto como está e explorado, já é "terra de ninguem", apparecer um poeta, como o sr. Euclides Lobato, em plena juventude a enterrar os braços no veio vasio da velha escola, é uma teimosia de máo gosto. O poeta das "Rimas" ainda vae buscar inspiração no "Quo Vadi's?"; e, o que é mais, sem emprestar aos episodios que põe em verso uma belleza nova, contentando-se apenas de pol-os em verso.

Entretanto este poeta tem qualidades. Não lhe faltam imaginação e talento. Está apenas um pouco atrazado, o que é pena.

URUPÊS, contos por Monteiro Lobato. Edição de Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.

Não sabemos de outro livro, em nossa lingua, que tivesse um destino tão glorioso como este, careando para o poderoso artista, que o creou, uma reputação tão rapida, tão commentada e ruidosa. A nova edição, que já é a nova, alcança até ao 30.º milheiro, triumpho ainda não colhido por nenhum outro livro escripto em lingua portugueza.

Esta nova edição vem enriquecida com os prefacios de todas as edições que a antecederam, e traz aquella magistral referencia que fez Ruy Barbosa ao Géca Tatú, numa das suas mais famosas conferencias. O volume compõe-se de cerca de trezentas paginas, em magnifico papel e impressão cuidadosa.

EL COMPRADOR DE HACIENDAS, cuentos por Monteiro Lobato. Tradución de Benjamin de Garay. Editorial Cervantes, Barcelona, 1923.

Nenhum homem de letras, em nossa terra e em nossa lingua, conquistou tantos louros em tão curto espaço de tempo como o autor de "Urupês". Todos os escriptores, ao apresentar-se ao publico pela primeira vez, ainda não têm estylo proprio, e revelam apenas, quando as revelam, promessas, que só mais tarde se realisam; e essas mesmas promessas só se vão realisando aos poucos. Isto quando se trata de artistas de verdade. O sr. Monteiro Lobato, porém, não balbuciou promessas, nem extendeu os braços, em maromba, para tactear os primeiros passos incertos. Quando se apresentou ao publico, vinha feito, completo. Nasceu como Minerva da coxa de Jupiter, já armada.

O successo de "Urupês" não ficou limitado aos dois paizes em que se fala o idioma de Camões. Na America do Norte está sendo traduzido e publicado por jornaes e revistas. A edição argentina desse livro teve uma larga repercussão em todos os paizes da America Hespanhola.

Faltava conquistar o publico hespanhol. Essa conquista foi iniciada agora com uma magnifica traducção para castelhano; o traductor, porém, preferiu dar o titulo á obra "El comprador de haciendas", titulo de um dos mais bellos contos de "Urupês".

A edição hespanhola é muito graciosa e elegante.

A RONDA DO DESLUMBRAMENTO, contos de José Geraldo Vieira. Empresa Brasil Editora. Rio de Janeiro, 1923.

E' este um dos melhores livros de contos que se têm publicado ultimamente em nosso paiz. O sr. Geraldo Vieira é verdadeiramente um escriptor. Tem um estylo pessoal, imaginação, observação, e logra empolgar a atenção do leitor, entretel-a agradavelmente e leval-a por deante até ao desfecho de cada novella.

SEGUNDO ANNO DE CONVERSAÇÃO FRANCEZA, primeiro livro de leitura por Julien Fauvel. Editora proprietaria Companhia de Melhoramentos de S. Paulo, 1923.

O ensino do francez pelos velhos methodos classicos, que se adoptavam no Brasil, vae felizmente perdendo terreno dia a dia. Pela grammatica de Sève ou de Albout, o estudante, antigamente, ficava habilitado a dis-

correr sobre a syntaxe franceza, mas era incapaz de sustentar, nessa lingua, dois minutos de conversação. Que vale a um individuo conhecer as regras de construcção de um idioma, se não sabe falar esse idioma?

De então para cá muitos methodos têm sido creados no interesse de facilitar o aprendizado pratico da lingua, dos quaes os mais conhecidos são o de Ahn e o Berlitz. Este trabalho do sr. Julien Fauvel é muito pratico, e foi organizado com muito rigor pedagogico. Dos trabalhos desse genero, adoptados nas escolas do nosso Estado, este é um dos melhores.

ESMALTES E CAMAFEUS, contos de Guilly Furtado Bandeira. Livraria Garnier, Rio de Janeiro, 1923.

O autor deste livro deve ser muito joven. Afóra talento, mingua-lhe tudo, O estylo é frouxo, a linguagem é incorrecta e sem colorido. Os contos — se é que se pôde chamar contos áquellas longas descripções romanescas — são narrados da fôrma menos interessante possivel.

Não sabemos por que razão o autor, ao contar um episodio da vida, episodio vulgar, faz a acção desenrolar-se em Madrid. O assumpto do primeiro conto é o erro sentimental de uma mulher, e como consequencia, um filho espurio, o desprezo publico, a miseria. Ora, estas coisas se podem passar perfeitamente no Brasil... Se o autor levou a acção para Madrid, é porque parece suppor que só as hespanholas são capazes de erros sentimentaes.

Protestamos tambem contra o titulo. "Esmaltes e camafeus" formam o titulo de uma das obras mais bellas das letras francezas. Quer-nos parecer que o sr. Furtado Bandeira ainda não conhece Theophilo Gauthier, pois, se o conhecesse, não se arriscaria a baptisar o seu livro com tal nome.

PELA VIDA AFORA... por Silva Ramos, Edição da Revista de Lingua Portuguesa. Rio de Janeiro, 1922.

Cá está um livro para leitores de "élite", um livro volumoso, farto, cheio de materia interessante, versos, critica, divagações e estudos da lingua. O sr. Silva Ramos é um dos mais autorizados conhecedores do vernaculo, e a parte mais importante do livro, "Licções de portuguez", deve ser lida pelos estudiosos da lingua, que ahi encontrarão, para regalo da gula, os mais saborosos pitéos. Um livro precioso.

ARLEQUINADA, fantasia funambulesca, por Martins Fontes. Typ. Instituto D. Esch. Rosa, Santos, 1922.

Os adeptos dessa nova corrente de desvarios em arte, que se appellidam de futuristas ou penumbristas, têm um só proposito — a originalidade, e tratam de forçal-a por todos os modos, com sacrificio do bom senso, do bom gosto e da lingua. A despeito, porém, de tal proposito, não sabemos de nenhum que seja tão original como o sr. Martins Fontes, tão poderosamente original, conservando, todavia, na sua arte, o mais rigoroso apuro de fôrma e o mais esculpulozo respeito á lingua. Outro poeta não conhecemos que jogue a lingua com tal segurança e que disponha de tão surprehendente riqueza de vocabulario. Com taes recursos e auxiliado por uma imaginação fertilissima tudo quanto compõe tem sempre uma belleza prodigiosa e encantos inesperados.

A "Arlequinada", que foi levada á scena em Santos, interpretada pelo proprio autor, que, diga-se de caminho, é tambem um extraordinario actor,

com o concurso da senhorita Zilota Assumpção e do sr. Odecio de Camargo, obteve um exito ruidoso, tendo sido objecto, durante muito tempo, de calorosos commentarios. E' uma peça formosissima, concebida e realisada exclusivamente para os effeitos da declamação, sem prejuizo, entretanto, da theatralidade, que foi com muita habilidade urdida.

Para a gula dos leitores dos bons versos, aqui lhes offerecemos esta fala de Pierrot:

"A sciencia de rimar, o bem trovar, á antiga,
Lembra-me a intrepidez, minha formosa amiga,
Dos gymnastas que, sobre uma corda a vibrar,
De tão tenso o metal, espaventeiam no ar.
Dando pulos-mortaes, pondo os pés para cima,
Tendo, numa das mãos, um dixe irial, que é a rima,
Guizo multicolor, omnicolor, que faz
O acróbata fulgir, sobre os bicos de gaz.
Vindo da movel prancha á corda, de repente,
Virtuosissimo, salta, elastissimamente,
E a sua alta figura, agil, de volantim,
Cambalhota a subir, foge do trampolim,
Fura o tecto do circo, e, sobre as nuvens, pelas
Alturas, vae rolar no esplendor das estrellas!"

OS SERÕES DE D. BRANCA, contos por Paulo de Freitas.
Editores Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.

Um excellente livro de contos. O autor é um estreante, mas dentre os velhos escriptores, poucos escreverão com tanta correcção, com fôrma tão apurada. Este livro vale, sobretudo, pelo estylo, e os estudiosos da lingua o lerão, porventura, com a voluptuosidade que despertam as obras escriptas em puro vernaculo. Além disso, sabe o autor entreter a curiosidade dos leitores com narrações muito bem contadas, a que não falta, por vezes, uma certa graça ironica.

O trabalho typographico é um primor.

RECEBEMOS MAIS:

A Patria livre, revista politico-literaria-social economica de propaganda syrio-brasileira, órgão official do Partido Nacional Syrio. Director dr. Assad Bechâra, S. Paulo.

Procremación en la Argentina, por José Perez Mendoza. Buenos Aires, 1922.

Hispania, A journal devoted to the interest of teachers of Spanish, and published by The American Association of Teachers of Spanish. Stanford University, California, 1923.

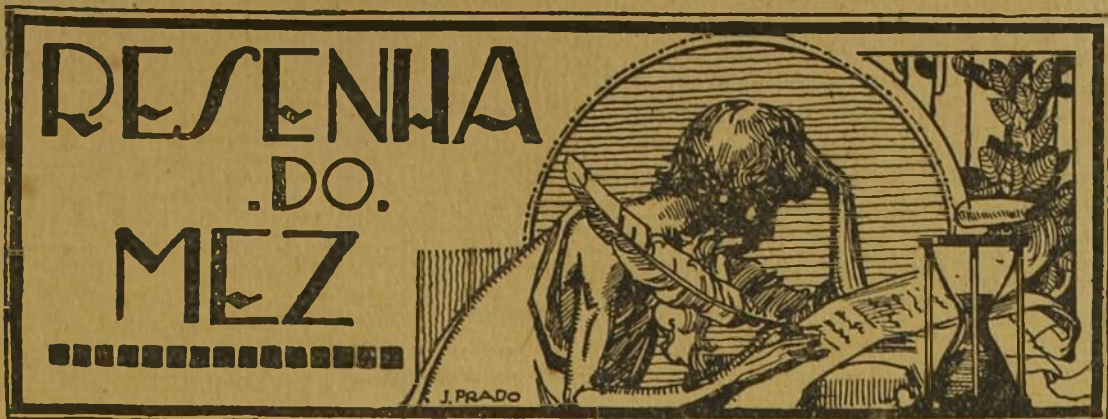
El poema de mi vida, versos de Alfonso Mejía Robledo. Imprenta "Mariño", Panamá, 1923.

Ateneo de Honduras, excellente revista de arte e literatura, dirigida pelo sr. Froylán Turcios. Tegucigalpa, Honduras, Centro-America.

Revista del impuesto unico, Buenos Aires.

Educación, revista mensal. Santiago de Chile.

As guerras hussitas, por Vicente Themudo, distincto ministro evangelico. Est. Graph. Higgins e C., S. Paulo, 1923.



POESIA VELHA, POESIA NOVA,
POESIA ETERNA...

O artigo que fiz inserir no passado domingo, sobre "Poesia de hontem e de hoje," mereceu as honras de ser immediatamente celebrado numa das chronicas de Helios, no "Correio Paulistano" — como a prova de que eu renegara o parnasianismo e, Clovis hirsuto, me fora prostrar ante o lábaro redemptor do "ismo" mais recente.

A chronica é injusta de principio a fim. Começa por um excessivo elogio ás minhas qualidades de poeta (elogio aliás contrastado, no final, por umas frases reticenciadas e equivocadas, onde não terá faltado quem lobrigasse uma intenção maliciosa e ferina). Ora, as minhas qualidades de poeta não valem nada — opinião esta que não é unicamente minha, mas tem sido compartilhada largamente pelos homens de letras de S. Paulo, das varias constellações em que elles se associam. Acredito mesmo que o chronista do "Correio Paulistano" não me elevou á região luminosa dos eleitos, senão no piedoso intuito de contrabalançar com tamanha graça o peso das coisas que pretendeu condensar nas reticencias finaes.

Mas, ha injustiça maior, e é aquella que me apresenta como um convertido. Meu artigo não autorizava, nem de longe, tão rapida e absoluta conclusão.

Esta só me vem demonstrar, mais uma vez, a verdade de uma velha observação minha — que não ha como os homens de talento para não entenderem aquillo que os outros escrevem. Por excesso de agudeza, e por demasiada confiança em

tal agudeza, leem nas entrelinhas, leem nos espaços entre as palavras, leem com a imaginação, leem com os affectos, leem o que trazem na cabeça e o que lhes suggere o coração, e acabam não lendo a nada mais que a si mesmos, através das regras que o proximo estendeu tranquillamente no papel.

Estou em apostar que não ha um só individuo de senso, com a condição unica de não alimentar velleidades literarias, que, tendo lido meu artigo, tão claro e tão accessivel, não o comprehendesse justa e serenamente no seu exacto significado, isto é, como um singelo, objectivo e imparcial esboço das condições em que ora se encontra a concorrência entre a chamada poesia parnasiana e as varias modalidades novas agglomeradas sob algum rótulo commum por simples commodidade de pensamento.

Eu disse que o "parnasianismo" (chamemos-lhe assim), vae em franca decadencia, e disse uma verdade de simples e vulgar observação, que nem o mais convencido e mais intolerante dos discipulos de Leconte e Heredia poderá contestar. Ora, isso não é uma opinião sobre o valor esthetico da escola: é um diagnostico. De igual maneira tenho, por vezes, verificado e declarado que pessoas queridas deperecem por doença ou por ancianidade, sem que, entretanto, ta' facto envolvesse o menor desejo de as ver desaparecer deste mundo.

Eu disse, mais, que as correntes novas teem posto em evidencia não poucos talentos apreciaveis; mas, accrescentei logo que essas correntes, como quaesquer outras, só valem na realidade pelo talento de alguns — que não pelas tendencias nem

pelas pretensões theoricas de todos. Ou muito me engano, ou isto vae tão longe de uma profissão de fé como o commentario do passante que se achou de repente, e por acaso, perdido entre a multidão no séquito de uma romaria religiosa.

✱ ✱

Mas, não é tudo. Eu não podia ter abandonado o parnasianismo, porque, na verdade, nunca fui parnasiano; e, se tal etiqueta me foi apposta, isso não se deve senão a esta profunda irremediavel flutuação de idéas em que vivemos, a respeito de escolas e correntes, e em que teremos de viver enquanto nossos movimentos literarios continuarem a ser o que teem sido até hoje — simples “reflexos longinquos e tardios”, nem sempre directos sequer, de outros movimentos genuinos e originaes lá pela Europa.

Não quero agora discutir minha poesia. Seria incidir, pela primeira vez, na impertinencia de me occupar de mim proprio, isto é, de uma personalidade que, com o consenso unanime de meus confrades, tenho o direito de considerar apagada e insignificante.

Lembrarei apenas, e de fugida, que eu já cultivava uma especie de vago “symbolismo” ainda no tempo em que varios inimigos actuaes do Parnaso bebiam a largos tragos nas aguas execraveis da fonte classica; e, se depois confeccionei as “Espumas” em normas serenas e em formas regulares, o fiz, não renunciando á primitiva maneira, nem com a preocupação de me tornar parnasiano, mas, porque me pareceu que taes normas e formas eram as que se adequavam justamente ao movimento interior do pensamento a exprimir e á reflexiva disposição de espirito a suscitar nos hypotheticos leitores.

Esse livro, tal qual os precedentes, passou quasi despercebido, como era de justiça. Mas, tal justiça (tudo é assim neste mundo, onde o bem e o mal se differenciam apenas “como os matizes do pescoço de uma pomba”. . .), engendrou a injustiça de me haverem rotulado estavanadamente, por simples palpite, ou por mera sugestão da escama polida e symetrica de grande parte dos meus ultimos versos.

Aliás, é sempre assim que se distri-

buem rotulos, no Brasil. De todos os nossos denominados parnasianos, bem poucos, sem duvida, deveriam ser com razão incluídos nessa gaveta classificadora. Pode-se, hoje, como já hontem se teria podido, affirmar e demonstrar que no Brasil não ha parnasianismo, mas apenas reflexos fragmentados e incoherentes dessa coisa, que só teve uma realidade, uma origem, uma explicação, uma definição, um papel no conjuncto unido e seguido da vida literaria franceza, na economia das actividades poeticas em certo momento da historia literaria parisiense.

Parnasiano, aqui, é o poeta, que ha-te versos castigados e sonoros, com alguns escrúpulos de linguagem e de rima! Assim, se Dante, Ronsard, Ariosto, ou Racine resuscitasse no Brasil e continuasse a fazer versos á sua velha maneira, mas em português, seria logo entrouxado sob a designação de “parnasiano”, e quiçá desdenhosamente registrado nos elencos da critica e da historia como discipulo do Sr. Alberto de Oliveira.

Porque, isto? A explicação é simples. Em parte, já está dada.

Nossos movimentos literarios, lentos, hesitantes, confusos, como simples “reflexos longinquos e tardios” que são, importam de seus modelos alienigenas apenas as exterioridades mais vistosas, e, frequentemente, menos significativas; não transplantam, nem o poderiam já-mais, a intima vitalidade, a razão organica de sua existencia. Mas, esses reflexos estão sempre por ahi, nos espiritos. Dispersos, errantes, incoherentes, fragmentarios, estão sempre, entretanto, a presidir as contradanças da nossa actividade critica, a embaraçar curiosamente o livre exercicio do nosso juizo. E, se grande parte dos poetas tem os olhos pregados em Paris, os criticos não buscam noutro lugar os seus padrões, os seus riscos, os seus criterios classificadores.

Dahi resulta uma consequencia, que não deixa de ter o seu lado comico.

Os poetas “ont beau” imitar as exterioridades de lá; queiram ou não queiram, gostem ou não gostem, não se transformam radicalmente, não deixam de ser brasileiros, bem brasileiros, brasileiros dos quatro costados, brasileiros

vestidos á franceza, mas brasileiros, com toda a conformação, todos os defeitos, todas as qualidades, todas as manias, todas as virtudes, todas as heranças e tendencias conscientes e inconscientes que um meio e uma nacionalidade imprimem nas mais profundas entranhas das almas nativas, sujeitas, por submissão ou sem ella, ás contingencias da vida que se processa, independente "quand même", dentro das fronteiras de um paiz geographica, politica e moralmente definido. Todas as imitações, em ultima analyse, não são senão modificadores apparentes e externos de uma realidade visceral e inconfundivel. Por grandes e persistentes que sejam, ellas começam a ser nacionalizadas desde a simples e preliminar circumstancia de que ninguem imita senão aquillo que "pode". Os brasileiros imitam unica e precisamente aquillo que a sua condição de "brasileiros" lhes permite imitar. Parnasianismo, symbolismo, futurismo e todos os "ismos" nascidos lá fora não são, aqui, senão accidentes superficiaes, vagas, fugidas e confusas intercorrencias de influxos resfriados.

Entretanto, a nossa critica não faz senão brandir as medidas com que lá fora se classifica e se avalia; imperturbavelmente, vae tirando de suas caixinhas os rótulos parisienses em moda e grupando-os na testa de cada vate que passa, embora esse vate seja, na realidade, um simples composto bem nacional de varias influencias velhas e novas que se cruzam dentro do nosso ambiente. Bilac amava o verso lapidado e canoro? "Parnasiano"! Comtudo, Bilac não foi mais que uma resultante homogenea de Bocage, de Gonçalves Dias, de Victor Hugo, de Gauthier, de Leconte, e, principalmente, de Bilac mesmo, isto é, de um brasileiro ardente, apaixonado, entusiasta e bom, com um talento raro e magnifico, que se abeberou em varias fontes, simplesmente porque a poesia, em grande parte, é uma collaboração universal e é uma tradição velhissima e immorredoura de tendencias e de processos imitativos.

Mas, Bilac ha de ficar eternamente enfiado na gaveta dos "parnasianos", ao lado de Alberto de Oliveira e de Raymundo, que são outros "casos" nacio-

naes irreductiveis a classificações de fóra e de momento...

E' assim a nossa critica.



O meu parnasianismo não é menos contestavel que o futurismo de tantos outros, que continuam a fazer boa prosa á moda de todos os tempos e a fazer versos nos quaes os atrevimentos externos e voluntarios da metrica não conseguem mascarar por completo a normalidade pedestre dos processos ideativos.

Nunca fiz profissão de fé parnasiana, nem jámais curei de indagar com que molho havia de ser comido. Sei apenas que nunca tive preferencias conscientes por esta ou aquella escola.

Minhas leituras predilectas são o que ha de eclectico, e não direi de disparatado, porque entre os grandes, acima do tempo e do espaço, ha sempre uma harmonia profunda, como entre as frondes mais altas de uma floresta; meus autores queridos são Homero e Sophocles, Dante e Shakespeare, os classicos francezes, Hugo e Leconte, Camões e D'Annunzio... E, entre os modernos e contemporaneos, nunca deixei de ouvir e de applaudir, sem prevenções e sem reservas, as aves cujo canto me agradou ou me prometeu melodias mais bellas — ainda quando essas aves de fina garganta e de bico afiado, retribuiram o bem que lhes quis pelo medida do mal que não lhes fizera.

Se, porém, o escriptor do "Correio Paulistano" faz questão de que eu seja um convertido, então, peço licença para requerer a transferencia da data de minha conversão para 7 de agosto de 1919, dia em que pronunciei, em solenne discurso que por ahi corre impresso, as seguintes palavras acerca do movimento "parnasiano" de ha tres decadas:

"Foi-se mesmo ao exaggero a que iam os mestres da outra banda, e acreditou-se na tocante cegueira de um juvenil entusiasmo, que a ultima palavra da esthetica era converter a poesia em rival e em copista das artes visuaes, em trabalhar o verso com pincel e cinzel, com escopro e buril, com maçarico e lima; era dar ás composições da palavra a

solidez, os contornos e os relêvos definidos, exactos e immutaveis das estatuas, dos frizos, dos quadros, dos vasos, das medalhas, das gravuras a agua forte ou das joias. Evidente exagero, que reduzia, sem o sentir, a missão complexa, multipla e superior das artes do verbo, que são sobretudo movimento e vida, que hão de comportar sempre algo de fluente e de flutuante, e que, se com alguma outra arte se assemelham de nascença, é com a musica, tambem feita de elementos que se desdobram no tempo e tambem primariamente destinada a gerar, em vez de extase, acção".

Assim eu me exprimia em 1919, assim continuei a pensar, e talvez continue. Aliás, a mesma idéa de opposição aos sonhos de uma arte estatica e "definitiva", está desde 1917 incluída em diferentes passos de minhas esquecidas "Espumas", e talvez principalmente na versalhada que trás o titulo — "A Estatua e a Rosa". dois symbolos que poderiam, sem violencia, traduzir-se por — "O Parnasianismo e a Vida".

O meu sonho de arte, modesto e calado, é que o artista desapareça, desapareçam as pretensões á durabilidade e a immortalidade, desapareça todo sectarismo e todo exclusivismo, desapareça toda politica e toda vontade de predomínio, e o poeta se resigne corajosa e serenamente a ser apenas uma voz que passa, bôa, bella, excellente, se no momento em que passava lançou de veras, em algumas almas, um pouco do prazer divino da idéa e do sonho, e assim a poesia seja uma perpetua successão de flores de um dia, contentes de viver um instante no "perpetuo esplendor das coisas transitorias".

Serei futurista? Se fôr, queiram os correligionarios tocar nestes ossos.

Amadeu Amaral.

("Gazeta de Noticias", Rio).

AS BOAS LETRAS E AS LIGAS DE MORALIDADE

Houve, seculos ha, em França, uma "Ligue du Bien public" que o povo acabou por chamar "Ligue du Mal public", tão facil é a transformação e a equivalencia dessas antinomias.

O mundo moral e physico tem a mes-

ma imagem circular. Quem está no fim está tambem no principio, pela coincidência dos extremos.

O perigo, pois, de uma Liga moral está na sua imminencia da immoralidade.

Pouco a pouco os moralistas resvalam da prudencia e da tolerancia util para o desconforto das carrancudas ferocidades.

E' a morte da Arte, da Belleza e da vida.



A acção das ligas da moralidade em qualquer parte do mundo ha de ser necessariamente muito problematica.

Hoje em dia, semelhantes ligas ou sociedades constituídas em favor de costumes são e mais austeros facilmente degeneram em inimigas da imprensa e da literatura commum, salvo se por imprensa se entende algum orgam catholico ou puritano ou se a literatura se resume na poesia sacra ou nos romances da "Bibliothèque des jeunes filles."

Em regra muito pouco exceptuada, aquella imprensa privilegiada é pouco lida e pertence ao genero chamado clandestino pela sua insignificancia de circulação. É aquella literatura virtuosa, puritana e edificante, no estilo prudente das cartilhas e dos catecismos, poucas vezes ascende ao grau de vulgarização que constitue o successo de "estima" como dizem os francezes e podiam dizê-lo todos os povos cultos.

Donde vem essa incommunicabilidade?

Vem de que é, muitas vezes, insincera, monotona e tediosa, como o é essoutra religião heretica dos ultimos poetas que nos falam de hostias, de litánias e de Nossas Senhoras, com o mais afrontoso sacrilegio e com irreverente offensa dos verdadeiros fieis da religião.

Não ha poesia nem ha romance sem amor. E, pois, que o amor é um thema evitado e perigoso, a ninguem apraz abeberar-se desses vinhos sem uva.

Desta arte, não ha literatura possivel para as "Ligas de Moralidade" fóra dos seus canones de pasteurização da realidade.



Entretanto, não queremos significar com essas restricções que ás Ligas de moralidade faltem occorrencias opportunas em que empreguem o prestigio tão malsinado das suas intervenções.

Realmente, não só a "Liga da Moralidade", mas a propria policia correccional a quem não podem ser indifferentes os attentados ao pudor publico — ambos poderiam, conjuntas e unidas no mesmo pensamento, lograr uma sancção razoavel contra as desordens, aliás anti-literarias, da pornographia impressa.

E neste escabroso terreno ha muito que fazer a bem da educação da mocidade, corrigindo em tempo as criminosas negligencias do poder publico.

As nossas autoridades administrativas cumpliciam-se, talvez involuntariamente, na diffusão desse veneno dos livros e folhetos obscenos. E' questão de facto.

Coisa sabida é que a maior parte dessa miseravel producção em lingua vulgar vem de origem portugueza. A chamada, estupidamente chamada "Collecção Rabelaisiana", immoralissima, mal escripta, imprudente, suja de gravuras suinamente abjectas, é um artigo de importação.

Como tal, passa incolume pelas nossas alfandegas e paga o triste imposto — "non olet" — que agradaria a Vespasiano.

Não é Portugal o responsavel por esse commercio illicito de dejectos fesceninos. A boa literatura daquelle paiz amigo não precisa desse supplemento deshonesto.

Bastaria apenas estancar o nojento e asqueroso trafico para que a indecencia expirasse á porta, sem nos conspurcar as cidades.

Entretanto, a collecção — Rabelaisiana — circula por todo o Brasil, estende os seus folhetos nos "pliegos sueltos" dos engraxates, das pequenas livrarias, das estações das estradas de ferro.

Não é, pois, o poder publico o principal responsavel pela devastação dessa peçonha?

Que podem fazer contra elle o prestigio e o trabalho de Sisyphe das ligas de moralidade?

Que fizeram até hoje?

Pode objectar-se que desse commercio corrupto tambem se poderia gabar a in-

dustria nacional. Ha infelizmente nessa especie alguns productos que poderiam trazer o ferrete ignominioso — "made at home".

Não são ainda muito numerosos, graças talvez á tarifa protectora da producção estrangeira. Aqui, a impressão e a gravura são caras, por felicidade casual e a essa circumstancia devemos estar quasi toda pornographia reduzida a algumas folhas volantes e algumas revistas um tanto livres e eroticas, onde o mau gosto é mais real e sensivel que a obscenidade.



Em todos os tempos e em todas as literaturas, foram os poetas os mais desbocados e soltos de lingua...

Perdoam-se-lhes por certo merito de fabricação essas anomalias do espirito. A excellencia dos versos de Bocage ou de Gregorio de Matos, a graça mesma que os espiritualiza, anteparam-nos e resguardam-nos de condemnações absolutas.

Para esses casos de excepção ha o recurso dos "setimos volumes" hermeticos e inacessiveis á pudicicia desamparada. São, todavia, perigosos e não sei se haverá beneficio em exhumá-los do esquecimento para vulgarizações serodias e talvez inopportunas.

Como quer que seja, o encanto de arte e a fascinação do genio douram esses monstros com a luz de discreta condescendencia.

Agora mesmo, a Academia Brasileira, magnificamente, promete publicar as obras completas de Gregorio de Matos, inclusive o volume bocagiano do poeta.

E quem sabe se não será o caso de uma intervenção dessaborida e amigavel da Liga da Moralidade?

Acreditamos que ella não perderá o ensejo propicio que se lhe offerece de endereçar uma petição piedosa e suasoria ao respeitavel cenaculo.

Ha muita mocidade na Academia...

Eu, de mim, que sou victima do mais irreparavel dos estragos, abraço-me e ardo por ler o tomo hermetico do "Boca de Inferno".

Já não me fazem mal essas coisas, e espero como ultimo cartucho academico requerer pelo menos uma sessão secreta.

Dizem que o veneravel Dom Frei Bartholomeu dos Martyres, no Concilio de

Trento, quebrou todas as lanças em favor do casamento dos padres.

— Não por mim (dizia, sendo já decrepito), mas pelos clérigos de Braga.

Não sou clérigo, e se fui alguma vez diabo, tolo diabo devia ter sido e agora devo estar por pouco.

Sinto que dentro d'alma lá onde existe o compartimento dos humores virtuosos, já se annuncia o tremor da minha metamorphose em ermitão.

João Ribeiro.

("Gazeta de Noticias", Rio).

NAO APOIADO!

Correcta de intenção, falha todavia como todas as decisões muito absolutas, a sentença official do distincto ministro dr. Miguel Calmon, condemnatoria da immigração armenia porque commerciante e não lavradora, está a provocar e merecer um forte "não apoiado".

Para elle contribuo, dissentindo pela primeira vez do applauso com que sempre acolhi palavras e actos do intelligente e estudioso bahiano. Affluem-me para isso motivos, e me não faltam razões.

Subordinado hoje á influencia, branda porém effectiva, da politica mineira, deveria ter o eminente funcionario reflectido um pouco mais, antes de, num traço de penna, divergir daquelle pensador mineiro de nascimento, William Draper, aconselhante de respeitosa gratidão aos serviços desse tradicional agrupamento dos povos que, da baixada occidental da Asia, transmittiram ao occidente crenças, theorias e doutrinas, hoje patrimonio moral da humanidade inteira. A esse conjuncto intermediario de civilisações pertenceu o armenio.

Capitulando-o de indesejavel ao Brasil, dizendo-o commerciante e não lavrador, abusou o estimavel ministro do muito relativo direito de enganar-se. Em qualquer nucleo policiado maior de vinte mil almas, hodiernamente ha de tudo: nelle respiram desde o sandeu que concorda com tudo quanto vê até o talento, socialista em regra, que acompanha a marcha da sciencia, aguarda os embates demonstrativos de Einstein, pensa no futuro da especie e duvida das infabillidades governamentais.

Ha disso entre os armenios; assim como nós, contam elles sapateiros e poetas, alfaítes e estadistas, ferradores e financeiros. Têm, outrosim, lavradores e commerciantes. De que lhes serviria o commercio sem a producção que o alimentasse? De que os productos sem as necessidades da troca attendidas pelas leis da offerta e da procura? No mundo inteiro, e a Armenia delle ainda não foi excluida, a profissão de commerciante jámais excluiu a de agricultor; completam-se até, harmonisando interesses. Haja a este respeito lembrança

daquelle Dardanarius, sagaz armenio, resistente ás oscillações do mercado, e que atirou ao mar grande quantidade de trigo para quadruplicar o preço dos moios que reservára.

Não só por isso, mas tambem, porque trago ao debate materia nova solidificada em documento novo, embargo a alludida e não veneranda sentença official; materia relevante, firmadissima em documento existente na Secretaria da Agricultura. A' sentença geral do ministerio opponho um caso concreto: Fares Metran.

Metran, bem orientado por varias informações, veio da referida baixada civilisadora para o Brasil, ha trinta annos. De mascate ascendeu a lojista: ganhou nessa mudança e mais, muito mais, na passagem de commerciante a lavrador. Comprou e valorizou enorme área em arrabalde da capital paulista. Entregou-se ao cultivo de muita uva, com tanto proveito que, em espectacular exposição promovida pelo ministerio da Agricultura, obteve "medalha de ouro de primeira classe". Obteve... é um modo de dizer. O que o vinhateiro ex-mascate recebeu foi um officio magnificamente impresso, impresso com toda a antiga liberdade de imprensa, communicando-lhe que "lhe fôra conferida medalha de ouro de primeira classe em virtude de etc". Quando, porém, de officio em punho, a foi buscar, o que de facto obteve foi esta resposta decisiva:

— Ora! Outro officio, senhor Fares Metran!

E desde então, azedadas as uvas na memoria, anda o infeliz a pensar, a meditar na medalha sete dias por semana. Não raciocina sem ella; é-lhe sua idéa fixa. Autopsiem-no e verificarão estar sua cabeça internamente com a fôrma de medalha. Conheço-o: é um cerebro de concepções rijas.

Em qualquer outro paiz, na Inglaterra ou no Congo por exemplo, a difficuldade poderia ser immediatamente removida pela entrega de gratificação a dous ou tres funcionarios da repartição; no Brasil, porém, esse systema administrativo é sabidamente impraticavel.

Um recurso, todavia, ainda resta a Metran sem medalha: o de os altos poderes constitucionaes, convencidos como ajuizadamente se acham do nem um valor de medalhas no bolso alheio, mandarem que se realize a entrega real e effectiva daquella que Metran apenas recebeu em promessa official. Seria a pratica do "seu a seu dono" com a possivel efficacia. Cautela, muita cautela porém, com os perigos do retardamento; pela demora na restituição da Arca da Alliança aos seus legitimos donos, os philisteus foram multados. E que multa!

Caso minusculo, trivial, inimportante, ponderar-me-ão. E' o talvez. A historia, porém, anda cheia de grandes consequencias filiadas a pretextos mais futeis do que as parreiras de Metran. Cortada, a cauda do cachorro de Alcibiades revolucionou Athenas; um errado accento agudo na palavra "legitime" aguçou a diplomacia russa e quasi promoveu guerra europeia.

Mude, mude pois de opinião o illustre e tambem illustrado (posso asseverar que s. exa. é dado ás letras) ministro da Agricultura a respeito dos armenios; e, mesmo, se lhe parecer convinavel, mude-os para o Brasil. São laboriosos, pacatos, honestos em sua maioria; significariam para o nosso paiz uma excellente aquisição.

Desaproveitadas pela incultura, temos tantas terras para os abrigar! Só as do Aguapehy, nas lindas margens do rio Feio, com os seus quinhentos e alguns mil alqueires hoje em evidencia por haver nelles semeado a politica varias discórdias, podem receber e colonisar todos os armenios em disponibilidade. Alargam-se ellas em tamanho de doze mil e cem kilometros quadrados: quasi um terço de Sergipe, mais dum terço da Belgica, mais dum quarto do Espirito Santo, dez vezes o Districto Federal, quatro por cento de todo o Estado de S. Paulo deduzidos os territorios que, recentemente, Paraná lhe tirou sem protesto, e aproximadamente lhe vai Minas tirar sem muito esforço.

Um alvitre sobremaneira viavel: recebi-

das pelo governo da União essas tantas terras em pagamento do eterno debito da valorização do café, e retalhadas a preço baixo pelos immigrants armenios, só as primeiras prestações dariam para equilibrio orçamentario no corrente exercicio. Dahi melhora de cambio: dahi barateamento do feijão, preto ou mulatinho.

Uma circumstancia, esperada e inesquecivel, auxiliará a viabilidade deste meu plano salvador. Pertencendo toda a região do Aguapehy a todos os politicos paulistas, todos, é voz corrente, por desistencia as restituirão ao Estado de São Paulo (1) para que, até em saldos de contas, seja elle o modelo dos seus manos federaes.

Desembaraçado por esse lado o problema armenio no sul nacional, mais lhe liberto o desenlace confirmando o boato, tambem corrente, de que me promptifico a redigir de graça a respectiva escriptura de desistencia logo que o energico procurador do Estado, licenciando-se, me indique para substitui-lo nesse patriotico serviço. Bastará um chamado pelo telephone (2) para que eu appareça, rapido e peremptorio, perante o tabellião preferido, e alli dicte a competente escriptura como no tempo em que acreditava em direito.

E alliviado desse dever, para que o excellentissimo ministro da Agricultura se associe á minha gloria como se associou ás minhas idéas, das palavras que titulam este artigo apagarei a primeira.

S. Paulo — 1923.

Martim Francisco.

("Jornal do Brasil", Rio).

(1) — Constituição Federal, art. 64. go 64.

(2) — Cidade, 5.930.

LITERATURA INFANTIL

FABULAS, por Monteiro Lobato.

II

"Todos os povos, diz o sociologo Henrique Mazel, têm os seus fabularios, até a India que abriu a marcha muito antes de Esopo, com Pilpay, e que a encerra, não de todo mal, com Rudyard Kipling".

Antes de fazermos a applicação, que já se adivinha, dessa asserção ao caso do nosso paiz, seja-nos permittido um reparo

acerca da apreciação profundamente injusta e inexacta da obra do escriptor anglo-indu' ahi citado, Rudyard Kipling não é fabulista no sentido em que nos costumamos referir a Esopo, Phedro ou La Fontaine. Estes observam as relações dos homens e depois as criticam e catalogam, pondo em scena os animaes, ao passo que o autor do maravilhoso "The Jungle Book" usa do processo inverso, como já o advertiu Droz. Observa acima de tudo e com extraordinaria acuidade a vida dos animaes e suppõe-lhes uma alma na qual se elevem até a consciencia, em criações verdadeiramente epicas, as grandes forças organicas da natureza. Seus personagens são em geral super-homens, no bem como no mal. Em sua obra manifesta-se, com surpreendente originalidade, essa forma de imaginação que Ribot chamou de utópica e de que são bellos exemplos a "Republica", de Platão, "A cidade do Sol", de Campanella, a "Utopia", de Thomaz Morus, e outras "Icarias" de semelhante genero.

Após semelhante desencargo de consciencia com relação á republica ideal da "Jungle", tornemos ao conceito de Bazel: Todos os povos têm os seus fabularios. Temol-os nós porventura? Verdade é que fabulas não nos faltam e das mais bellas, como o attesta o nosso folklоре: Infelizmente, porém, até agora não tinhamos fabulistas, isto é, escriptores que se dedicassem a fazer entre nós o que fizeram Phedro, La Fontaine e tantos outros em diversas épocas e nações. Tão gloriosa tarefa, empreendeu-a ultimamente o nosso Monteiro Lobato, a quem já tanto devem as nossas letras. Em seu livro "Fabulas", destinado á leitura infantil, cuidou de abrasilizar os antigos apologos, escolhendo para actores os nossos animaes, sempre que isso foi possível, e dando-lhes uma graça comica muito peculiar ao seu estilo personalissimo, pela vivacidade da nota humoristica e satirica. Seus personagens irrompem a cada passo de dentro da allegoria, para mostrarem-nos, num largo sorriso de troça sadia, visagens humanas muito nossas conhecidas. Assim é que a raposa trata a ovelha de "menina, a panella de barro offerece o braço á de ferro para sahirem a passear juntas, a cigarra "tosse, tosse" mal disfarçando a imagem dolorosa e familiar de uma pobre tysica prestes a despedir-se da vida. Ha

em seu trabalhos, como se vê, mais riso, mais sol, mais liberdade e movimento do que em qualquer traducção classica dos que apparecem em selectas e antologias. E' que nelles se retrata admiravelmente o nosso temperamento irrequieto e cheio de vivacidade.

Querem ver como a antiga fabula de Hesiodo "O rouxinol e o gavião" se empadroou brasileira com os retoques que lhe deu? Antes de tudo o rouxinol cedeu o lugar ao nosso sabiá e a scena tornou-se mais familiar pela substituição do milhafre ou gavião pelo gato, quotidianamente observado pelas crianças em seu papel de algoz dos passarinhos. Depois, que mudança de linguagem! "Desgraçado, dizia o gavião do moralista dos "Trabalhos e Dias", por que esses queixumes? Irás aonde eu bem quizer qualquer que seja a doçura dos teus cantos. Posso, a meu bel prazer fazer de ti meu repasto, assim como deixar-te escapar. Insensato de quem pretendesse resistir á vontade do mais forte"! Leia-se agora esta movimentada passagem da fabula nacionalisada pela autor de Urupês: 'Repara que, se me devoras, commettes um crime de lésa-arte, pois darás cabo de uma garganta maravilhosa donde brotam as mais lindas canções da selva. Queres ouvir uma dellas? — Tenho fome! respondeu o gato. — Queres ouvir uma canção que já enlevou ás proprias pedras que dizem surdas, e fez exclamar á onça (note-se a entrada em scena da nossa onça) bruta: "Este sabiá é a obra prima da natureza? — Tenho fome! repetiu o gato. — Tens fome, bem vejo, mas não é isso razão para que destruas a maravilha da floresta — Tenho fome! insistiu o gato. Sei que tudo é assim como dizes, mas tenho fome e acabou-se. Para satisfazel-a devoraria não só a ti como a — propria musica se ella me apparecesse encarnada em petisco. E isso, meu caro sabiá porque a fome não tem ouvidos. E comeu-o"'.

Esse dialogo, com a resposta laconica e repetida do gato, deu ao velho apologo uma força e uma grandeza tragica que não existe no original, havemos de convir. Além de que, a philosophia da fabula transformou-se ganhando muito em profundidade.

Algumas ha no livro inteiramente novas e de concepção arrojada. Haja vista "Os dois viajantes na Macacolandia," vi-

goroso pamphleto fabulado contra o que Ibsen chamava "A grande curva", isto é, a hypocrisia social, e cuja moralidade se condensa nisto: "Quem fôr amigo da verdade, traga couraça no lombo". E' o caso de dois sujeitos, transviados nos domínios dos Bandar-Log e, perguntados por sua majestade Simão ao que acham do seu reino, respondeu um delles que aquillo é a oitava maravilha do mundo e o outro que tudo não passa de macacalha; macaco p'ra aqui, macaco pr'alli, macaco no throno, macaco no pau..." O primeiro é nomeado cavalleiro da mui augusta Ordem da Banana de Ouro e o segundo "arrastado por cem munhecas, entra numa roda de lenha como não ha memoria de igual!"

Mas seria um nunca acabar se quizessemos mostrar, a fabula e fabula, como o autor as soube abrasileirar transplantando-as para o nosso ambiente e enriquecendo-as com graça esfusante das expressões imaginosas e vivazes da nossa linguagem familiar.

Duas ha, porém, ás quaes desejamos dar o maior destaque nesta breve analyse: "A piu'va e o jaboti" e "A cigarra e as duas formigas".

Com razão ou sem ella, temos fama de ser um povo de voluveis nervosos e impacientes. Talvez por isso mesmo é que a mais impressionante imagem da paciencia e da tenacidade que ainda se viu, se encontra entre as lendas do nosso folklore, ou populario (como usa dizer o sr. Alcides Maya). Ninguém sabe representar tão vividamente uma virtude como aquelle que não a possui. Verdade ou não, veja-se a fabula a que nos referimos — Brigou o jaboti ou kágado com uma arvore de rija madeira, a piu'va. Esta na primeira oportunidade, deixou-se cahir sobre elle: "Toma! Quero ver agora como te arrumas. Estás entalado sob o meu tronco e, como sabes, sou pau que dura cem annos... O jaboti não se deu por vencido. Encorajou-se dentro da casca, cerrou os olhos como para dormir, e disse philosophicamente: "Pois como eu duro mais de cem annos, esperarei que apodreças..."

Não ha, a nosso ver, em todo o fabulario, lance mais empolgante e ao mesmo tempo mais eloquente do que esse do jaboti, a cerrar fleugmaticamente os olhos para esperar cem annos! Que extraordinario symbolô de resignação estoica, de fortaleza

de animo e de inaudita tenacidade nessas concizas linhas!

E ahi está um dos grandes meritos do livro de Lobato — pôr em fóco, estilizando-as como importa, tão preciosas joias do riquissimo e pouco conhecido lendario brasileiro.

Passemos agora a uma das fabulas mais antigas e famosas do mundo — a da cigarra e da formiga, fabula que, segundo affirmam os escoliastes, foi inventada por Esopo. O certo é que esses dois insectos emergem da noite dos tempos num dramazinho doloroso que tem merecido a colera dos moralistas e ultimamente tambem de certos entomologistas, que nelle vêem um grave peccado contra a historia natural, ufanos de nos revelarem que a cigarra de hoje, como a de Anacreonte, não canta, mas toca psalterios ou cymbalos, não pede esmolos, senão que é imprudentemente desvalijada pela formiga.

Esta ultima censura, posta em voga por J. H. Fabre, é sem nenhuma duvida arremettida ingenua e até pueril. As fabulas não são cursos de zoologia. Seus actores são meros symbolos oriundos das qualidades mais salientes dos animaes, ou mesmo, nalguns casos, como o do nosso jaboti, ora astuto e judicioso, ora paciente e tenaz, como no do atilado chacal do antiquissimo Pilpay e em muitos outros, absolutamente convencionaes.

Mais séria é a conjuncção dos moralistas. A fabulação esopica já nasceu defeituosa. O que elle provavelmente queria ensinar: "a preguiça e a imprevidencia merecem severo castigo", é o que se acha adequadamente exposto nas "Parabolas" dos hebreus, nestas passagens do Antigo Testamento: "Vae ver a formiga, ó preguiçoso, e considera os seus caminhos, e aprende a sua sabedoria. Vê como ella, sem nenhum guia, nem preceptor, nem principe, prepara e encelleira no estio o que mais tarde ha de comer. Até quando dormirás, ó preguiçoso, e quando despertarás desse teu somno? Muito pouco dormirás, muito pouco dormirás, muito pouco ajuntarás as mãos para dormires. Por que a indigência se acercará de ti como viandante que chega, e a pobreza virá como um saltador"... Na Biblia, como se vê, o castigo da perseguição decorre da propria falta, como sua consequencia necessaria.

Na fabula de Esopo, ao lado dessa conclusão, surge outra — immoralissima, a saber: "a imprevidencia não merece piedade", isto pelo facto de na sua historietta o castigo apparecer como acto da vontade livre de um outro ser, que não é apresentado como um malvado, senão como um exemplo a seguir, um modelo de diligencia de previsão e de sabedoria.

Não consiste, porém, só nisso o defeito da antiquissima fabula. Outro ha e de grande alcance. O animal escolhido para representar a imprevidencia e a preguiça, ao invés de ser um qualquer que "dormiu", como o frisavam os "Proverbios" na insistente repetição da palavra "dormir", foi, oh deuses! um insecto que "cantou" — a cigarra, symbolo irresistivel da musica, da harmonia, da arte suprema, segundo Platão, e portanto de toda a arte e de toda a belleza! Por mais que se pretenda o contrario, tal idéa anda-lhe associada — á cigarra" — desde os mais remotos tempos. Já Hesiodo, muito antes de Esopo, a ella se referia nestes termos: "Quando floresce o cardo, retirada entre a folhagem, agitando com grande ruido as asas, a harmoniosa cigarra, se derrama em accentos cheios de doçura..." E quem não conhece o delicioso poemeto de Anacreonte, quasi contemporaneo do fabulista phrygio, onde ha coisas como estas: "As musas te estremecem, ó cigarra, e o proprio Apollo, que te deu uma voz harmoniosa. A velhice não pôde attingir-te, ó habil filha da terra. Nada mais amas a não ser o cantar, não conheces o soffrimento, não tens nem sangue nem carne, — és quasi scmelhante aos deuses!"

De sorte que á pura moralidade primitiva tirada da diligencia da formiga ligaram-se, com a fabulação esopica — mais duas tristes conclusões — primeira: devemos ser impiedosos com os imprevidentes; e est'outra: O canto, a belleza, a arte, enfim, é occupação de ociosos. Só vale encelleirar. O mais é crime. Não ha differença entre o que "dorme" e o que "canta", entre o preguiçoso e o poeta, entre o mandrião e o musico, o artista, o criador de belleza e de harmonia... A primeira illação immoral vem irresistivelmente da mais perfunctoria leitura. A outra... bem sabemos que não acode logo a todos os espiritos. Mas, em todo o caso, estraga-se pelo menos a belleza de um

symbolo antiquissimo, como vimos, constituindo isso um grande peccado, quando menos contra o senso esthetico. Ora! a cigarra, a harmoniosa, a alada, a immaterial cigarra, voz maravilhosa da luz e da alegria do viver, cantico de ouro, semelhante ás divindades do ar, como o sentiu o poeta de Theos, essa linda imagem em fim reduzida a symbolisar apenas a preguiça, o mandrice ou a ociosidade! Lobato comprehendeu todos esses graves defeitos do velho apologo. E já como moralista, já como estheta, retocou-o e deu-nos uma obra prima.

O seu instincto superior de artista guiou-o com segurança. Fique antes e acima de tudo, decretou elle lá nas regiões do subconsciente, o symbolo encantador que o escravo Esopo não alcançou, mas que foi glorificado por Hesiodo e Anacreonte, por todos os poetas de todos os tempos. Cigarra é musica — Musica é belleza e arte. Isso é que se ha de frisar e introduzir clara e insophismavelmente, como um elemento novo, na antiga fabulação. E opera-se o milagre. O dramazinho então desdobra-se em um como formoso poemeto em dois cantos o da "formiga boa", da alma sensivel á belleza e á bondade — esse rythmo moral — e o da "formiga má", a multidão sem conta dos philisteus, dos que, "não sabendo a arte, não na estimam", como lá dizia o nosso Camões... E por suprema corôa de tudo uma nota deliciosa, mui lisongeira ao nosso amor proprio nacional. Deixou a deshumana e sarcastica formiguinha do velho conto lá pelas longinquas e vagas terras donde nos veio elle, e poz entre nós a cigarra feliz, e o formigueiro ideal, que a comprehendia e recompensava... "Pois entre, amiguinha! diz a compassiva alma brasileira. Teu chiado nos divertia e nos aliviava o trabalho. Que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora. E o formigueiro encheu-se de alegria..." E' assim a primeira parte desse não sabemos bem se hymno se apologo. E segue-se a outra, a da formiga sem entranhas, que tinha odio de morte á cigarra por vel-a querida de todos os seres, e que a deixa morrer intanguida. Mas foi castigada, "porque, quando regressou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. Faltava alguma coisa á alegria universal!"

Lobato, muito mais que Fabre, rehabi-

litou a cigarra, o lindissimo symbolo de ouro que estava sendo estragado, desde Esopo e La Fontaine. Aquelle foi um escravo phrygio. Um verdadeiro grego, um atheniense, um artista não perpetraria tamanha fealdade. Phedro, o latino culto da cõrte de Augusto, de certo que sentia isso, tanto que não poz essa fabula em sua collecção. Quanto a La Fontaine, "quandoque bonus dormitat Homerus"...

Desappareceram assim, na obra do fabulista brasileiro, não só os defeitos assinalados pelos moralistas, senão também o gravissimo apontado por qualquer sensibilidade de estheta. Dir-se-á que ficaram as inexactidões salientadas pelo autor, aliás admiravel, dos "Souvenirs entomologiques". Vimos que semelhante reparo é uma ingenuidade. Já Hesiodo, como resalta do trecho que citamos ha pouco, sabia muito bem que a cigarra se dedicava á musica instrumental e não ao vocalismo. Já Plinio ensinava que ella não é dotada de bocca, senão de uma trombazinha sugadora. Fabre revela-nos

afinal uma novidade velhissima. Mas são peores do que grammaticos os senhores naturalistas. E a esses mesmos Lobato deu uma espirituosa satisfação, pondo tão gritante uma cara humana á famosa pedinte, que a subtrahiu de todo ao campo de suas lentes classificadoras. A minha cigarra, disse-lhes, não só canta, senão que também tosse e pode morrer de tysica. Que muito! Pois ella não falava?

E eis como de uma velha fabula, cheia de defeitos, sahiu um lindo poemeto em prosa, onde a moral, a arte e até o rigorismo entomologico foram magistralmente desaggravados.

Por essas amostras podem os leitores fazer idéa do que vale o esplendido livro escolar "Fabulas", com o qual Monteiro Lobato se insurgiu contra a vergonhosa decepção que abrimos ao asserto de Henrique Mazel: Todos os povos têm os seus fabularios.

J. A. Nogueira

(*"O Estado de S. Paulo"*).





DEBATES E PESQUIZAS

A COMPETIÇÃO DE ARMAMENTOS

Meu artigo "O nosso militarismo e a America" está sendo interpretado imperfeitamente nos arraiaes militaristas e talvez mesmo fóra delles. Lutando ingloriamente contra as difficuldades da expressão, não posso ter a veleidade de ser bem entendido, muito menos nesta oportunidade, em que as paixões obscurecem, por toda a parte, a intelligencia dos homens. Necessito, por isso, recapitular ligeiramente o que disse, precisando o sentido e a intenção de minhas palavras.

Estou certo de que o governo passado se orientou para o militarismo, isto é, procurou melhorar o nosso aparelho bellico. Varios dos seus actos não deixam duvidas a esse respeito, e entre outros os contractos com a Missão Franceza e a Missão Americana. E expuz a repercussão desses actos no ambiente americano: somos para todos os nossos irmãos do continente o prototypo do imperialismo. Citei alguns exemplos dessa prevenção internacional e tenho elementos para comprovar, em outros documentos, a minha affirmativa.

Não tomei tal attitude sem alguma meditação. Previ alguns inconvenientes, que todavia apontei confiado na minha obscuridade, pois fala apenas por mim um

humilde repórter, cuja palavra, consequentemente não tinha as responsabilidades nem a significação que lhe attribuiria qualquer posição social menos imponderavel. Demais tenho recebido sempre o melhor e mais sympathico acolhimento das duas personalidades nacionaes que mais se entestam com as responsabilidades do momento: o Sr. Felix Pacheco e o Sr. Mello Franco. E eu sei o meu coração mais accessivel a essa bondade do que a tudo mais.

Todavia, tenho o defeito de ser muito convencido das minhas idéas, quero dizer — das idéas que eu adopto. Cumpri para commigo mesmo um dever, apesar de por isso ter incorrido no desconceito de algumas pessoas, entre os reduzidos leitores de meu artigo. Sabe Deus, na sua alta côrte, que não sou muito sensível ao julgamento alheio, talvez porque tenha pouca vaidade: a pequena vaidade compativel com quem sabe que não será toda a vida senão um simples repórter, e talvez menos que isso.

A objecção que me fizeram foi quasi que uma só: "estamos menos armados do que a Argentina. Devemos armar-nos. O nosso militarismo se explica nessa inferioridade e com ella amplamente se justifica".

E' outra questão e de que não tratei.

Não se encontra no meu artigo uma só palavra affirmando a nossa superioridade militar, comquanto o tivesse exposto á opinião corrente nos meios internacionaes a unanime em proclamar a supremacia brasileira nesse capitulo armamentista. Se esse conceito resulta de alguma campanha adversa, por que não o procuramos desfazer pelos proprios meios com que elle se formára? Não é evidente que não podemos deixar de ficar effectivamente constrangidos deante dessa prevenção internacional, qua encontrámos em Santiago? E não creará tambem essa hostilidade um ambiente de tal ordem que todos os nossos actos apparecerão deturpados e falseados?

Entretanto, esse ambiente nunca se forma sem o apoio de algum facto, que é o nucleo de que se desentranha posteriormente, pela exploração habilidosa, a convicção generalizada. Podemos estar certos de que elle se apoia em alguma coisa real, que foi o programma armamentista do senhor Epitacio e a nossa attitudo em Genebra. Dahi se desdobra a campanha apaixonada, que avolumou, confesso que exaggeradamente, a significação de taes actos. Quem conhece de perto as nossas coisas sabe que a nossa efficiencia militar está muito longe dos numeros apontados pelos estrangeiros e até mesmo de nossos algarismos officiaes.

Quanto ao paralelo das forças militares argentinas e brasileiras, considero-o demasiadamente incerto. Ouço dizer aqui que a Argentina possui elementos bellicos grandemente superiores aos nossos, em numero e efficiencia; na Argentina se diz exactamente o contrario, e num e noutro paiz citam-se dados estatisticos da maior confiança. No Prata argumenta-se até com um relatorio do ex-ministro da Marinha brasileira, no qual se repellia o criterio da equivalencia naval entre o Brasil, o Chile e a Argentina.

Onde a verdade? Nesses dominios o "segredo de Estado" impede a divulgação de dados precisos. Sabe-se das coisas imperfeitamente, e muitos factos se occultam, sob o pretexto de constituirem materia delicada de defesa nacional. De mais, mesmo com o conhecimento de alguns algarismos, ha difficuldade para decidir, não só pela desconfiança de que não estejam ali todos os numeros, como ainda porque a complexidade do problema torna excessivamente precarios os criterios parciaes. Possuir

mais e melhor armamento, vale pouco se não ha um exercito capaz de usal-o competentemente; ter um exercito aguerrido e treinado, quasi não influe se não ha os meios de o mobilizar facilmente; contar com um terrivel aparelho militar sem o apoio de reservas de ouro é armar exaggeradamente um braço debil. Eis ahi, pois, elementos que vêm complicar um pronunciamento incontestado no balancear forças militares. E estão apenas alguns aspectos, porque ainda haveria que argumentar com a população, com as condições de defesa natural, com a situação internacional dos paizes e outras infinitas circumstancias. O Chile, por exemplo, com ser a nação mais militarista da America do Sul, tem que ver descontada na sua força militar aquillo que podem valer a Bolivia e o Peru', pois quem guerrear a bellicosa nação do Pacifico poderá ter quasi como certa a alliança desses dois paizes.

Essa infinita complexidade do problema difficulta, já o dissemos, um pronunciamento incontestavel no calcular o valor militar dos paizes; mas facilita os juizos ligeiros e as asserções categoricas, desde que essas se apegam a aspectos parciaes por si sós verdadeiros, mas muito problematicos se comparados e compensados com os demais aspectos.

A difficuldade, em vez de embaraçar, aproveitou o espirito militarista. Cada paiz aponta os vizinhos e revela a superioridade delles, no capitulo da militança. E correm todos para os armamentos, numa competição para que não se conhece outro termo do que aquillo que essa politica diz evitar: a guerra. "Si vis pacem para bellum" foi o maior contrasenso até hoje architectado pelos homens e a sua acceitação universal faz pensar em Erasmo e no "Elogio da Loucura". Vimos como tal mentalidade preparou afanosamente as guerras cyclopicas, e estamos vendo como accumula, no horizonte, as novas tempestades.

Se nos dizemos inferiores á Argentina em força militar, se a Argentina allega essa mesma debilidade, entremos, sem criterios preconcebidos, numa conferencia a que sejam convidadas todas as nações sul-americanas, para que ahi se possa competentemente revelar e estimar, antes do critério de desarmamento, as nossas forças armadas, afim de que possamos decidir com o conhecimento perfeito da situação para

a qual vamos procurar remedios. Pensemos no diagnostico, antes da therapeutica, mas não nos deixemos arrastar por essa competição de armamentos, que é um dos maiores estimulantes de guerras. Ninguém disse a respeito verdade mais profunda do que as de um periodo de Kant: "Os exercitos permanentes ameaçam incessantemente de guerra os Estados, desde que estão a todos os momentos promptos para a peleja; excitam-nos a competir na quantidade de armamentos e occasionam um aticamento reciproco de guerras aggressivas, onde se libertem dos gravames de que são culpados".

Sou, sinceramente, pacifista e desses que sabem sorrir ante a censura que os alcunha de sonhadores. Nem toda a gente possui um espirito accessivel á maravilha do idealismo. E por isso não receio dizer que se alguma coisa desejo do destino, é a força e a coragem de ter sempre palavras de desanimo e de condemnação para o espirito armamentista, que ora separa duas nações vizinhas e as atira na terrivel competição, para a qual só se conhece um termo...

Considerem-me impatriota, utopico, sonhador, lunatico, e tudo mais que entenderem; mas possa eu, apesar disso, ter em minha consciencia a certeza de que sempre lutei contra o espirito guerreiro do armamentismo, convicto, como estou, de que elle nada resolve e se reduz a uma embriaguez e a uma loucura, arrastando os povos para a matança em que apenas se regosija uma tal estrategia.

Barbosa Lima Sobrinho.

(D' "O Imparcial", Rio).

O AZOTO E A AGRICULTURA

A perturbação actual da Europa é devida principalmente á difficil solução de grandes problemas economicos. Duas questões, particularmente, segundo escreve no *Figaro* o Sr. J. de la Hersende, agitam as paixões dos europeus e dominam seus interesses: a naphta, que é a base de toda a politica ingleza, e o azoto, cujo monopolio continu'a em poder da Allemanha.

Nós, no Brasil, encaramos com assignavel displicencia o problema do enriquecimento das nossas terras, por meio de adubos, recommendados pela technica agrono-

mica, fiados na feracidade dellas, sem pensarmos que as terras ainda servidas de humus estão ficando longe, e que as outras, successivamente aproveitadas na lavoura, dão já visiveis signaes de esgotamento. Por exemplo: as terras de café em S. Paulo.

Urge que tenhamos uma comprehensão melhor das vantagens dos fertilizantes, particularmente do azoto.

Em tempo de paz, como em tempo de guerra, o azoto — pensam-no, e justamente, os europeus — permanece como elemento indispensavel do poder das nações. Sem elle, não ha explosivos, não ha munições; sem elle, não ha industrias chemicas, não ha, sobretudo, agricultura.

A Allemanha estabeleceu, em bases collosaes, a industria do azoto, que as suas maravilhosas usinas captam da atmosphera e fornecem para diversos misteres, já para as necessidades bellicas, já para desenvolvimento e maior rendimento das culturas agricolas.

A sua capacidade de producção é manifestamente superior ás exigencias do seu consumo.

A França tambem produz azoto, mas a producção franceza representa apenas um quarto das suas necessidades, ou sejam 25.000 toneladas. O excedente é importado de fórmias diversas: do Chile, sob a fórmula de 300.000 toneladas de nitrato de sodio, representando a carga de mais de 100 navios e expedidas para o campo em 25.000 vagões; da Inglaterra, em 40.000 mil toneladas de sulfato de ammoniaco; da Allemanha, em 30.000 toneladas do mesmo sal; enfim, da Noruega, da Belgica, da Hollanda, dos Estados Unidos.

Todos estes paizes produzem azoto, mas o *record* desta producção cabe á Allemanha, que só encontra competidor nas jazidas de nitrato natural do Chile.

Em França, acham-se em estudos dois methodos scientificos — George Claude e Haber — para a fabricação do sulfato de ammoniaco. Mas os circulos technicos e industriaes hesitam ante a enormidade das despezas que as installações exigem.

Com effeito, essas installações precisam de ser formidaveis, constituídas por enormes e poderosas usinas que produzam acido sulfurico, distilem a hulha por milhões de toneladas e fabriquem o hydrogenio.

A industria extractiva do guano, no

Chile, occupa vastas extensões de terreno, onde a *caliche* cristaliza, dando nitrato de sodio. E' uma fabulosa riqueza que seria impossivel improvizar; por certo lado, a captação das grandiosas quédas de agua da Noruega, para obter a força electrica necessaria á producção do nitrato de cal ou do cianamido, impõe não só esforços, mas capitaes de grande vulto.

Ante tantas difficuldades, cogita-se em França de desenvolver a flora microbiana do solo, como meio de dar ás lavou-ras uma grande quantidade apreciavel de azoto.

Este methodo, que permite a um solo normal, produzindo 60 kilos de azoto por hectare e por anno, elevar esse algarismo a 200 kilos, tem a vantagem de ser pouco custoso. Os meios de fabricação são minuciosos, mas simples; a mão de obra, que deve ser muito competente, é restricta, e as installações necessitam apenas de uma serie de laboratorios especiaes.

Quanto aos preços de producção, affirma o Sr. Hersende, são taes, em comparação aos resultados obtidos, que se fica surpreso de não ver ainda largamente desenvolvido o emprego dos adubos bacterianos.

Emquanto que presentemente as despesas com a extracção, tratamento e transporte do nitrato de sodio o elevam a 110 francos, por 100 kilos, entregue ao cultivador, rendendo 15 kilos de azoto; emquanto que o custo da hulha, das pyrites, da mão de obra vai a 125 francos por 100 kilos de sulfato de ammoniaco, rendendo 20 kilos de azoto; emquanto sobem a 90 francos os 100 kilos de nitrato de cal, rendendo 13 kilos de azoto, e a 90 francos igualmente os 100 kilos de cianamido, rendendo 19 kilos de azoto — o baixo preço das materias primas e das despesas de transporte quasi nullas das culturas bacterianas, taes como a nitragina, se eleva, mais ou menos, a 30 francos, por uma producção de azoto que se póde avaliar em 100 kilos.

Não seria o caso de entrarmos no estudo deste interessante problema?

A. B. C.

("O Paiz", Rio).

AS COLLINAS E OS VALLES DES- POJADOS!

Não temos necessidade de alludir aqui aos grandes males que nos trazem a derubada das arvores e o desrevestimento das florestas, por isso que se trata de uma materia para a qual estamos cansados de chamar a attenção do publico e das autoridades, e por amor do qual, depois de não pequena campanha, votou a Camara a organização do Código Florestal.

Não carecem, portanto, de palavras de encaminhamento ou apresentação as considerações valiosas que nos faz hoje do assumpto o Dr. Luiz Rodrigues, da Directoria de Meteorologia, muito inclinado a esses estudos especiaes.

Eis, pois, o que nos disse, entre algumas novidades, aquelle esclarecido defensor do nosso reflorestamento:

— O reflorestamento do paiz é problema cuja solução não póde ser protelada. Ella é reclamada com imprescindivel base da execução dos demais problemas a que devemos ligar a nossa attenção. Procurar resolvê-lo é prestar o mais assignalado serviço ao paiz. A vegetação de que se tem despido o nosso solo precisa ser immediatamente substituida. Se o facto de desnudamento dos montes, valles e planicies da sua cobertura vegetal não é a causa unica de anormalidades meteorologicas, a verdade é que forma um dos factores preponderantes. Já que affirmamos terem as florestas sensivel influencia sobre certos factores meteorologicos, é mister explicar ligeiramente aqui, de que fórma essa influencia é exercida.

— As florestas sobre serem uma fonte de bem estar e de felicidade do homem, pelas bellezas que encerram, abrigam o sólo dos raios solares; e, quando o calor recebido pela terra volta para o espaço, o entrelaçado de seus frondosos ramos é um poderoso obstaculo á irradição. Como a influencia do mar, a que as florestas exercem sobre os climas é moderadora: aproxima os extremos da temperatura, resfriando no verão, esquentando no inverno, As folhas provocam a evaporação de uma grande quantidade de agua, em virtude de sua actividade organica, e augmenta a sua superficie capaz de se resfriar pela irradição, de onde se conclue que as florestas actuam por tres modos: — pela sombra,

pela evaporação e pela irradiação. Para supprir a nossa falta de autoridade no assumpto, tomaremos ao professor Dr. Fonseca Rodrigues os seguintes conceitos, profundamente verdadeiros e com os quaes illustrou o seu brilhante trabalho sobre as "Seccas do Ceará".

"Os paizes mais risonhos do globo, celebres pela fecundidade das suas terras e pela doçura do seu clima — dons preciosos que agasalharam os berços das civilizações nascentes, a Mesopotamia, o Egypto, a Lybia, a Grecia e toda a margem oriental do Mediterraneo se acham reduzidas á aridez pela destruição das florestas. Innumeros escriptores, geographos, agronomos, homens de sciencia proclamam esta verdade que a historia vem ensinando desde os tempos mais antigos:

"As florestas precedem aos povos; os desertos lhes succedem. Aristoteles, 300 annos antes da éra de Christo, fazia notar que os reinos de Argos e Mycenae haviam perdido a sua fertilidade pela derrubada das mattas e previa a proxima esterilidade da Attica pela mesma causa. A Tripolitania era sombreada por abundante vegetação e cidades prosperas assentavam entre culturas extensa: agora, ali, só ha ruinas e solidão. Toda a planice se tornou esteril com a derrubada das mattas; restando, apenas, campos raros e pobres, insufficientes á nutrição das tribus: tal é a obra de destruição que, como a lepra, desvastou e se propagou pelo norte da Africa. Por causa da desnudação das mattas, apesar das suas altas montanhas e da vizinhança do mar que a circumda, a Hespanha é o paiz da Europa em que chove menos. Entretanto segundo Strabão, era coberto de florestas no tempo da conquista romana. Principalmente as derrubadas dos séculos XVI a XIX modificaram o clima da península; os rios agora, diminuem e as fontes secam. A provincia de Bombaim, outr'ora coberta de florestas, tinha o beneficio de chuvas abundantes com as monções de sudoeste, hoje, degenerou em deserto, que tende a augmentar. Na America do Norte, do Atlantico ao Mississipi, uma immensa floresta cobria a terra por occasião da independencia. Então, as estações accentuavam-se com regularidade. O fogo e o machado, porém, destruíram a floresta sobre uma superficie quasi igual á da Europa. As chuvas, por isso, rarearam nos Estados do Sul, a estação

estival tornou-se escaldante e ventos sem humidade dessecaram a planice, despida da sua vestimenta vegetal". E' inutil multiplicar os exemplos e demonstrar que as grandes migrações dos povos, acossados pela fome e pela miseria, foram o premio da desnudação da terra pela destruição das florestas. Nem tambem precisamos ir longe para observar as provas manifestas do que colhe esse afan immoderado e imprevidente de destruição. Basta percorrer o Estado do Rio de Janeiro e o valle do Parahyba, onde, ha pouco mais de meio seculo, habitava a população mais rica e prospera do Brasil, hoje substituída pela desolação das florestas, pelo fogo e o esgotamento da fecundidade da terra trouxeram o abandono: o homem nómade foi derrubar a floresta em outras terras no este de São Paulo, para implantar ahi a sua cultura de café, tambem nómade. Por sua vez, as terras do oeste, hoje, em declinio, pelo esgotamento da fecundidade que a floresta creou, serão em breve abandonadas. A' margem do Parapanema e na zona da estrada de ferro do Noroeste — novo Eldorado, onde vae intensa e immoderada a guerra á floresta. — procura-se, agora, o veio de ouro que ella esconde em seu seio. Um dia, dentro de 50 a 100 annos, esgotado o filão de fecundidade, o abandono e o deserto coroarão a obra da derrubada. A mesma immoderada e criminosa ancia de destruição, sem nada repôr para conservar ou restabelecer as condições mezologicas locais, dirige-se contra os nossos ricos pinheirões do Paraná e Santa Catharina. Ahi, serras poderosas servidas por engenhos a vapor, subdividem as madeiras seculares. E' dever patriótico regulamentar a derrubada da matta e exigir a replanta immediata, em beneficio do futuro da nação."

— Sob o ponto de vista que encaramos a influencia das florestas, podemos alludir, ainda, á secca de character absolutamente excepcional constatada na região dos Alpes e ao Suéste da França, de Outubro de 1920 até fins do anno de 1921, isto é, dous annos após as devastações causadas pela formidavel guerra europeia. Tal calamidade meteorologica teve grave repercussão na agricultura, na navegação, e sobretudo nas usinas electricas e demais industrias que a ella se prendem. Attendendo á varias solicitações de sociedades

de usinas de energia hydro-electrica, M. Tarrade, estudou os caracteres desta secção. Pelas conclusões do interessante e muito completo estudo feito por M. Tarrade, e apresentado á "Sociedade Meteorologica de França", tem-se conhecimento de verdadeiras anormalidades meteorologicas entre as quaes se destacam as seguintes: fracas precipitações, temperaturas excessivas, evaporações exageradissimas, que muito reduziram os cursos das aguas e acarretaram sensível diminuição de volume de agua nos lagos. Além disso as nevadas foram quasi nullas durante o inverno de 1920-1921 e a congelação nos Alpes foi consideravelmente reduzida. Em consequencia das altas temperaturas diurnas, a fusão das geleiras foram muito reduzidas nos meses de Agosto e Setembro, devido ao afastamento da materia fusível insufficiente reforçada durante o inverno. A estiagem accentuou-se desde o mez de Outubro de 1921, e attingiu um nivel até então desconhecido. A ausencia de chuvas do outomno adicionadas a um periodo de 12 mezes extraordinariamente secos, caracterisou um acontecimento excepcional e unico nos annaes meteorologicos.

Citaremos ainda as conclusões de um trabalho intitulado "Bases da hydrographia do reino da Bohemia", de autoria do sr. R. F. Studnicka, do qual tivemos conhecimento por intermedio da revista "Ciel et Terre". Pela noticia publicada nessa revista sabemos que o sr. Studnicka compulso os documentos fornecidos por mais de 700 estações pluviometricas, distribuidas na superficie do territorio da Bohemia, conclue que a distribuição insufficiente das chuvas, só póde explicar-se pela destruição actual das mattas e o assentamento dos lagos e pantanos.

Pelo que vimos de dizer, conclue-se que as florestas são um bem precioso que devemos conservar religiosamente. Em todos os paizes civilisados as florestas são tratadas cuidadosamente. Na Belgica, Hollanda, Hespanha, Suissa, Alemanha e nos Estados Unidos, os governos respectivos subvencionam os particulares para plantação das florestas e mantêm rigorosa fiscalisação e conservação. Mesmo nos bosques particulares os poderes publicos intervêm, regulamentando severamente o corte das madeiras e, sob fortes penalida-

des, castigando o uso do fogo contra as mattas.

Na America do Norte, por muito tempo, subsistiu certa indiferença pela conservação dos bosques, por causa da caça; mas esta indiferença breve desapareceu e o americano se tornou o maior defensor das mattas. O serviço florestal dos Estados Unidos, a cargo do Bureau of Forestry, é talvez o mais desenvolvido do mundo. Este importante instituto compõe-se de seis importantes secções, a saber: Direcção das Florestas, Desenvolvimento, Calculos e desenho, Productos, Dendrologia e Contabilidade.

Afóra esses importantes institutos, existem outros que cooperam com o serviço florestal, como, por exemplo, a Repartição Geral das Terras e a Repartição de Planta Geologica. Tanto na Allemanha, como na Inglaterra e nos Estados Unidos, existem varias escolas florestaes, perfeitamente montadas, annexas as universidades e em varios institutos de ensino.

Oxalá que o governo brasileiro, imitando os dos paizes supracitados, desenvolvesse, entre nós, o estudo da sylvicultura, não só creando escolas florestaes, como também introduzindo em outros institutos de ensino um curso mais ou menos completo, sobre as sciencias das florestas.

("A Noite", Rio).

A NOVA PSYCHOLOGIA

Todos conhecem os progressos feitos pela physiologia, no decorrer destes ultimos annos, relativamente ás glandulas de secreção interna; as glandulas endocrinicas.

Claude Bernard entrevira a existencia e o interesse dessas secreções.

"As secreções internas — escrevia elle — são muito menos conhecidas que as secreções externas; entretanto, na minha opinião, ellas não podem ser postas em duvida; e creio que o sangue, ou por outra, o meio interior organico, deve ser encarado como um producto de secreção das glandulas vasculares sanguineas". Nessa occasião lembrava elle a funcção glycogenica do figado, que elle tinha descoberto, e citava outras glandulas endo-

crinicas, o baço, o corpo thyroide, as capsulas suprarenaes, etc., cujas funcções eram então indeterminadas.

Alguns annos mais tarde, em 1887, Brown Sequard, nas suas pesquisas acerca do liquido orchitico, percebeu todo o alcance da noção de secreção interna e fundou a endocrinologia.

Mostrou elle que as glandulas de secreção interna secretam, no sangue, principios que têm a propriedade de actuar de uma fôrma electiva sobre os orgams vizinhos ou afastados, e que ao lado da solidariedade estabelecida entre os orgams pelo systema nervoso, existe uma solidariedade bio-química, fundada nas secreções endocrinicas.

Sabe-se hoje, com maior precisão, que o organismo animal possui aparelhos de chimica que extraem do sangue substancias como o azoto, o oxygenio, o hydrogenio, o carbono, o bromo, o iodo, etc., para fabricar compostos chimicos que são derramados no sangue, sob a fôrma de secreções, e que exercem uma influencia excitante ou refreadora sobre a actividade deste ou daquelle orgam, e, de um modo geral, sobre aquella troca de materias, nos tecidos, chamada metabolismo.

E' assim que a secreção thyroidea parece manter sob sua dependencia o desenvolvimento dos ossos e do cerebro, o desenvolvimento das funcções psychicas superiores e da vida affectiva; o cretinismo resulta da atrophia ou da destruição dessa glandula.

A secreção das capsulas suprarenaes, composta principalmente de adrenalina, parece exercer uma influencia tónica sobre o coração, cujas contracções ella torna mais lentas, profundas e amplas; sobre o figado, de que liberta o glycogenio; sobre a respiração e sobre os musculos; seria ella a glandula da energia.

A secreção da epiphyse, da glandula pineal, onde collocava Descartes a séde da alma, exerce uma influencia refreadora sobre o desenvolvimento dos orgams e do instincto sexual.

A hypophyse, ou glandula pituitaria, governa, provavelmente, com suas secreções, o desenvolvimento dos ossos das extremidades e dos da face e é bem possivel que ella actue, como as capsulas su-

prarenaes, para tonificar os musculos, o coração, e manter a excitação physica.

Emfim, ninguem hoje ignora que certas glandulas intersticiaes, emmaranhadas, nós machos, com os elementos da glandula genital, têm sob uma dependencia o desenvolvimento dos caracteres morphologicos e psychicos do sexo, entre os quaes o instincto sexual deve ser citado em primeiro lugar; emquanto que na fema da maior parte dos mammiferos, uma glandula associada ao ovario e chamada corpo amarello, desempenha um papel sensivelmente analogo.

Todas essas funcções são conhecidas, quer pela distribuição parcial ou total das glandulas, que diminue a secreção ou a suprime, quer pela injeção intravenosa ou pela ingestão buccal, dos extractos de glandula, que substituem a secreção.

Repito-o, não tenho a pretensão de ensinar coisa alguma aos meus confrades medicos de S. Paulo com as linhas precedentes; tudo quanto acabo de escrever é conhecido; mas o que o é menos é que os psychologos estão a caminho de apoderar-se das mais recentes descobertas da endocrinologia para explicar a vida instinctiva e affectiva.

E' possivel admittir-se que o desenvolvimento e mesmo a existencia de nossos instinctos estejam sob a dependencia das secreções endocrinicas? Ribot distingue, dentre os nossos principaes instinctos, o instincto de conservação, a sympathia, a curiosidade, o instincto sexual.

Ora, não ha duvida que o instincto sexual se desenvolve na adolescencia, como os orgams que lhes correspondem, sob a influencia das secreções das glandulas intersticiaes e dos corpos amarellos. A curiosidade depende da vitalidade dos nossos desejos; ella desaparece no caso de apathia affectiva; apparece no caso contrario e, como tal, não é possivel que esteja indirectamente ligada á secreção thyroidea.

O instincto de conservação nunca se manifesta sob a forma de um desejo consciente; elle não nos é conhecido pelas emoções de colera que o manifestam sob a forma aggressiva e pelas emoções de medo que o manifestam sob a forma defensiva; ora, o psychologista americano Cannon julgou estabelecer, com experiencias

recentes, que as emoções de colera e de medo estão na dependencia das secreções das capsulas suprarenaes e em particular da adrenalina, que leva ao organismo, especialmente ao systema circulatório e ao systema muscular, todas as excitações tonicas de que esses systemas têm necessidade para o ataque ou a fuga.

Além disso, meu collega e amigo Rabaud, da Faculdade das Sciencias de Paris, acaba de mostrar, por experiencias muito engenhosas, que o instincto materno, "le gout des petits", se manifesta, nas camondongas prenhes, a começar do 9.º dia de gravidez e que se vae accentuando até o 20.º dia, isto é, até o parto; indifferentes quanto aos fillotes das outras camondongas até o 9.º dia, as camondongas prenhes começam desde aquelle dia a se occupar delles e a lhes dispensar cuidados.

Rabaud chegou mesmo a provocar, em femeas virgens, manifestações inequivocas de instincto materno, enxertando nessas femeas ovarios de femeas prenhes; e elle concluiu com verosimilhança que o instincto materno, na forma rudimentar, está sob a dependencia de uma secreção ovarica.

Parece portanto possivel que nossa vida affectiva, a de nossos instinctos e talvez a de nossas emoções, esteja sob a dependencia de nossas secreções endocrinicas; e se esta dependencia se confirmar e se precisar, será evidentemente uma das maiores descobertas que se têm feito em psychologia.

Nossa individualidade affectiva, caracterizada pela harmonia dos nossos instinctos ou pelo predominio deste ou daquelle instincto, traduziria assim a harmonia das nossas secreções e o predominio desta ou daquelle secreção.

E, como as secreções internas têm sob sua dependencia não somente o esqueleto, mas a estatura, o crescimento das mãos e dos dedos, os dentes, a pelle, os cabelos, os olhos, os musculos, o sexo, não é somente a nossa individualidade moral, mas a nossa individualidade physica que se explicaria pelo predominio desta ou daquelle secreção endocrinica.

Tudo isso é ainda muito hypothetico e não se poderia com bastante prudencia

avancar num terreno tão pouco conhecido e tão movediço, onde a sciencia se faz ás apalpadellas e com erros inevitaveis; mas, em todas as sciencias ha gente apressada que as compromette, e alguns psycho-physiologistas da America do Norte falavam já de personalidades suprarenaes, de personalidades pituitarias, de personalidades thyroideas.

Alguns, como Berman, descrevem-nos essas personalidades; dizem elles que a personalidade suprarenal se caracteriza pela energia na acção, que a personalidade pituitaria é caracterizada, nos homens, pela tonalidade activa e harmoniosa de todas as faculdades, isto é, pelo predominio da parte anterior da hypophyse, emquanto que a personalidade pituitaria é caracterizada, nas mulheres, por uma propensão ás emoções ternas e ao sentimentalismo, isto é, pelo predominio da parte posterior da hypophyse.

Napoleão teria tido os caracteres physicos e moraes da personalidade pituitaria, Nietzsche teria sido um pituitario instavel, Darwin um hyperpituitario, um hyperthyroideo e um hypersuprarenal.

Issò não é tudo; os mesmos autores fazem entrever uma regeneração da humanidade, em que a educação formara os homens de accordo com um typo ideal, fazendo-os absorver, pela bocca ou pelas veias, extractos endocrinicos destinados a supprir as secreções endocrinicas que lhes faltarem ou que forem insufficientes na sua economia. Falam mesmo de supprimir, não os criminosos, mas os instinctos violentos que produzem os crimes, de organizar o equilibrio affectivo, a felicidade, o successo, por meio de uma sabia administração das secreções endocrinicas; e semelhantes ambições poderiam talvez tornar para sempre ridicula a endocrinologia, como o foi a phrenologia, outrora, se os sabios illustres que actualmente se occupam das secreções endocrinicas com prudencia e methodo, Gley na França, Schaffer na Inglaterra, Cannon na America do Norte, não fossem a mais segura garantia da seriedade desta sciencia e do seu grande futuro.

O que é mais interessante do que as fantasias de Berman, que nem mesmo têm a vantagem de ser humoristicas, é que

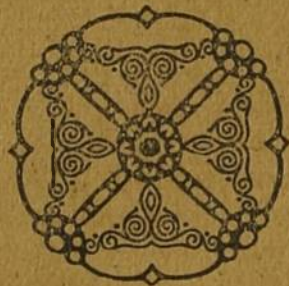
uma therapeutica inteira, que tem por objecto compensar a insufficiencia das secreções endocrinicas, a opotherapia ou therapeutica pelos succos, já sahio da endocrinologia, e que nós estamos hoje talvez a caminho de um possivel tratamento das psychoses como a demencia precoce, a mania, a melancolia, que são doenças da affectividade e como taes, se relacionam, talvez, com perturbações endocrinicas.

Já temos visto injeções de extracto thyroideo darem alguns resultados na demen-

cia precoce e não deixa de ser interessante saber que, se entrevemos em 1923 um clarão de verdade nesta parte tão escura da psychiatria, devemos-o a Brown Sequard, que fundou a endocrinologia e a opotherapia em 1889 e foi ridicularisado pela imprensa e pelo theatro, por haver proclamado que o succo orchitico possui propriedades tonicis especiaes, que ninguém mais contesta.

Georges Dumas.

(“O Estado de S. Paulo”).





CURIOSIDADES

A SCIENCIA E A ARTE CULINARIA

Não sei se os artigos por mim publicados, de vez em quando, n'O JORNAL, têm leitores; nunca procurei tirar a limpo esse ponto. Entretanto, acho bem possível que os tenham. O que seria menos provável é que elles tivessem leitoras. Esse problema, que nunca me havia apparecido, preocupou-me ao tomar da pena para escrever o artigo de hoje. Elle versará sobre uma questão interessante tanto ás leitoras como aos leitores: a cozinha scientifica.

A geração a qual pertenço, que aliás não é das mais antigas, ainda considerava um signal de bom tom affectar um profundo desprezo por tudo que dizia respeito á arte de comer.

A cultura physica não lhe merecia sequer um olhar. Só a intelligencia e o espirito constituíam coisas dignas de serem aperfeiçoadas.

O bem comer, fazendo parte de preocupações materiaes, não existia como preocupação importante. Não julgamos mal essa geração. Esse modo de pensar era um indício de um grande e respeitavel idealismo, infelizmente tão reduzido agora, e se elle deu em resultado a formação de

alguns neurasthenicos, também permittiu a criação de algumas mentalidades de escól. Essa attitude perante certos aspectos da vida pode ou poderá ser corrigida. Não é difficil hoje reconhecer que o proprio funcionamento da intelligencia exige, para dar o seu rendimento maximo, uma boa saude e, portanto, uma boa hygiene. Nada mais importante, para a conservação da saude, do que uma alimentação sadia, orientada por principios bem estabelecidos. A sciencia da alimentação e da nutrição é, actualmente, um dos ramos mais cultivados da physiologia. Estudam-se, em laboratorios adequados, todas as questões suscitadas por esses problemas. Determinam-se as quantidades de alimentos necessarios para cada caso, tomando em consideração a influencia de todos os factores, como o clima, o sexo, a idade e o genero de vida. Pesquisa-se a influencia de cada especie determinada de alimento. Acompanham-se suas transformações através do organismo. Desse modo, póde-se dar á vida commum uma série de preceitos de incontestavel valor. E' interessante observar que, em muitos casos, a sciencia, depois de muito trabalho, achou as razões de alguns habitos seculares

de alimentação; ella veio confirmar o que havia sido encontrdo pelo instincto.

Uma das consequencias dos estudos scientificos acerca da alimentação e da digestão foi a comprehensão da importancia fundamental que têm o modo de preparar e a maneira de se apresentarem os alimentos. A primeira secreção de succo gastrico é provocada por factores psychicos dependentes do aspecto, cheiro e demais qualidades do alimento a despertarem o appetite.

A arte da cozinha adquire, assim, um grande relevo. Ella não é absolutamente uma occupação secundaria, que diminua no quer que seja as pessoas por ella se interessando. As mulheres, quando têm aspirações feministas, manifestam logo a vontade de se verem livres da direcção da cozinha. Que maneira errada de comprehender tanto o feminismo como a cozinha!

Se ellas soubessem que a arte culinaria se torna cada vez mais complicada e mais interessante, que, em futuro proximo, essa arte talvez venha a se colocar ao lado da arte do medico, é possível que comprehendesse quão errado é esse antagonismo entre as suas aspirações sociaes e as suas obrigações de dona de casa.

Não ha nenhum exaggero em affirmar que, para comprehender o modo de preparar certos pratos, e, em alguns casos, mesmo para bem preparal-os, é necessario ter conhecimentos bem adeantados de physico-chimica e de chimica biologica. Quem quizer se convencer disso não tem outra coisa a fazer senão ler o livro recente do sr. Edouard de Pomiane. O sr. de Pomiane ou melhor, o sr. Edouard de Pomiane Pozeriski, é nada mais nada menos do que um conhecido physiologista do Instituto Pasteur, de Paris, que, em seus trabalhos scientificos, se assigna Edouard Pózerski. Os seus trabalhos de physiologia sobre a acção de certos fermentos, como a papaina, sobre o mecanismo da secreção pancreatica, e sobre muitos outros assumptos, são apreciados dos profissionaes.

Ha alguns mezes, de Pomiane fez

uma série de conferencias, principalmente na "Université des Annales", sobre a cozinha scientifica. Essas conferencias tiveram um immenso successo, e um successo igual terá, certamente, o livro. Este se intitula "Bien manger pour bien vivre — Essai de gastronomie théorique". O prefacio é escripto por Ali-Bab, pseudonymo culinario de um engenheiro, irmão de um dos mais notaveis neurologistas de Paris, e autor de um tratado pratico de cozinha.

O primeiro capitulo do livro de de Pomiane trata da gastronomia em geral. Com muito methodo e clareza são apresentadas as definições, e o autor faz uma delimitação exacta do assumpto. Elle precisa as qualidades necessarias para ser um bom cozinheiro, sem esquecer, naturalmente, a instrucção e a cultura. Os capitulos seguintes se occupam das bases scientificas da gastronomia. Nelles são estudados os cyclos da materia e da energia, a composição chimica e as funções dos alimentos, o mecanismo da digestão e da secreção dos succos digestivos, a absorpção e a assimilação, e, finalmente, o papel dos sentidos e do psychismo.

Nesses primeiros capitulos, as questões puramente scientificas são tratadas de um modo attraente, claro e preciso. Na parte referente ás relações do psychismo e dos alimentos, de Pomiane affirma a sua convicção do papel educador da gastronomia. Bem entendido, ser gastronomo não é, como se poderia pensar, comer em demasia. Ao contrario, o bom gastronomo só come o que deve, mas o faz de um modo agradável e são. A gastronomia é uma fonte continua de educação e de aperfeiçoamento para os nossos sentidos e a nossa intelligencia, diz de Pomiane. Para elle, "a gastronomia evolue diariamente com a civilização"... "As nações ultra-civilizadas são nações de "gourmets". Só possuem grandes cozinhas, com incontestavel originalidade, as nações que attingiram uma cultura elevada, e que possuem essa cultura ha muito tempo. No capitulo referente aos queijos, de Pomiane nos assevera que só "as nações que

tiveram uma Renasença artistica têm uma gamina de queijos”.

Essas opiniões nos fazem muito lembrar o que escreveu Eça de Queiroz, em seu estudo ‘Cozinha Archeologica’. Algumas de suas proposições são dignas de memoria. Assim esta: “Dize-me o que comes, dir-te-ei o que és”. Ou esta: “Um lombo de vacca preparado em Portugal, em França ou em Inglaterra, faz comprehender talvez melhor as differenças intellectuaes desses tres povos do que o estudo das suas literaturas”. Ou esta outra ainda: “O homem põe tanto de seu character e da sua individualidade nas invenções da cozinha, como nas da arte”. Eça de Queiroz, que parece nunca ter podido se entregar aos prazeres da mesa, tinha uma grande admiração pelos bons garfos. Nesse artigo, elle reclama estudos cuidadosos da cozinha dos antigos, para bem poder elucidar os problemas que a antiguidade apresenta.

Os capitulos seguintes do livro de de Pomiane expõem o que ha de essencial sobre as refeições, os regimens e os “menus” exige a collaboração da intelligencia, do gosto, da educação. Os “menus” officiaes revoltam profundamente o autor, com as suas séries prestabelecidas de pratos classicos e por demais conhecidos. A cozinha dos differentes povos é estudada em seguida, constituindo essa parte do livro uma das mais interessantes. O autor parece só ter querido se occupar dos povos conhecidos por elle em suas viagens. Assim, não se encontram informações sobre a cozinha dos povos americanos, a não ser uma ou outra particularidade sobre o cozido argentino, ou o feijão á moda brasileira.

A parte referente aos grandes principios culinarios é a mais importante, sob o ponto de vista technico. Ahi se explicam os phenomenos que se passam em cada uma das operações fundamentaes da cozinha. Noções sobre o mecanismo da formação e estabilização das emulsões, sobre o ponto de fusão das gorduras, sobre as trocas osmoticas, intervêm para que se comprehenda o modo de preparar

um mólho, de se frigir um alimento, ou fazer um caldo. Muitas donas de casa talvez encontrem nesses capitulos as razões de insuccessos que tiveram ao tentar certos pratos. Para obter as celebres batatas soufflées é necessario o emprego de gorduras em temperaturas differentes. Qual o mecanismo dessa preparação? Ouçamos de Pomiane: “Em um primeiro tempo, os tecidos da batata, levados a uma temperatura média, soffrem uma coacção em sua agua de constituição, e amollecem; as paredes das cellulas vegetaes tornam-se menos resistentes, o amido se entumesce, e o vapor d’agua fica preso no interior da rodella de batata, graças á casca coagulada e levemente caramelizada, formada na superficie. Quando esse encolhimento dos tecidos chega ao maximo, lança-se rapidamente a rodella em um segunda gordura ardente, levada a uma temperatura muito superior a do primeiro banho. O vapor d’agua contido na batata é bruscamente superaquecido, dilatado, e distende os tecidos amollecidos no meio dos quaes elle se acha, só encontrando a resistencia da casca coagulada. Esta, graças á sua elasticidade, distende-se, carameliza-se sob a acção do forte calor, e fixa-se em sua nova fórma. A batata é “soufflée”.

O livro termina pela descripção de cada uma das materias primas usadas na alimentação e pela technica da conservação dos alimentos.

A cozinha brasileira, que não apparece e não poderia apparecer no livro de de Pomiane, mereceria, sem duvida, um estudo especial. Ella tem alguns aspectos originaes, e o seu estudo seria inda mais complicado, pela sua variedade, segundo as regiões do paiz.

Talvez esse trabalho viesse nos ajudar a comprehender alguns pontos obscuros da nossa propria mentalidade, se é verdade o que dizem de Pomiane e Eça de Queiroz...

Miguel Ozorio de ALMEIDA.

(“O Jornal”)

CARTA ABERTA A' MULHER MAIS
BELLA DO BRASIL

Senhorita.

Muito saudar nos deuses da Arte e da Belleza.

Lembraram-se em boa hora dous periodicos dos que mais acatamento gozam por estas lindas terras cariocas de abrir um concurso que por seu feitio logo se tornou publico e notorio; tanto que em breve se propalou *urb et orbe*, interessando até aos mais indifferentes porque continha em seus moldes o que possa haver de mais interessante — a mulher. Tratava-se de saber, dentre uma população de mulheres quasi todas bellas qual a mulher mais bella do Brasil. Difficilima e melindrosa missão. Tão difficil que levou tempo esquecida a pesquisa acurada e proficua; tão melindrosa que houveram de terçar por ella nobres armas, quaes sejam a da verdade e da justiça, os paladinos que no torneio se empenharam.

Eu confesso a minha calculada indolencia na questão. Deixei-me ficar quedo e silencioso no meu canto; outros que se lançassem ao campo arduo das indagações. Não votei, não cabalei. Que horror, Deus meus, se me obrigassem a dizer assim de prompto — qual a mulher mais linda da minha terra! Teria certo que opinar por todas, o que me traria sérios embaraços. Porque as que se julgam feias haviam de tomar-me á conta de grosseiro e de ironico, e as que se julgam bonitas haviam de increpar-me o tel-as ajuizado de mistura, sabido como é que não existe mulher que encontre semelhante em belleza, nem mesmo quando se morde de inveja aos dotes physicos da sua melhor amiga. Distante não quiz saber de dar o meu voto a nenhuma das minhas gentis patricias, preferindo muito geitosamente não ter politica a incorrer no desastre de qualificar-me na opposição.

Depois, era-me grato contemplar de olhos pasmos todas as photographias que os jornaes estampavam dos primores feminis que diariamente sur-

giam de todos os pontos deste nosso privilegiado torrão. Cheguei a abysmar-me á exhibição de tanta formosura. Raro era o dia em que novas remessas de estonteantes palmos de caras não appareciam para meu embevecimento. E de toda a parte. Desde as ricas de chapins dourados ás tristes cendrilhons de sapato emprestado. Mas, todas lindas, todas de enlouquecer um santo. \

Por fim, a apuração decisiva e o julgamento sensacional. Quem seria — indagava a curiosidade publica — a mulher mais bella do Brasil? Qual a presidente desta immensa republica de graça e de belleza? Soube-se um dia. Fostes vós a eleita, senhorita Zézé Leone; coube-vos a palma de perfeição indiscutivel. Compete-vos, pois, reinar no vosso reino encantador de graciosas subditas. Sois a mais bella.

Julgaram-vos os homens, no caso imparciaes e serenos. Figurae-vos agora por um momento, ré de belleza perante um tribunal em que os juizes fossem do mesmo vosso sexo. Estou já a vel-os, um por um, mil que fossem, dando-se por suspeitos no processo de um crime de que, a seu ver, todos participavam. E se dividissem, que appellassem para o voto de Minerva (Mineíva neste caso teria a forma oval e crystal de um espelho). Ahi, deante da deusa, ou deante de um espelho, haviam todos de constatar a veracidade dos argumentos. Juizes e julgadas, ou seriam absolvidas, como Phrynéa, pela dirimente da belleza pela sentença de um *delicto communum*.

Por vossa sorte, os homens vos julgaram. E os homens costumam ser juizes equilibrados quando se trata de mulheres. Acham logo que todas são bellas, no que procedem com elevado senso juridico.

Tal, entretanto, não se deu com-vosco. As bellezas eram mil. O tribunal ia aos poucos eliminando as provas, não sem protesto de inequivoca excusa, e pondo-as de parte, para outra vez. Isso lentamente ajuizadamente. Até que finalmente restavam quatro: as quatro lindas entre as lindas. E dentre ellas, dominando

ufana, via-se a vossa incontestavel victoria.

Foi publicado o vosso nome a ornar a expressão da vossa physionomia. Todo o Brasil está hoje sabedor de que o expoente maximo da sua belleza feminina é uma creatura que reside em Santos, e toda a tarde vae ao Guarujá, vae o Miramar, vae ao José Menino, espriar a sua plastica pelas areias mansas que defrontam o Oceano, sob a guarda cautelosa dos Itaipús.

Sabeis agora, linda santista, a responsabilidade que vos pésa? Com certeza que ainda nem o suspeitastes. E a par da responsabilidade, os multiplos dissabores que vos aguardam?

Antes do mais, diz-se que ireis viajar. Ora, viajar é uma delicia quando se desfruta do gozo egoistico do incognito. Isto não vos será possivel, primeiro porque vos trãe a vossa propria belleza. Toda a gente quereá ver, quereá contemplar essa creatura rara (para nós tão commum) que é uma mulher bella do Brasil. Se fôrdes á Europa, á França, a Paris que é ao mesmo tempo a capital do mundo e dos basbaques, haveis de irritar-vos extraordinariamente á vossa passagem pelos boulevards plethoricos de curiosos boquiabertos deante da mulher mais bella do Brasil. Se fôrdes á Asia, e vos perderdes em meio do torvelinho exótico das regiões legendarias, vereis com enfado como ante vós se deterá a multidão suspensa, e homens de uma casta excentrica, e mulheres de uma raça esplendida, ficarão fascinados — povo da fascinação e do extase — quando despontar na rua, em plena hora de agitação cosmopolita — a mulher mais bella do Brasil. Se fôrdes á America, a esse vasto e nevrotico paiz yankee do Tio Sam, onde a vida é a conquista material e absorvente do dollar, á vossa frente se opporá a barreira da turba, ciosa de novidade, que por um minuto, em honra a vós, impedirá no ar o grito homerico das fabricas e o resfolegar possante das catadupas, só porque passa entre a rudeza anonyma do trabalho, como um raio

eloquente de sol moço — a mulher mais bella do Brasil.

De regresso ao logar de onde partistes, já estou a ver-vos enfarada de tanta notoriedade. Já estou a ouvir-vos imprecar contra a vossa belleza, como um crente que subito blasphema contra o seu idolo, que assim tanto transtorno vos acarreta á existencia, e á paz dos vossos dias de belleza ignorada. Ia eu mesmo dizer — que sacrilegio! — que acabareis por pedir aos cãos a suprema mercê da fealdade, para socego vosso, sem me lembrar que tal pedido nunca fizeram labios de mulher.

Se conheceis, como penso, o Circulo Vicioso de Machado de Assis, é de crer que sendo sol de belleza como sois, antes preferissey não passar de um simples vagalume. Porque deve ser incommodo, deixae lá. Deve ser fastidiantes andar alguém sempre vestido com tão ricas vestes, que não podem nem se deseja tirar.

São esses os pequenos desgostos. Agora, os de monta. E' vingativo o vosso sexo, não desmentindo que a vingança... é das deusas. Nunca vos perdoarão as vossas adoraveis parceiras o vosso privilegio de ser bella. E nenhuma de certo vos achará esse prodigio de perfeição que as folhas annunciam. Dirão ellas, emquanto passaes calma e despreoccupada, empunhando o sceptro florido da vossa realeza.

— Olha, Fulana, lá vae a mulher mais bella do Brasil.

— Qual dellas? perguntará a outra fingindo não vos ter visto, quando bem vos viu.

— Aquella que além passeia com uma importancia de quem não é deste mundo.

— Que me dizes, Beltrana! Pois então, foi áquella semsaborona (!) que concederam o premio de belleza? Com aquelles olhos!...

— E aquella boca!

— E aquelle pescoço!

— E aquelles pés!

— E aquelle ar de santinha de pão ôco!

— E aquelle andar desenxabido de roceira!

— E quelle sestro de estar sempre a morder os labios...

— Em risco de tirar o meio kilo (!!) de carnim que elles têm.

— Livra! Que linguinha afiada, minha querida!

— Ora! São cousas que saltam aos olhos de quem quer enxergar.

Isso, senhorita Zézé Leone, é o que dirão as vossas inimigas. Dispensae-me, por Deus, de antecipar-vos o que sahirá da boca das vossas amigas.

Servidor humilde, que vos felicita e vos lastima a sorte.

Gastão Penalva.

O HOMEM DO RABECÃO

Eu fui sentar-me na roda do tenente Britto, deputado Prado e escriptor Valdomiro Silveira. Já se tornára habitual essa agradável reunião nocturna.

A sala de bailes fulgia nos seus esplendores. Dançava-se nervosamente, numa perfeita confusão da elegancia, de perfumes, de vozerio hysterico, mesmo porque onde ha mulheres ha sempre um tom de hysterismo. Sei dançar, não aprecio a dança, e nestes ultimos tempo não tenho dançado. Dest'arte, preferia espiar o ambiente em que se dançava. Contentava-me em vêr os pares cyrandolando: ligados os pés, ás pernas, unidos os bustos, os rostos...

A orchestra era orchestra jazzband. Violenta orchestra!! Igual nunca vira. Uma loucura no barulho, uma notavel irresponsabilidade na movimentação rythmica.

— E' a musica do seculo.

— E por ser do seculo nós temos de amal-a...

Meio em tudo, ouvia-se o gemido, languoroso e compassado, dum rabecão tangido por mãos sentimentaes. Era um como lamento bem sentido, bem profundo. Fiquei logo cahido de cantochão num inferno de barulhadas inexpressivas.

— Futurismo...

— Na dança e na musica.

— Ah, se elle fosse em literatura o que é nessa musica e nessa dança!

Pelo menos se entenderia alguma coisa...

Mas, o rabecão era tudo dentro de toda aquella trapalhada dos demonios. Era um tudo expressivo. Tocava-o um homem amorenado, mysteroso, de olhar cansado e longo. Juro como nunca surpreendi em ninguem tanta e tão commovente calma.

Que orchestra! Se era o pianista, muito magro, de cabeça raspada, pinoitava doidamente na cadeira como no dorso dum cavallo fogoso; se era o violinista, com sua cara antypathica e os seus sapatos mascarados, retorcia-se todo num goso idiota; se era o flautista, acurvado de espinha, testa escalvada, pendia para um e outro lado com vivacidades compromettedoras; se era o pianista, esse, oh! chegava a perder até a propria compostura, tal o seu character jazz-band, assimilado com alarmante facilidade; se era...

Enquanto isto, o homem do rabecão se mantinha integro, dentro duma linha devéras admiravel. Repito que já-mais deparci tanta calma num individuo, tanta serenidade num sujeito, tanta indifferença numa creatura.

— Irritante! Vou-me embora por não poder mais me conter.

— Amorteça um pouco o seu nervoso. E' o unico artista que existe alli.

— Aquella calma irrita.

— De facto, não ha paciencia que a suporte bastante tempo.

E o homem passou a ser conhecido pelo homem do rabecão. De manhã á noite, na sala de refeições, na sala de bailes, no dancing do casino, onde o jogo campava, lá estava elle pendido sobre o seu dulçoroso instrumento. Todos se remexiam na orchestra, menos elle, que em nada se alterava, absolutamente em nada. Sempre era o mesmo na roupa, o mesmo nas attitudes, o mesmo nos olhos cansados e longos. Não se sentava nunca. Em pé, em pé ficava todo dia, toda noite. Tinha-se a impressão de que elle não dormia. Realmente, tratava-se talvez dum caso extraordinario. Aquelle homem parecia não se fatigar na sua calma nem se aborrecer na sua serenidade.

— Quem sabe se na sua vida intima não é o contrario?

— Falam ser um bonissimo chefe de familia.

— E', dizem isso...

Certa vez, não me contive mais. Abandonei bruscamente os meus inseparaveis companheiros de repouso e marchei firme em direcção ao tablado. Ia disposto a brigar com o homem do rabecão: mumia de corpo, artista de alma. Commetti, então, um verdadeiro disparate. Perguntei donde lhe provinha a calma excepcional que se não corrompia com os pinoteantes furores musicaes de seus collegas de orchestra. A minha pergunta foi candente. Elle disse-me num sussurro quasi apagado:

— Bebendo.

Só esta palavra. Fiquei esmagado, intrigadissimo com a resposta. Commentando-a, cheguei a lamentar minha fraquesa, não rebatendo a insolita desattenção. Lembraram-me, porém, de que a pergunta fôra, antes,

muito mais insolente senão indiscreta do que a resposta. Concordei, consolei-me, e não mais pensei no caso.

No outro dia, manhã cêdo, fui ao costumeiro passeio na vizinha floresta, sombria e vèrde, cortada de rios marulhosos, povoada de passaros canoros. A caminho, pessei na estação da estrada de ferro para matar uma curiosidade. Era que um sujeito se achava estirado no chão. Cheguei-me para perto e espiei. Pois não eram aquelles olhos cansados e longos, agora semi-cerrados?

O homem do rabecão dormia na areia tão voluptuosamente como se estivesse envolvido em macias almofadas de sêda. E ao seu lado tinha a trahidora silenciosa companhia duma garrafa...

ADHEMAR VIDAL

Prata, Fevereiro.

(Do "A. B. C.", Rio)



AS CARICATURAS DO MEZ

Um homem prudente

Em torno da questão de armamentos tem surgido intrigas entre varios paizes sul-americanos.



— Porque você não fez a casa de cimento armado?
— Não, nada disso! Não quero ver o Brasil em complicações com paizes vizinhos . .

(D. Quixote, Rio)

FUTURISMO ETC. E TAL

(D. Quixote em S. Paulo)



A historia é velha: a estrangeira passa na aldeia com a sua beleza postiça e seu luxo de contrabando e logo a rapaziada se lhe atira no encalço sem saber para onde levará essa visão enganadora! E' preciso deter os moços e enxotar a cortezá!

(D. Quixote — Rio)

REFORMA-SE O ENSINO



— O ensino aqui é uma vergonha! Em casa, vendo o pequeno estudar, eu fico horrorizado!...

— ?...

— O menino vive as voltas com raiz quadrada!... Eu trabalho na lavoura ha vinte annos e nunca vi raiz nenhuma quadrada!...

(D. Quixote — Rio)

OS GUARDAS DE HONRA

(D. Quixote em S. Paulo)



— Palavra que até dá vergonha á gente, ser ladrão nesta terra! Deseja-se “roubar honestamente” mas estes brutos nem se mexem . . .

(D. Quixote — Rio)

A' PORTA DA EGREJA DE STA. CECILIA



A policia acabou com a mendicidade á porta das egrejas. Mas não se lembrou destes mendigos de amor! Não haverá um asylo para os coitados?

(D. Quixote — Rio)